

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**Tiago Luiz de Araujo**

**ASSEMBLEIAS DE CLASSE COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO  
DEMOCRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA  
COLABORATIVA NA REDE MUNICIPAL  
DE SÃO CAETANO DO SUL**

**São Caetano do Sul – SP  
2024**

**TIAGO LUIZ DE ARAUJO**

**ASSEMBLEIAS DE CLASSE COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO  
DEMOCRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA  
COLABORATIVA NA REDE MUNICIPAL  
DE SÃO CAETANO DO SUL**

**Trabalho Final de Curso apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação -  
Mestrado Profissional - da Universidade  
Municipal de São Caetano do Sul como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Educação.**

**Área de concentração: Formação de  
Professores e Gestores**

**Orientadora: Profa. Dra. Sanny Silva da Rosa**

**São Caetano do Sul – SP  
2024**

## FICHA CATALOGRÁFICA

ARAUJO, Tiago Luiz de.

Assembleias de Classe como estratégia para a gestão democrática: contribuições de uma experiência colaborativa na rede municipal de São Caetano do Sul / Tiago Luiz de Araujo – São Caetano do Sul – USCS, 2024. 127 p.

Orientadora: Professora Dra. Sanny Silva da Rosa

Dissertação (mestrado) – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Mestrado Profissional em Educação, 2024.

1. Gestão Escolar Democrática 2. Assembleia de Classe 3. Resolução de Conflitos 4. Pesquisa-ação 5. Pesquisa Colaborativa. I. Título. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul**

**Prof. Dr. Leandro Campi Prearo**

**Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa**

**Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro**

**Gestão do Programa de Pós-graduação em Educação Profa.**

**Dra. Ana Sílvia Moço Aparício**

Trabalho Final de Curso defendido e aprovado em 21/06/2024 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Sanny Silva da Rosa (USCS)

Prof. Dr. Nonato Assis de Miranda (USCS)

Prof. Dr. Ulisses Ferreira de Araújo (USP)

*Dedico este trabalho à memória de minha querida avó Gelsina Aparecida Rocha que, mesmo sem saber decifrar as letras e os números, foi a pessoa mais sábia que eu já pude conhecer. Uma mulher que mudou a minha vida, que trouxe luz e amor ao meu coração.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida, por tudo que me proporciona, pelas pessoas que coloca em meu caminho e por me agraciar com um ofício que dá sentido aos meus dias. Sou grato por sempre transformar os dias mais cinzentos em combustível para viver o melhor dessa existência.

Ao meu esposo, Vagner dos Santos Cardoso, que me ensinou a ver o lado bom da vida, me desperta, diariamente, os melhores sorrisos, me incentiva a ser melhor, com todo seu amor e bom humor. Obrigado por ser o meu companheiro de aventuras.

À minha orientadora prof<sup>a</sup> Dra. Sanny Silva da Rosa, toda minha gratidão e reconhecimento por me inspirar com sua generosidade e entusiasmo, por iluminar mentes carentes de sabedoria com seu autêntico jeito de ser. Aos professores Dr. Ulisses Ferreira de Araújo e Dr. Nonato Assis de Miranda por contribuírem com o desenvolvimento dessa pesquisa e por me inspirarem com tanta humildade.

À minha família que é meu alicerce, meu refúgio para todos os momentos, meu lugar seguro. Agradeço especialmente a minha mãe que viveu em prol da família, entregando a mim o que tinha de melhor: o seu carinho, cuidado e amor profundo.

Aos meus grandes amigos, primos e familiares que alegam os meus dias, que fazem a caminhada da vida ter mais sentido, brilho, alegria e sabor. Obrigado por me amarem, me aceitarem como sou, por todos os momentos que já vivemos e ainda vivenciaremos juntos.

À minha equipe querida que me ajuda a realizar sonhos, acredita em mim, no meu trabalho e me faz ser mais forte: Ana, Camilla, Elis, Gisele, Lisete e Margô. Sou grato por me apoiarem em todos os momentos, por dividirem comigo as conquistas e desafios diários de uma escola.

Ao maravilhoso grupo de professores que realizou essa pesquisa ao meu lado, compartilhando ideias e vivências, com tanto profissionalismo e bem querer. Serei eternamente grato pela história que escrevemos juntos: Adriana, Aline, Amanda, Bruna, Claudionora, Camilla, Gisele, Enoque, Theo, Karla e Soraia.

A todos meus ex-alunos, professores, funcionários, alunos e amigos da minha escola do coração, EMEF Senador Flaquer, muito obrigado por me constituírem enquanto indivíduo, por darem sentido e significado à minha trajetória.

À Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul pela concessão de bolsa de estudos parcial, possibilitando a realização desta pesquisa e por todo incentivo.

*Ensinou a amar a vida, não desistir de lutar, renascer da derrota, renunciar às palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e a ser otimista. Aprendi que mais vale tentar do que recuar... Antes acreditar que duvidar, o que vale na vida não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada.*

*Cora Coralina*

## RESUMO

Após o período pandêmico, as relações intraescolares se tornaram ainda mais desafiadoras. A violência física, verbal e virtual tem permeado o ambiente escolar, gerando grandes embates entre todos membros da comunidade escolar. Em um cenário cada vez mais carente de espaços democráticos de diálogo, este trabalho de pesquisa tem como objetivo principal investigar as contribuições da implementação de assembleias de classe nos anos iniciais de uma escola municipal de São Caetano do Sul, pela ótica da gestão democrática, embasado na concepção de Ulisses Ferreira de Araujo e Josep Maria Puig. Compreende o percurso histórico da educação brasileira e da democracia para o exercício da cidadania, em uma linha temporal que abrange as influências ancestrais sobre a contemporaneidade. Reflete sobre os elementos constituintes dos conflitos, seus benefícios para o desenvolvimento global do indivíduo e formas pacíficas de resolução. Metodologicamente classifica-se como uma pesquisa-ação colaborativa, referenciada por Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina e Michel Thiollent. Cumpre todas as etapas estruturais desse modelo de pesquisa por meio do planejamento coletivo, realização de seis seminários, propostas contínuas de ação-reflexão, de modo integrado ao grupo de pesquisa; analisando as influências ocorridas na gestão escolar. Pretende em seus objetivos específicos: realizar o registro documental de proposta de implementação de estratégias de gestão democrática em escolas da rede municipal de São Caetano do Sul; desenvolver, de forma colaborativa, um projeto piloto de implantação de assembleias de classe com professores dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul; formular uma proposta de institucionalização de assembleia de classe como política pública curricular no município de São Caetano do Sul, tendo como produto final diretrizes para implementação de assembleias de classe em formato de e-book. Após análise de resultados, é possível afirmar que as assembleias de classe contribuem para a melhoria das relações intraescolares, diminuição da violência, ampliação dos espaços democráticos de fala no ambiente escolar, interação entre pares, desenvolvimento da empatia, respeito, protagonismo docente e estudantil, formação de cidadãos conscientes que zelam pela preservação e ampliação da democracia

**Palavras-chave:** Gestão Escolar Democrática. Assembleia de Classe. Resolução de Conflitos. Pesquisa-ação. Pesquisa Colaborativa.

## ABSTRACT

After the pandemic period, intra-school relationships became even more challenging. Physical, verbal and virtual violence has permeated the school environment, generating major clashes between all members of the school community. In a scenario increasingly lacking in democratic spaces for dialogue, this research work's main objective is to investigate the contributions of implementing class assemblies in the initial years of a municipal school in São Caetano do Sul, from the perspective of democratic management, based on designed by Ulisses Ferreira de Araujo and Josep Maria Puig. It comprises the historical path of Brazilian education and democracy for the exercise of citizenship, in a timeline that encompasses ancestral influences on contemporary times. Reflects on the constituent elements of conflicts, their benefits for the overall development of the individual and peaceful forms of resolution. Methodologically, it is classified as collaborative action research, referenced by Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina and Michel Thiollent. Complies with all structural stages of this research model through collective planning, holding six seminars, continuous action-reflection proposals, integrated into the research group; analyzing the influences that occurred in school management. Its specific objectives are: to document the proposal for implementing democratic management strategies in schools in the municipal network of São Caetano do Sul; develop, collaboratively, a pilot project to implement class assemblies with teachers from the initial years of elementary school in a municipal school in São Caetano do Sul; formulate a proposal for the institutionalization of class assemblies as a public curricular policy in the municipality of São Caetano do Sul, with the final product having guidelines for implementing class assemblies in e-book format. After analyzing the results, it is possible to affirm that class assemblies contribute to the improvement of intra-school relations, reduction of violence, expansion of democratic spaces for speech in the school environment, interaction between peers, development of empathy, respect, teacher and student protagonism, formation of conscious citizens who care for the preservation and expansion of democracy.

**Keywords:** Democratic Management. Class Assembly. Conflict resolution. Action research. Collaborative Research.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Processo de desenvolvimento da pesquisa-ação .....	57
Figura 2	Realização de assembleia de classe em sala de aula .....	59
Figura 3	Realização de assembleia de classe na quadra escolar.....	60
Figura 4	Realização de assembleia de classe no pátio escolar .....	60
Figura 5	Alunos conhecendo o projeto.....	62
Figura 6	Alunos do 1º ano redigindo a ata .....	63
Figura 7	Potes de proposições e ata.....	63
Figura 8	Alunos conhecendo os materiais da assembleia.....	64
Figura 9	Realização de assembleia de classe no auditório escolar.....	66
Figura 10	Realização de assembleia de classe na biblioteca escolar .....	67
Figura 11	Primeiro encontro presencial com o grupo de pesquisa.....	68
Figura 12	Vídeo de assembleia.....	69
Figura 13	Vídeo de Ulisses F.....	69
Figura 14	Orientadora do projeto dialogando com o grupo de pesquisa .....	70
Figura 15	Ideia inicial para recolhimento das proposições estudantis .....	71
Figura 16	Reunião virtual.....	75
Figura 17	Assembleia com a psicóloga escolar.....	76
Figura 18	Instituição da assembleia na rotina escolar semanal .....	78
Figura 19	Alunos do 4º ano em assembleia de classe .....	80
Figura 20	Ata de assembleia de classe do 3º ano .....	81
Figura 21	Atividade colaborativa com alunos do 1º ano .....	83
Figura 22	Exemplos de crítica, sugestão e felicitações do 3º ano .....	84
Figura 23	Alunos participando da assembleia de classe.....	85
Figura 24	Aluna do 1º ano mostrando o produto final da aula .....	89

Figura 25	Alunos do 1º ano mostrando suas criações .....	89
Figura 26	Livro <i>A Assembleia dos Ratos</i> .....	90
Figura 27	Carta dos alunos do 7º ano .....	91
Figura 28	Carta dos alunos do 3º ano para o setor da merenda escolar.....	92
Figura 29	Artigo de Ulisses F. A .....	94
Figura 30	Espaço inclusivo e de valorização às diferenças .....	95
Figura 31	Participação de funcionária na assembleia .....	97
Figura 32	Vídeo de retrospectiva do projeto .....	98
Figura 33	Último encontro do grupo de pesquisa .....	99
Figura 34	Proposta de autoavaliação para alunos do 4º ano .....	100
Figura 35	Estrutura do Produto.....	113

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Dissertações e artigos levantados.....	51
Quadro 2	Regras elementares da assembleia de classe .....	61
Quadro 3	Exemplos de assuntos discutidos .....	65
Quadro 4	Dados das proposições da assembleia de classe do 5º ano.....	82
Quadro 5	Tabela presente no artigo de Ulisses F. A.....	101



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM	Associação de Pais e Mestres
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CECAPE	Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CUFSA	Centro Universitário Fundação Santo André
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior
GEPEM	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial de saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PPP	Projeto Político Pedagógico
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância ( do inglês: <i>United Nations International Children's Emergency Fund</i> )
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL</b> .....	15
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2 PROCESSOS DEMOCRÁTICOS: DO REAL AO IDEAL</b> .....	27
2.1 As relações intraescolares no contexto pós-pandêmico.....	29
2.2 Democracia e educação para o exercício da cidadania.....	31
2.3 Espaços colegiados e gestão democrática na escola.....	40
<b>3 ASSEMBLEIAS DE CLASSE: APRENDENDO A LIDAR COM AS DIFERENÇAS E CONFLITOS NA ESCOLA</b> .....	44
3.1 Educação e valores.....	46
3.2 Revisão de literatura.....	49
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO: TRANSFORMANDO TEORIA EM PRÁTICA</b> ...55	
4.1 Conhecendo a estrutura.....	58
4.2 Construindo laços.....	68
4.3 Chegadas e partidas.....	73
4.4 Aprendendo juntos.....	74
4.5 Ampliando o diálogo, a participação e a criação.....	78
4.6 Reflexão-ação.....	86
4.7 Formando cidadãos.....	93
4.8 Juntos somos melhores.....	98
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
<b>6 PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	113
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
<b>APÊNDICE A</b> AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA.....	121
<b>APÊNDICE B</b> TERMO DE CONSENTIMENTO.....	122
<b>APÊNDICE C</b> TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM DOS ALUNOS.....	124



## MEMORIAL

*Professor, “sois o sal da terra e a luz do mundo”. Sem vós tudo seria baço e a terra escura. Professor, faze de tua cadeira, a cátedra de um mestre. Se souberes elevar teu magistério, ele te elevará à magnificência. Tu és um jovem, sê, com o tempo e competência, um excelente mestre (CORALINA, Cora, 2007, p.136).*

Iniciei minha formação acadêmica aos 18 anos no Centro Universitário Fundação Santo André, CUFSA. Desde o início do curso, apaixonei-me pela área de estudo de Língua Portuguesa. Conheci mestres que inspiraram e constituíram a minha prática docente e profissional até os dias atuais. Lá fiz muitos amigos e pude compartilhar valiosos conhecimentos.

Logo após o término da primeira graduação, senti a necessidade de me especializar fazendo algo que me desse prazer ao estudar. Também escolhi o curso de Estudos Linguísticos e Literários devido ao alto nível dos mestres, que sempre me incentivaram a prosseguir. Tive o privilégio de ser orientado pela inesquecível professora Maria de Lourdes Ruegger Silva. Quão agradáveis e valiosos eram os nossos encontros, repletos de ensinamentos pedagógicos e humanos. Em meu árduo trabalho de conclusão de curso, abordei a visão dos flagelados sociais em Marcelinho Freire, autor proeminente da literatura contemporânea, vencedor do prêmio Jabuti em 2006. Aqui nasce o sonho de um dia poder fazer um mestrado.

Concursado pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul desde 2010, brotou em mim o anseio por fazer parte de uma equipe gestora educacional. Ter a graduação em pedagogia era um dos requisitos para a função. Nesta graduação, tive a oportunidade de aprender muito sobre gestão escolar, educação inclusiva, gestão de pessoas, planejamento estratégico, gestão democrática: aprendizagens que ressignificaram minha visão e atuação profissional.

Nasci em uma família muito humilde, de pouco estudo. Minha mãe cursou apenas a 4ª série, e meu pai concluiu o ensino médio, após os 30 anos, quando os filhos já tinham nascido. O que faltava de instrução sobrava em amor e trabalho, muito trabalho. Minha família laborava na feira e, logo cedo, eu e meus irmãos, Willian e

Ellen, acompanhávamos meus pais e avós. Sentíamos a responsabilidade de trabalhar com eles, nunca por obrigação ou exploração infantil. Sempre fomos incentivados a estudar, principalmente, por nossa mãe que sempre dizia: essa é a principal obrigação de vocês! A única cobrança em relação à escola era sobre o comportamento: Não quero ter reclamação. Obedeçam a professora!

Outra pessoa fundamental em minha formação como indivíduo e profissional foi minha avó materna, a quem eu tenho amor e gratidão sem medida. Após me levar à escola durante todo o primeiro ano, sempre me incentivou a estudar e a ler para ela. Mesmo sendo filha de professor italiano, minha avó era analfabeta. Desde pequeno, eu a levava ao banco e lia tudo o que ela pedia. Sentir o orgulho que ela tinha por mim, me motivava a aprender mais e ler cada vez melhor.

Aos 15 anos, comecei a trabalhar em uma loja de roupas. Consegui conciliar os estudos e o trabalho. Durante o ensino médio, fui convidado a participar de um grupo de estudos “para alunos que queriam fazer faculdade”. Era um grupo muito pequeno, mas muito unido, todos alunos de escolas estaduais sonhando em cursar uma graduação. Ao final do curso, realizamos o vestibular para a universidade federal. O resultado não foi conforme o esperado, contudo, a vontade de fazer parte de um ambiente acadêmico se tornou incontável. Aos 18 anos, recém-formado do ensino médio, consegui uma vaga na então disputada Fundação Santo André. Liguei para amigos e familiares, radiante de felicidade, afinal seria o primeiro membro da família a pertencer a uma universidade. Depois da alegria inicial, veio a dúvida: vou conseguir pagar os meus estudos? Meu salário à época era suficiente somente para pagar o curso. Foi então que minha avó se dispôs a me auxiliar com o transporte. Meus pais mantinham a nossa casa, mas não tinham como auxiliar nos estudos.

Foram quatro anos de muito empenho, principalmente no primeiro ano, devido à defasagem no ensino médio. A dificuldade financeira tornou-se um combustível para que eu nunca reprovasse. A vontade de ter uma vida melhor fazia com que a dedicação aumentasse. Grande foi a alegria quando pude fazer a colação de grau junto à minha família e amigos: um dia que eu jamais esquecerei, repleto de lágrimas, abraços e sorrisos. Senti uma gratidão profunda por realizar o sonho de toda minha família.

Todo estudante universitário acredita que, quando estiver formado, estará trabalhando, com uma boa colocação e uma excelente remuneração. Belo engano,

estava formado, mas continuava trabalhando na loja de roupas. Continuei acreditando no sonho de que um dia seria um professor concursado, teria minhas turmas e poderia exercer minha profissão com alegria e dignidade. Ingressei na pós-graduação em 2008.

No ano de 2009, uma colega de curso informou a todos sobre o concurso que ocorreria na prefeitura de São Caetano do Sul. Realizei minha inscrição com muita fé, entretanto, fortes eram os rumores de que a prova era muito difícil e apenas quatro vagas iniciais foram disponibilizadas. Para tornar esse período ainda mais emocionante, o concurso tinha duas etapas. Ao passar na primeira fase de conhecimentos específicos, meu coração transbordou de contentamento, e a ansiedade foi crescendo. No ano de 2010, recebi uma das notícias mais importantes da minha vida: fui aprovado no concurso em 2º lugar. Mais uma vez, liguei para amigos e familiares para comemorar essa grande conquista, pois agora poderia me dedicar ao que mais amava fazer: ensinar!

Iniciei minha trajetória na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul como professor de Língua Portuguesa na EMEF Elvira Paolilo Braido (escola de período Integral). Os desafios eram grandes, devido ao fato dos alunos passarem praticamente o dia todo na escola. Aprendi muito nesta escola com generosos colegas de profissão, realizei grandes projetos em parceria. Os alunos se tornavam indisciplinados quando a aula não era atrativa, o que motivava professores a se superarem. Entre 2010 e 2013, ministrei aulas para alunos do 6º ao 9º ano na disciplina de português, nas oficinas de Leitura e Redação e Orientação de Estudos de Língua Portuguesa.

Em qualquer profissão, trabalho ou atividade desenvolvida, agir com empenho, comprometimento, engajamento, profissionalismo, ética e motivação amplia a possibilidade de êxito do ser envolvido, de seus resultados e contribuições para a sociedade em que está inserido. No singelo poema Exaltação de Aninha (O professor), Cora Coralina diferencia, com muita ternura, o professor de um mestre. Para ela, existem características fundamentais ao jovem professor que deseja evoluir em sua prática docente. Afirma que o melhor professor nem sempre será o que tem mais conhecimento, mas o modesto, que consegue transferir o que sabe, que mantém o respeito e a disciplina: "*Feliz é o professor que aprende ensinando*" (Coralina, 2007).

Imbuído de muito entusiasmo, desejo de evolução profissional e anseio por contribuir com a sociedade, iniciei minha trajetória docente na única escola de período integral dos anos finais do ensino fundamental, com aproximadamente 400 alunos na faixa etária de 11 a 16 anos.

Exercer a docência de modo profícuo nesta unidade escolar era uma tarefa desafiadora, devido a vários aspectos: indisciplina e agressividade dos discentes, vulnerabilidade social (alguns alunos moravam em abrigo), falta de participação familiar, carga horária de estudos extensa (50 horas semanais), falta de apoio da equipe gestora e auxílio multidisciplinar, além de um prédio escolar, arquitetonicamente, desprovido de ambientes adequados ao ensino integral.

Apreendi muito nesta unidade de ensino com generosos colegas de profissão; com eles, realizei grandes projetos que me encham de orgulho. Gradativamente, fui construindo um caminho repleto de amor, superação, respeito, confiança e reciprocidade com toda comunidade escolar. Percebi que muitos alunos se tornavam indisciplinados ou menos produtivos quando não se sentiam pertencentes ao ambiente escolar, não eram ouvidos, não se sentiam respeitados pelo professor, funcionários ou equipe gestora, quando a aula não era atrativa ou não compreendiam a utilidade dos conteúdos ministrados.

Por estar dez horas diariamente no ambiente escolar, o aluno inserido no ensino integral revela todas suas “faces” de forma mais acentuada na aquisição de conhecimento, competências e habilidades, na demonstração de fragilidades e dificuldades, no relacionamento interpessoal com pares e professores, na resolução de conflitos, no desenvolvimento humano, de cidadania e ética.

Em busca de conhecimento, qualificação profissional e aperfeiçoamento de minhas aulas na escola de período integral, participei de uma oficina formativa, no ano de 2012, no CECAPE – Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação de São Caetano do Sul, cujo tema era: A Assembleia de Classe.

No ano de 2014, ingressei na EMEF Senador Flaquer, a primeira escola de São Caetano do Sul, fundada em 1920, com mais de 600 alunos. Lecionando para uma clientela humilde e carente, pude sentir o que é ser respeitado e admirado como profissional. Fui abraçado por uma comunidade que valoriza o trabalho dos profissionais. Alunos carinhosos e comprometidos faziam os dias serem prazerosos e o trabalho gratificante. Realizamos concurso de soletração, peças teatrais, saraus,

mostras culturais, encontro com autores: projetos e momentos que marcaram a minha vida e dos alunos. De 2014 a 2016, lecionei para alunos do 6º ao 9º ano, como professor de língua portuguesa, reforço de língua portuguesa e teatro.

No ano de 2017, fui convidado a participar da equipe gestora da EMEF 28 de julho, uma escola de grande porte com mais de 1100 alunos. Exerci a função de assistente de orientação educacional por um ano. Em 2018, tornei-me o orientador educacional do fundamental I e II da unidade escolar. A experiência na Orientação Educacional nos aproxima das dificuldades apresentadas por alunos e professores, sejam elas emocionais, físicas, mentais ou sociais.

Em 2019, retornei à minha escola do coração, a EMEF Senador Flaquer, agora como diretor escolar da unidade, fato que me enche de orgulho e satisfação. Atualmente, atendemos 692 alunos no ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e fundamental II (6º ao 9º ano). Tenho desenvolvido, junto à minha equipe, um trabalho reconhecido por toda comunidade escolar, proporcionando aos alunos um ensino de qualidade em um ambiente acolhedor, propício à realização de atividades multidisciplinares e vivências, que enriquecem a trajetória de alunos, professores, funcionários e familiares.

Após o período extremo de pandemia, resolvi me aventurar pelo mestrado, convicto de que serei agraciado pela rica troca de conhecimento com meus novos professores: afinal, somos eternos alunos da vida! Fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de São Caetano do Sul tem ampliado meus horizontes profissionais, pessoais e aprimorado meu fazer pedagógico. Vinicius de Moraes e Baden Powell, no *Samba da Bênção*, afirmam que “a vida é a arte do encontro”. Sou muito grato por todos os encontros que a vida já me proporcionou, dentre eles, o mais recente com a minha professora e orientadora prof<sup>a</sup> Dra. Sanny Silva da Rosa que tem despertado o que há de melhor em mim, com muita sabedoria, generosidade e altivez.

# 1 INTRODUÇÃO

*A observação da realidade educacional pode nos dizer muito: pode nos ajudar a corroborar ideias e teorias, pode nos surpreender e nos mostrar coisas que não esperávamos, pode nos obrigar a modificar pressupostos teóricos e práticos; isso significa que a realidade é uma referência irrecusável de ideias pedagógicas e propostas educacionais. De fato, entre a reflexão e a realidade existe um elo circular: as ideias filtram a observação e “colorem” os dados, mas a realidade corrobora ou transforma as teorias (Puig, 1999, p. 14).*

Inesperadamente, somos surpreendidos por tragédias escolares. Alunos ou ex-alunos agindo de modo truculento contra outros colegas ou profissionais da instituição com o objetivo de ferir e matar, chegando a tirar a própria vida. Casos como o ocorrido em março de 2019, de acordo com a página G1 Mogi das Cruzes e Suzano, na escola estadual Raul Brasil, em Suzano/SP, em que dois estudantes invadiram a escola, desferiram tiros, matando dez pessoas e ferindo outras onze, estarrece a sociedade no mundo todo.

Ocorrências de violência nas escolas têm crescido muito nos últimos anos, e têm sido atribuídas aos efeitos da pandemia, à política de ódio e apoio às armas incentivado por lideranças de extrema direita, como a que ocorreu em escolas de Aracruz, Espírito Santo, recentemente (Oliveira, Nobres e Lopes, 2022).

Luciene Tognetta, dirigente do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral - GEPEM, salienta a transcendência da criação de políticas públicas imediatas que garantam o enfrentamento à violência nos estabelecimentos de ensino, também afirma que essa agrura é de incumbência de toda sociedade brasileira (Palhares, 2022).

Muitas atrocidades são provenientes do ambiente virtual, sites, blogs, aplicativos e novas redes sociais têm sido utilizadas para a disseminação de ódio, preconceito, incentivo à pedofilia, prática de crimes contra pessoas, animais, instituições, automutilação, ataques são recorrentes, em um ambiente sem regulação das famílias ou das autoridades competentes. Este ambiente tem se tornado hostil e altamente perigoso para crianças, jovens e adultos vulneráveis.

Por vezes, o indivíduo se sente atraído pelo ambiente virtual em busca de acolhimento, amizade, sentimento de pertencimento que deveriam ser exercidos pela escola e pela família. Obviamente, que a discussão das possíveis responsabilidades são extremamente complexas e envolvem muitas variáveis.

Segundo uma matéria publicada pelo G1 Tocantins e TV Anhanguera, em 2022, no recente período de pós-pandemia, professores e equipe gestora têm demonstrado muita insegurança e preocupação frente ao aumento da violência no ambiente escolar por parte dos estudantes e seus familiares. A cólera social que presenciamos em muitas escolas no território nacional é fruto de elementos que degradam a sociedade brasileira no ambiente extraescolar: violência intrafamiliar/doméstica, preconceito, desigualdade social, doenças mentais e emocionais, falta de diálogo e desenlace de divergências pacífico.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Nova Escola com mais de cinco mil professores, 65,8% dos profissionais afirmam que os estudantes estão mais violentos após a pandemia, para 97,9% dos entrevistados a violência compromete o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos estudantes. Segundo os participantes da pesquisa realizada de forma virtual, o desenvolvimento de doenças psicológicas, a falta de convívio social e a ampliação da disparidade social podem justificar o cenário atual (Palhares, 2022).

Posteriormente ao acontecimento de catástrofes no ambiente escolar, o assunto permeia os noticiários, redes sociais, rodas de bate-papo, gera muita comoção, sentimento de perplexidade e discussões sobre o tema. Com o tempo, essas tragédias caem no anonimato e tendem a reverberar somente quando outra fatalidade volta a assombrar o cotidiano.

Além de fatalidades que levam ao exício, experiências traumáticas na escola podem desencadear doenças emocionais como depressão, síndrome do pânico, transtorno de ansiedade. São comuns os relatos de pessoas que já sofreram ou presenciaram violência física ou verbal no ambiente escolar, que carregam marcas do bullying perpetuamente. Vidas marcadas por um ambiente tóxico, opressor, persecutório tendem a ser menos confiantes, altruístas, resilientes e felizes. Muitas vezes, aliado a um cenário familiar degradado, ao uso de drogas ou influência de conteúdos violentos, jovens e adolescentes se tornam justiceiros de si mesmos, querendo vingar suas mazelas, provocando sofrimento alheio.

Na tentativa de precaver fatalidades e criar um ambiente social/educacional mais acolhedor e agradável, é necessário refletir sobre quais medidas podem ser adotadas pelas instituições de ensino para que tantos jovens não criem aversão ao ambiente escolar ou desenvolvam um sentimento de rancor e trauma. Obviamente,

somente o trabalho da instituição não irá garantir o extermínio da violência, sendo essencial a participação da família e dos órgãos públicos para que os resultados sejam mais promissores.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento criado para que todas as escolas tenham um padrão mínimo de instrução, orienta que todas as escolas brasileiras precisam incluir as habilidades socioemocionais até 2020 em seus currículos, para assegurar o processo de formação integral dos estudantes. Dessa maneira, as escolas e os educadores precisam rever suas didáticas para incluir as competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao *bullying*.

De acordo com Casel (2015), investir em competências socioemocionais beneficia o aluno não apenas no desenvolvimento dessas competências, mas também no desempenho escolar de modo geral e na manutenção de uma sociedade pró-social. Portanto, para que as competências socioemocionais sejam trabalhadas no contexto escolar do aluno do século XXI, elas devem ser o foco de qualquer proposta curricular que venha a ser delineada a partir da BNCC. São exemplos de objetivos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular: Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender. Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman no livro *Modernidade Líquida* (2000), retrata a sociedade contemporânea, suas relações, modo de agir e pensar. Segundo ele, as pessoas estão mais instáveis, individualistas e imediatistas. A definição de liquidez está relacionada à: fluidez, maleabilidade, liberdade, instabilidade, falta de resistência a pressões externas e internas do indivíduo. Apresenta-se a falta de apego ao emprego formal, à educação, às relações humanas, ao modo tradicional de educar os filhos, não há um padrão de comportamento “formal”, valores éticos estruturados, relação de hierarquia ou obediência. Se por um lado são cidadãos leves, livres, fazem o que pensam, não se apegam a valores formais, por outro lado, não possuem resistência à frustração, nem resiliência, comprometimento com regras e compromissos exigidos pela vida social.

A sociedade líquida contemporânea contrapõe-se à geração rígida que possuía regras formais para a educação, estrutura familiar padronizada, visão de mundo “tradicional”, sujeitos mais arraigados às famílias, crenças, valores, empregos, moradia. Por ser considerada mais licenciosa, em muitos momentos, age de forma

despretensiosa, vivendo o presente sem refletir sobre o futuro, assimilando-se à célebre expressão do filósofo Horácio: “carpe diem, quam minimum credula pòstero”, aproveite o dia e confie o mínimo possível no amanhã.

Para educar no cenário atual, é necessário que haja um equilíbrio entre essas visões de sociedade e gerações, haja vista que uma sociedade precisa ser livre, autônoma, entretanto, precisa estar estruturada em valores sólidos que garantam sua existência e a convivência harmônica entre novas gerações e sua ascendência. A escola do século XXI precisa instruir cidadãos que consigam ter conhecimentos e habilidades para desenvolvê-los, sejam eles, pedagógicos, sociais, emocionais, financeiros, éticos, físicos ou culturais; pessoas que sejam capazes de utilizar o que sabem e o que são em prol da sociedade, de si mesmos, cientes e cumpridores de seus direitos e deveres.

A gestão escolar: professores, equipes gestoras e profissionais da educação necessitam receber formação qualificada em sua formação acadêmica para mediar conflitos no ambiente escolar, dentro e fora de sala de aula, para despertar o que há de melhor no público discente. Mais do que apenas transmitir saberes educativos, é preciso formar pessoas capazes de conviver harmoniosamente em grupo, saibam lidar com suas emoções, frustrações e respeitar os outros, de acordo com Freire (1996), *ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo*.

Cabe ao poder público, por meio de políticas públicas (leis, decretos e normativas), promover e assegurar que as escolas sejam um espaço para construção de conhecimento individual e coletivo, um espaço para o diálogo entre toda comunidade escolar, principalmente com os alunos em sala de aula, que prime pelo respeito às diferenças e valorização do ser humano.

Uma escola mais democrática, humana e incentivadora diminui a expansão da violência e das feridas emocionais entre os discentes. Ser democrático é respeitar os ritmos, as dificuldades, a linguagem e a cultura de cada um, em suas diferenças. As propostas não podem ser impostas. Precisam ser construídas e reconstruídas com as pessoas envolvidas (Vallim, 2004).

Para intervir é indispensável saber ouvir. A escuta ativa é uma ferramenta indispensável ao ambiente escolar, principalmente, no ensino fundamental. Alunos precisam se sentir confiantes e à vontade para expressarem suas histórias, ideias

frustrações, medos e problemas. A escuta ativa amplia a autoestima da criança, jovem e adolescente, fortalece o vínculo entre os participantes, demonstra autoridade sem a existência do medo, desenvolve a autoconfiança dos pequenos, jovens e adultos, estabelece a empatia entre pais e filhos, professores e alunos.

As assembleias de classe ou assembleias escolares são reuniões coletivas realizadas periodicamente pelos professores com a(s) turma(s) com o objetivo de dialogar com todos os envolvidos sobre questões do cotidiano escolar (estrutura física, social e comportamental de toda comunidade). O professor precisa assumir a postura de mediador para conduzir as discussões de modo imparcial e construtivo. Os estudantes, professores e equipe gestora podem propor temas relevantes para as assembleias com antecedência, sem citar os nomes de colegas, professores ou funcionários, preservando a identidade e integridade dos indivíduos. Durante as reuniões, todos os participantes precisam interagir de modo organizado, respeitoso e cordial. São bem-vindas às discussões: críticas, sugestões e congratulações. Desse modo será possível a disseminação da Cultura de Paz, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 13.663, de 2018.

No livro *Assembléia Escolar: Um caminho para a resolução de conflitos*, Ulisses Ferreira de Araújo discorre sobre as benesses da implementação deste recurso:

[...] permite, em sua prática, partindo do conhecimento psicológico de si mesmo das outras pessoas sobre o que é preciso para resolver os conflitos, chegar ao conhecimento dos valores e princípios éticos que devem fundamentar o coletivo da classe. Ao mesmo tempo, evidentemente, permite a construção psicológica, social, cultural e moral do próprio sujeito, em um movimento dialético em que o coletivo transforma e constitui cada um de nós, que transformamos e ajudamos na constituição dos espaços e das relações coletivas (Araújo, 2004, p.21).

A prática da realização de assembleias de classe visa democratizar o espaço de fala no ambiente escolar, podendo auxiliar na dialogia, mediação de conflitos, escuta ativa de estudantes, resolução de conflitos e fortalecimento da convivência democrática. Para Sastre e Moreno (2002), nossa formação nos tornou mais hábeis para lidar com o mundo físico do que com o social, aprendemos mais coisas do mundo exterior que de nossa própria intimidade, conhecemos mais os objetos que as pessoas do nosso convívio.

A escola que conhecemos tem seu grau de responsabilidade nesse processo de formação que ignora a importância das relações interpessoais e dos conflitos para formação integral dos seres humanos. Um currículo com base

apenas no mundo externo e com limitações espaço-temporais que prejudicam o trabalho com as relações humanas faz com que os sistemas educativos não cumpram com o importante papel que lhes é atribuído pela sociedade: o da formação de cidadãos que tenham as competências necessárias para lidar de modo ético com seus conflitos pessoais e sociais (Araújo, 2007, p.48).

Esta proposta de projeto de pesquisa teve por preeminência investigar as influências das assembleias de classe no cotidiano escolar e, de acordo com os resultados obtidos, fomentar a criação de normativas e decretos que viabilizem a inserção desta prática em escolas municipais.

A problemática apresentada visou responder à seguinte pergunta-problema: **As assembleias de classe podem contribuir para o desenvolvimento da gestão democrática?**

Tendo como objetivo geral verificar quais são as contribuições advindas de um projeto piloto de implementação e institucionalização de assembleias de classe nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul.

Seguindo, tínhamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Realizar o registro documental de proposta de implementação de estratégias de gestão democrática em escolas da rede municipal de São Caetano do Sul;
- b) Desenvolver, de forma colaborativa, um projeto piloto de implantação de assembleias de classe com professores dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul;
- c) Formular uma proposta de institucionalização de assembleia de classe como política pública curricular no município de São Caetano do Sul.

Após essa introdução inicial, o trabalho de pesquisa está organizado em três grandes seções: **PROCESSOS DEMOCRÁTICOS: DO REAL AO IDEAL**, que apresenta um panorama da educação contemporânea no período pós-pandêmico, estabelecendo um processo reflexivo e diacrônico com elementos da história educacional brasileira. Dando enfoque às relações intraescolares, dialoga sobre o exercício, a concepção e ampliação da democracia para a cidadania, dos espaços colegiados e da gestão democrática; **ASSEMBLEIAS DE CLASSE: APRENDENDO A LIDAR COM AS DIFERENÇAS E CONFLITOS NA ESCOLA**, esta seção aborda a construção e relevância do respeito à heterogeneidade característica das unidades escolares, por meio da educação e valores. Discorre sobre o conceito de conflito e sua importância para o desenvolvimento integral do indivíduo e de suas relações interpessoais; **ASSEMBLEIA DE CLASSE: TRANSFORMANDO TEORIA EM**

**PRÁTICA**, a maior seção desta pesquisa disserta sobre o processo de implementação: métodos, formação do grupo de pesquisa, conhecimento estrutural, realização das assembleias e seminários, reflexões, (re)planejamento e intervenções; seguidas pelas considerações finais, produto educacional e referências.

## **2 PROCESSOS DEMOCRÁTICOS: DO REAL AO IDEAL**

Em 11 de março de 2020, a OMS - Organização Mundial de saúde decretou o estado de pandemia no Brasil. Durante este período, nossa pátria vivenciou momentos de grande tensão, medo e preocupação com a saúde e bem-estar de sua população. O vírus mais conhecido coronavírus, responsável pela doença denominada covid-19, ceifou a vida de quase 689 mil pessoas até o presente momento, de acordo com o Coronavírus Brasil, site criado para divulgar, em tempo real, a quantidade de óbitos, casos confirmados, casos recuperados ou em acompanhamento. Com o objetivo de prevenir e resguardar a integridade física dos estudantes e familiares, abruptamente, as autoridades competentes suspenderam as aulas presenciais das unidades escolares.

A educação brasileira, em todo território nacional, ofertou um atendimento demasiadamente contrastante aos estudantes, escancarando as desigualdades sociais e intelectuais no país. Enquanto escolas particulares, com perfil socioeconômico e poder aquisitivo elevados, adaptaram-se de forma mais ágil às adversidades que se apresentaram - conhecimento tecnológico da classe docente para oferta de ensino remoto, criação de atividades e mídias, acesso a equipamentos tecnológicos (celular, tablet, computador, impressora), acesso à internet para a participação em aulas remotas, visualização de videoaulas, leitura de conteúdos disponibilizados em sites ou plataformas criadas pelas redes de ensino, acesso a material impresso, livros didáticos etc. - as escolas públicas, em sua maioria, viveram uma realidade contrastante, devido à falta de recursos tecnológicos, financeiros e assistenciais.

A realidade apresentada contrariou o artigo 205 da constituição federal quando afirma que “a educação é um direito de todos e dever do estado e da família”. Durante esse período, muitas crianças vivenciaram problemas que comprometeram seu desenvolvimento cognitivo, social, físico e emocional: morte de entes queridos, perda de renda familiar pela perda de emprego dos responsáveis, isolamento social, perda de moradia ou residências inapropriadas, falta de alimentação adequada e material escolar, entre outros fatores que agravam as desigualdades.

Devido à diversidade de acesso ao ensino, dinâmica familiar, dificuldade de acesso ao material pedagógico ou comprometimento dos estudantes e familiares com

o conhecimento durante a pandemia, no retorno às atividades presenciais, ficou acentuada a defasagem na aprendizagem entre os alunos, no convívio social, no cumprimento de regras e na rotina escolar: cumprimento de horários, realização de atividades e postura estudantil.

Além da perda pedagógica, o comportamento dos discentes e familiares foi comprometido com a interrupção das aulas presenciais. Observa-se a dificuldade de algumas crianças em participar das aulas, lidar com frustrações, aguardar a sua vez, atender comandos e respeitar os adultos, falar, escutar, dialogar, enfim, compreender seus direitos e deveres. Professores e equipe gestora precisam intervir constantemente na resolução de conflitos dos estudantes, até em situações simples, como a organização de uma fila. Criar espaços e tempos de diálogo, como o das assembleias escolares, pode ser uma estratégia para lidar com os conflitos e desenvolver a capacidade de escuta, pois:

[...] as assembleias são o momento institucional da palavra e do diálogo. O momento em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar tudo aquilo que os seus membros consideram oportuno. É um momento organizado para que alunos e alunas, professores e professoras possam falar das questões que lhe pareçam pertinentes para melhorar o trabalho e a convivência escolar (Araújo, 2004, p. 22).

Muitos pais ou responsáveis também procuram a unidade escolar de forma intensa e agressiva querendo sanar o “sofrimento” do(a) filho(a), ameaçando denunciar as queixas nas redes sociais, procurando políticos ou a secretaria de educação. Chegam a solicitar a “expulsão” de outros alunos, alegando que o(a) estudante foi empurrado(a) na fila, foi chamado(a) de “chato(a)” ou por não quererem ser amigos dele(a). Percebe-se uma intensidade no discurso e na ação dos adultos mais exacerbados em relação às crianças.

A unidade escolar precisa ponderar as ocorrências de forma ética e muito cuidadosa, fazendo os responsáveis se acalmarem e compreenderem que alguns pequenos conflitos são comuns e necessários para a cidadania, desenvolvimento social e emocional dos alunos, enfatizando que cada indivíduo possui uma criação diferente, com núcleos familiares distintos, que precisam aprender a pedir desculpas, a desculpar, resolver conflitos de forma autônoma, prezando pelo respeito mútuo.

Cabe à instituição dar ciência a todos os envolvidos nos conflitos, orientar cada família e estudante sobre a importância da empatia, da igualdade de direitos, da

convivência saudável e de como os adultos precisam se portar diante dos conflitos cotidianos envolvendo os alunos, primando pelo diálogo e equilíbrio, evitando sempre a resolução de modo violento.

## **2.1 As relações intraescolares no contexto pós-pandêmico**

Após a pandemia, as relações intraescolares se intensificaram ainda mais entre alunos, professores, funcionários e familiares. Em muitos casos, houve uma ruptura no relacionamento e vínculo estabelecido pelas famílias com a escola, gerando inúmeras ocorrências diárias, que em outros tempos seriam corriqueiras, todavia, no cenário pós-pandêmico os ânimos estão violentamente mais aflorados. Obviamente que em nenhum contexto pode haver a generalização, muitas famílias e alunos estreitaram ainda mais a cumplicidade com a instituição de ensino.

Reflexo de uma sociedade narcisista, imediatista, absorta pela velocidade da tecnologia, notamos que inúmeros alunos não sabem esperar, desejam que tudo seja instantâneo, apresentam dificuldade para compreender o seu direito à espacialidade no ambiente escolar, bem como as regras mínimas de convivência com os pares, não respeitam a ordem da fila, não aguardam sua vez para falar, não possuem empatia ou apreço em relação ao coletivo, resolvem conflitos mordendo, agredindo ou proferindo palavras de ódio. Devido ao distanciamento obrigatório, percebe-se que muitos perderam ou não chegaram a desenvolver a postura estudantil adequada para a convivência em sociedade.

Os responsáveis pelos discentes também apresentam intolerância à frustração. Em situações que se sentem contrariados ou “lesados” pela escola, pela secretaria de educação, professores, funcionários ou colegas de seu (a) filho (a), adentram o estabelecimento público de ensino com agressividade, arrogância, soberba ou intimidação, ampliam e dão magnitude para acontecimentos triviais e comuns ao cotidiano escolar, como um lápis quebrado, uma roupa que foi suja ou rasgada durante a realização de uma atividade, uma discussão ou desentendimento entre crianças.

Percebemos em muitos a falta de limites para a criação dos filhos. Pais que desejam e acreditam que o rebento deve ser feliz o tempo todo, que não deve se frustrar, chorar, reclamar, se sentir triste, incompreendido ou injustiçado. São adultos que não compreendem a importância do conflito para o desenvolvimento da criança; que não compreendem que o (a) estudante, em diversas situações possui um

comportamento inverso ao apresentado no domicílio para chamar a atenção do coletivo, para sobrepor sua vontade perante os demais ou para não acatar regras e orientações.

É notório, em várias situações, que os pais se desestabilizam com os relatos dos filhos sem ao menos darem direito ao contraditório. Procuram a unidade escolar, ansiosamente, exigem o atendimento imediato, insinuem que vão procurar instâncias superiores ou políticos influentes caso a situação não seja resolvida, chegam a ameaçar professores, funcionários ou pais de outros estudantes, de modo truculento. Não procuram a escola para ouvir a versão da instituição de forma amena ou com o objetivo de dialogar. Mesmo quando têm razão em suas reivindicações, solicitações ou queixas, acabam a perdendo pelo modo como agem.

É comum ouvir as frases: “meu filho não mente”; “eu conheço meu filho”; “ele não é assim em casa”; “em casa, ele não faz nada disso”; “a culpa é da escola”; “ninguém vai falar alto com o meu filho”; “se a situação não for resolvida, eu vou trocá-lo de escola”; “vocês têm que dar um jeito nisso ou eu vou fazer do meu jeito”. Esse tipo de fala ou comportamento gera ainda mais desconforto ao ambiente escolar.

Assim como o grupo de pais é heterogêneo em sua conduta, comportamento e modo de agir, o coletivo de professores e funcionários também se mostra díspar. Alguns acolhem as queixas dos genitores, demonstram empatia, exercem o poder de acolhimento, possuem uma postura pacificadora, apresentam um olhar atento e conciliador. Outros agem por impulso, proferem ofensas, agredem, ofendem, ameaçam, combatem a violência com cólera.

Funcionários e professores da rede particular de ensino tendem a ser mais condescendentes com a participação dos pais, ainda que exaltada, no colégio. Já na rede pública, muitos funcionários usam a aprovação em concurso público para anuência de sua postura, por vezes, inadequada, sendo intolerantes, intransigentes, improdutivos ou inóspitos com a comunidade escolar. A falta de compreensão de que o funcionário público está a serviço da sociedade - e não à mercê dela - gera atritos entre trabalhadores e os munícipes.

Cabe salientar que este trabalho de pesquisa, manifestamente, é contra o desacato ao funcionário público que necessita ser combatido como garante a lei no artigo 331 do código penal, no decreto-lei 2.848/40, de 7 de dezembro de 1940: Neste cenário conflituoso que se apresenta entre alunos, responsáveis, professores e

funcionários, o papel da equipe gestora (diretor, assistente de direção, coordenador pedagógico e orientador educacional) tem sido cada vez mais valioso e indispensável para a manutenção do equilíbrio das relações intraescolares. Cabe à equipe gestora, de forma humanizada, ser mediadora de conflitos entre toda comunidade escolar, de modo imparcial, sendo ouvinte atenta de todas as partes, incentivando o diálogo, com vistas à promoção do autocontrole, da autorregulação, do bom senso e da corresponsabilização de todos os envolvidos.

Esta é uma tarefa árdua no cotidiano escolar para um membro da equipe gestora. Nem sempre, os dois lados estão dispostos a assumir suas responsabilidades, falhas e contribuir para uma resolução pacífica. De acordo com a gravidade dos fatos, se faz necessária a intervenção de instâncias superiores como o conselho tutelar, guarda municipal e polícia militar.

A assembleia de classe pretende agir na origem dos problemas acima mencionados, sendo uma possibilidade para a prevenção de conflitos entre estudantes ou uma grande aliada na resolução dos problemas apresentados no ambiente escolar, evitando o agravamento das ocorrências que acabam envolvendo os adultos e tomando dimensões catastróficas.

## **2.2 Democracia e educação para o exercício da cidadania**

Para compreender o cenário atual das escolas em território nacional, é necessário rememorar o percurso histórico vivenciado pela educação brasileira. Somente em 1930, quatrocentos e trinta anos após o “descobrimento do Brasil pelos portugueses”, foi criado um ministério da educação conjuntamente com saúde e meio ambiente. No ano seguinte, um grupo de intelectuais redigiu O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que objetivava garantir um sistema de educação público, obrigatório e gratuito para todos até atingirem os dezoito anos. O documento lutava contra um sistema educacional elitista, voltado para as classes dominantes.

Em 1934, o direito à educação é integrado à constituição federal, contudo, somente é assegurado o direito ao ensino primário. Nas demais modalidades, a lei expressa apenas a tendência à gratuidade. Já no ano de 1937, cumprindo a lei nº 378, há um grande avanço na reforma do sistema de educação, sendo criada a universidade do Brasil, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais Anísio) pensado para avaliar a educação brasileira, museus, teatros, sistemas de rádio também são contemplados.

No ano de 1942, são definidos três graus de ensino: ensino primário para alunos de 7 a 12 anos; o segundo grau, designado como ensino normal, voltado para alunos acima de 12 anos que tinha objetivo de qualificar a mão de obra para a indústria, comércio, agricultura e ensino; e o terceiro grau (ensino superior) regido pelo Estatuto das Universidades Brasileiras. Somente em 1946, essa estrutura é assegurada pela lei orgânica do ensino primário e ensino normal.

Em 1953, o ministério da educação deixa o setor da saúde e restringe a competência à educação e cultura, sendo denominado como MEC (Ministério da Educação e Cultura). A primeira LDB (lei de diretrizes e bases da educação) teve sua criação datada em 1961, sendo crucial para o desenvolvimento da educação, descentralização das decisões tomadas pelo MEC, dando mais autonomia aos municípios. No ano vigente, surge o primeiro PNE (plano nacional de educação) que estabelecia metas para ampliar a qualidade da educação, que precisariam ser cumpridas em oito anos.

Apenas em 1971, o ensino se torna obrigatório para alunos de 7 a 14 anos, com a criação da Nova LDB, que seria promulgada apenas em 20 de dezembro de 1996. Em 1973, tem origem o CENESP (centro nacional de educação especial) criado para desenvolver políticas de atendimento aos alunos com deficiência.

Em 1993, após ser signatário da Declaração Mundial de Educação para Todos, documento criado na Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990, na Tailândia, o Brasil criou o Plano Decenal de Educação para Todos. O país assumiu internacionalmente o compromisso de garantir os direitos à educação e fomento à universalização da educação básica.

Em 2001, surge o Plano Nacional de Educação com vigência de dez anos, nele são propostas novas metas, incentivo financeiro aos estudantes do ensino superior por meio do FIES (Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior) e bolsa escola federal voltado para alunos de baixa renda, entre 6 e 15 anos. Em 2006, já denominado bolsa família, o recurso passa a monitorar a frequência e permanência dos estudantes nas escolas para a concessão do benefício.

Somente em 2015, é criada a BNCC (base nacional comum curricular), que abrange as aprendizagens essenciais a serem ministradas em sala de aula na educação básica, visando a melhoria do ensino. Ela é dividida em dez competências gerais que abrangem os diferentes tipos de aprendizagem: 1- conhecimento, 2 - pensamento científico, crítico e criativo, 3- repertório cultural, 4- comunicação, 5 - cultura digital, 6 - trabalho e projeto de vida, 7 - argumentação, 8 - autoconhecimento e autocuidado, 9 - empatia e cooperação, 10 - responsabilidade e cidadania.

Encerramos nossa explanação histórica da educação a partir da criação da BNCC para refletirmos sobre quão recente é a criação de aprendizagens e conteúdos que compõem o ensino brasileiro, de forma documental. Em todo percurso que acompanhamos, presenciamos a educação brasileira padecendo para garantir minimamente o acesso, gratuidade, permanência, alimentação nas escolas, bem como manutenção da qualidade estrutural das unidades escolares. As aprendizagens voltadas ao desenvolvimento social, atitudinal, emocional e relacional ficaram em segundo plano, sendo comumente responsabilizadas às famílias.

A utilização das assembleias de classe contempla majoritariamente as competências 8, 9 e 10 da BNCC, pois amplia o espaço de interação entre os estudantes possibilitando espaços para sua argumentação oral, escrita ou até mesmo digital, desenvolve o autoconhecimento e autocuidado, por promover reflexões sobre condutas e atitudes, desperta o sentimento de empatia, cooperação, responsabilidade e cidadania.

Segundo o dicionário Oxford, “cidadania é a condição de pessoa que, como membro de um Estado, se acha no gozo de direitos que lhe permitem participar da vida política”. Para compreendermos melhor o conceito de cidadania, construção política e democracia também realizaremos um caminho histórico que compreenderá esses três conceitos tão caros à assembleia de classe, por meio das ricas contribuições da escritora e filósofa brasileira Marilena Chauí e do autor Ulisses Ferreira de Araújo no livro *A Construção de Escolas Democráticas*.

Observando duas das civilizações mais antigas da humanidade: grega e romana, vislumbramos suas influências e contribuições para o nosso modo ser e agir em sociedade até o presente momento. O conceito de cidadania para a Grécia antiga é derivado do latim da palavra civitas, que significa cidade. Somente era considerado cidadão, a pessoa nascida em solo grego. Já para os romanos o conceito de

cidadania representava o poder político que uma pessoa possuía e os direitos que poderia usufruir.

A cidadania compreendia a participação de alguns cidadãos (homens livres, brancos, com poder aquisitivo mais elevado) em decisões coletivas com direito ao voto, criação de leis, autorização para se candidatar e exercer cargos públicos, respeitando-se os direitos e deveres estabelecidos. Mulheres, imigrantes e as classes mais pobres não podiam exercer plenamente os direitos à cidadania.

A política criada pelos romanos tem sua origem na luta de classes, derivada dos conflitos entre agricultores, artesãos, comerciantes, ricos e pobres devido ao aumento da urbanização, necessidade de delimitar territórios das propriedades, divisão das cidades, disputa pelo poder nas decisões econômicas e legais. Com a expansão das cidades, se tornou necessário estabelecer regras de diferenciação entre o que era poder público, pessoal e privado, divisão entre autoridades. Os cargos de governança e do setor público passam a ser exercidos mediante votação popular e não mais por hereditariedade, ou poder financeiro.

A política - termo originado de polis que representa os bens da cidade, atividade pública e direitos do cidadão - servia para proteger e fazer cumprir as leis criadas pelos humanos, que expressavam a vontade coletiva e seus anseios. As leis e direitos eram determinados a todos sem distinção, e não mais de acordo com a vontade de cada governante. Com a criação das leis, o estado detém o poder para exercer a força da justiça, não podendo mais ser realizada pelas mãos dos indivíduos, mas de acordo com as autoridades que julgavam e determinavam as punições que achassem prudentes.

Também foram responsáveis pela criação dos espaços públicos e políticos para decisões coletivas mediante votação, em Roma era designado Senado, já na Grécia as denominadas assembleias. Criaram os tribunais para garantias de direitos, um fundo público para delimitar os bens e patrimônios que pertenciam à sociedade, administrados por meio de taxas, impostos, tributos, para que não houvesse obtenção ilegal por parte dos mais ricos.

Para Aristóteles (1996), a política possui virtudes centrais estabelecidas pela: **ética pública**, considerada por ele a mais importante para exercer a justiça por envolver elementos subjetivos dos envolvidos, principalmente, a moral; **a justiça distributiva**, que contempla tudo o que pode ser dividido e partilhado, com vistas a

dirimir as desigualdades sociais; e a **justiça participativa** que estabelece a igualdade cívica em que o poder político pertence a todos, que requer o comprometimento individual do cidadão e sua prática democrática.

A origem etimológica da palavra democracia deriva-se do grego, *demos* - simboliza povo e *Kracia* significa poder ou governo. O conceito do termo surgiu na cidade de Atenas na Grécia em 510 a.C, atribuído ao político Clístenes, com a alcunha de o pai da democracia. O surgimento da palavra reflete o momento histórico, político e social que Atenas enfrentava. Com muitas reformas e apelo popular, o poder deixa de ser exercido de forma tirana, dando início a uma sociedade mais democrática politicamente.

Semanticamente, a palavra democracia carrega o simbolismo da dignidade, do compartilhamento de direitos, de responsabilidades, da justiça, da liberdade, parte do pressuposto de que todos possuem o direito ao bem comum: saúde, educação, moradia, alimentação, cultura, lazer. A democracia exige a equidade para o exercício da cidadania, assegura o direito de ser, de existir e de participar do processo de construção e desenvolvimento do local em que se exerce a função de sujeito. Para Bauman (2001) “A segurança que a democracia e a individualidade podem alcançar depende não de lutar contra a contingência e a incerteza da condição humana, mas de reconhecer e encarar de frente suas consequências”.

Com o avanço do imperialismo, a democracia fica ainda mais escassa. Imbuída fortemente da ideologia cristã, a sociedade acredita que os reis são seres míticos, enviados por Deus à terra para geri-la. Os governantes são coroados pelo Papa, são tratados como divindades e distribuem favores. A moral pessoal do líder é mais importante do que o seu desempenho perante às questões públicas.

O processo de democratização da América se intensifica a partir do século XVIII. Já a história da democracia no Brasil tem início em 1822 com a declaração da independência, após trezentos e vinte e dois anos de domínio do império português e da monarquia hereditária, tornando-se uma república apenas em 1889, no século XIX. Por mais de 41 anos, o país foi controlado por oligarquias agrárias de São Paulo Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Em 1934, com a promulgação da constituição, os brasileiros passam a ter direito ao voto secreto, ensino primário obrigatório, voto feminino, além da criação de leis trabalhistas, contudo, não seria nesse momento que o país teria o seu primeiro

presidente eleito de forma direta. Getúlio Vargas foi eleito pelos membros da assembleia nacional constituinte, ancorados no código eleitoral criado em 1932. Em 1937, ele derruba a constituição, fecha o congresso nacional, cria o Estado Novo, período repleto de autoritarismo. Permanece no cargo até 1945, quando sofre um golpe militar. Após ficar exilado, volta ao poder por meio do voto popular em 1951, permanecendo no poder até 1954, quando tira a própria vida. Entre 1945 a 1964, a eleição passa a ser organizada pela justiça eleitoral e ocorre de forma direta.

Neste período, é criado o princípio da igualdade e direitos, presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas). Criada em 1948, busca em seus trinta artigos assegurar a isonomia entre as nações. Este importante documento, do qual o Brasil é signatário, é referência na luta pelos direitos humanos até os dias atuais:

**Artigo 1º** - Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

**Artigo 2º** - Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (Organização das Nações Unidas, 1948, p.1).

Para Marilena Chauí (2021) não basta apenas termos a formalização das leis e direitos é preciso que eles sejam de fato efetivados. Ressalta ainda a importância da participação de todas as classes, principalmente as que mais sofrem, na garantia e construção de novos direitos que beneficiem a sociedade:

Graças aos direitos, os desiguais conquistam a igualdade, entrando no espaço político para reivindicar a participação nos direitos existentes e sobretudo para *criar novos direitos*. Estes são novos não simplesmente porque não existiam anteriormente, mas porque são diferentes daqueles que existem, uma vez que fazem surgir, como cidadãos, novos sujeitos políticos que os afirmaram e os fizeram ser reconhecidos por toda a sociedade (Lima & Oliveira, 2021, p.8).

Entre 1964 a 1985, após sofrer um novo golpe militar, o país vive a ditadura militar, que perdurou por vinte e um anos, privando direitos, perseguindo a liberdade de expressão, torturando oponentes, aniquilando a democracia. A escolha para presidente volta a ser de forma indireta, sem a participação do povo. Com o fim da ditadura militar em 1985, a nação brasileira criou expectativas em relação ao país cujo sistema educacional fosse mais democrático, participativo e inclusivo, que se

assemelhasse aos movimentos que revolucionaram o país. Contudo, a realidade mostrou-se aquém do anseio da sociedade (Drabach, 2013). Ainda em 1985, é formada uma nova assembleia constituinte que altera as leis vigentes.

A criação da Constituição Federal de 1988 é um marco no processo de redemocratização brasileiro. Ela trouxe muitos avanços para a garantia de direitos: gratuidade de acesso e incentivo à permanência, oferta de ensino de qualidade, erradicação do analfabetismo, desenvolvimento pleno do indivíduo, fortalecimento da cidadania. O documento ressalta ainda que é dever do estado e da família garantir a educação a todos, em coadjuvação com a sociedade. No ano de 1989, o Brasil voltou a eleger um presidente de forma direta e democrática, sendo assim até os dias atuais.

Contudo, a democracia brasileira tem sofrido fortes ataques nos últimos anos, principalmente, devido à postura de governantes que necessitariam fortalecer os três poderes (executivo, legislativo e judiciário), mas atentam contra a soberania do voto legítimo, maculam a imagem das instituições, de autoridades, deturpam ações, disseminam falsas matérias e insurgem uma parcela da população contra seus representantes. Infelizmente, ainda presenciamos a falta de democracia ou a ameaça constante dela ao redor do mundo, com guerras que atingem diferentes continentes, que ceifam vidas, devastam populações e seus países, pela disputa sobretudo de poder.

No cenário educacional atual brasileiro, a assembleia de classe pode atuar como uma excelente estratégia de desenvolvimento da democracia escolar. Sobre a importância dessa prática na educação para a cidadania Ulisses Ferreira de Araújo afirma:

[...] a educação para a cidadania e para a vida em uma sociedade democrática solicita um trabalho visando a construção de personalidades morais, de cidadãos e cidadãs autônomos, que buscam, de maneira consciente e virtuosa, a felicidade e o bem pessoal e o coletivo (Araújo, 2016, p. 15).

De acordo com Chauí (2021), “a democracia moderna é representativa”, e tem sido reduzida apenas ao regime político, pela sua estrutura organizacional e direito à participação nas eleições para eleger representantes municipais, estaduais e federais, que muitas vezes não representam os anseios da sociedade, nem elaboram leis e projetos que possam melhorar a vida das pessoas.

Em *O Futuro da Democracia*, Bobbio (2009) apresenta um panorama reflexivo sobre o processo de surgimento, evolução e futuro da democracia no mundo. Desde sua concepção na Grécia antiga até a contemporaneidade, discorre sobre o conceito da democracia direta e a democracia representativa. Para ele, a democracia pode ser definida como “um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos”. Afirma ainda que: “A democracia não goza no mundo de ótima saúde, mas não está à beira do túmulo”. Defende o “alargamento” da democracia representativa e da instituição da democracia direta.

A democracia direta foi exercida em Atenas no século V. Com populações bem reduzidas, era possível realizar as assembleias ordinárias com os cidadãos nas colinas para deliberações e proposições. Em situações extraordinárias, convocava-se um “referendum”, expediente usado para tomada de decisões urgentes. Com o aumento populacional e das demandas exigidas diariamente por estados, municípios e países, esse modelo exclusivo de democracia se tornou inviável, por não conseguir contemplar toda a sua população em tempo hábil para gerir os espaços públicos e atender à população.

Já a democracia representativa é concebida pela eleição de indivíduos para o exercício de cargos públicos, de acordo com a vontade da maioria dos eleitores. Tais sujeitos, após divulgação de suas figuras e planos de governo, “devem representar o seu eleitorado”, na teoria, de forma ética, produtiva, não agindo em benefício próprio, mas em prol da população. Em constante questionamento, em alguns países, este modelo suscita dúvidas e críticas sobre as formas como as eleições são realizadas, ampliação do poder do estado, tempo de mandato dos candidatos, lisura no processo de escolha dos representantes, bem como requisitos básicos para assunção ao cargo pretendido: ficha criminal, qualificação profissional e ética para o exercício do mandato.

A democracia atual precisa conceber os dois modelos que a regem, ampliando os espaços de participação das pessoas, de movimentos sociais, classes minoritárias, objetivando assegurar e amplificar os direitos, dirimir as desigualdades sociais e a divisão de classes velada. Também deve existir um controle e cobrança maior por parte das autoridades competentes e da sociedade civil sobre a conduta e desenvolvimento profissional dos representantes eleitos:

Onde a democracia direta é possível, o estado pode muito bem ser governado por um único centro de poder, por exemplo a assembléia dos cidadãos. Onde a democracia direta, em decorrência da vastidão do território, do número de habitantes e da multiplicidade dos problemas que devem ser resolvidos, não é possível e deve-se então recorrer à democracia representativa, a garantia contra o abuso do poder não pode nascer apenas do controle a partir de baixo, que é indireto, mas deve também poder contar com o controle recíproco entre os grupos que representam interesses diversos, os quais se exprimem por sua vez através de diversos movimentos políticos que lutam entre si pela conquista temporária e pacífica do poder (Bobbio, 1986. p.56).

A política brasileira atual, majoritariamente, é controlada por grandes partidos políticos, oligarquias que usufruem da força do estado para benefício próprio. Fazem da vida pública um trampolim social e mantêm o poder pela hereditariedade. Historicamente, somos governados por famílias que se sucedem no poder e nos cargos de controle, distantes da sonhada onicracia, que representa o governo de todos.

Como se afirmou várias vezes, o defeito da democracia representativa se comparada com a democracia direta consiste na tendência à formação destas pequenas oligarquias que são os comitês dirigentes dos partidos; tal defeito apenas pode ser corrigido pela existência de uma pluralidade de oligarquias em concorrência entre si. Tanto melhor porém se aquelas pequenas oligarquias, através de uma democratização da sociedade civil, através da conquista dos centros de poder da sociedade civil por parte dos indivíduos sempre mais e sempre melhor participantes, tornam-se sempre menos oligárquicas, fazendo com que o poder não seja apenas distribuído mas também controlado (Bobbio, 1986. p.56).

Na obra *Democracia e participação escolar*, os autores ressaltam a importância dos valores que uma escola democrática precisa possuir para o seu desenvolvimento integral. Também enfatizam como o envolvimento e a colaboração dos estudantes contribuem para o estabelecimento de um ambiente mais democrático.

Uma escola democrática deverá basear-se em um conjunto de valores que tenham vínculos com a liberdade, a autonomia e o desenvolvimento do espírito crítico, da iniciativa e da responsabilidade. Ao mesmo tempo, uma escola democrática se apoiará também em valores como a cooperação e a solidariedade, o espírito de grupo e a tolerância. Finalmente, uma terceira linha de valores estará constituída por valores procedimentais, como o diálogo e a autorregulação. Uma escola democrática supõe colocar em prática um conjunto de atividades que impulsionam a participação. As práticas de participação que tornam possível aos alunos e às alunas tomar parte ativa e significativa na vida da escola, quer dizer, nas questões relativas ao trabalho escolar, a convivência e a integração (Puig, 2000, p. 30,31).

Tanto os direitos à cidadania quanto à democracia são recentes e seguem constantemente e, globalmente, ameaçados. No Brasil, os ataques às instituições e aos sujeitos ocorrem, prioritariamente, por meio das redes sociais, do compartilhamento de fakenews, ameaças de golpe de estado, solicitação de intervenção militar, valorização da ditadura militar e de torturadores. Por meio das mídias e grupos virtuais, perpetuam-se os crimes de ódio motivados pelo preconceito: racismo, homofobia, machismo, homofobia, capacitismo, intolerância religiosa e xenofobia, dando visibilidade a seres e grupos abjetos que atentam contra a democracia e os direitos individuais, diariamente e ininterruptamente, nos espaços públicos e em seus redutos familiares.

Lutar pela preservação, ampliação da democracia e universalização de direitos é essencial para a construção de uma nação que, efetivamente, se inspire nos ideais da revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade, que esteja ancorada na garantia de direitos, promoção do bem-estar e do bem comum como defende Rousseau. Construir uma sociedade mais equânime, ética e empática, em todos aspectos, é uma missão para todos aqueles que compreendem sua função cívica.

### **2.3 Espaços colegiados e gestão democrática na escola**

De acordo com Paro (1992), a democracia contribui para o desenvolvimento da corresponsabilidade no processo educacional que requer o envolvimento de toda comunidade escolar. Segundo o autor, a educação como direito universal deve ser concebida coletivamente. Cada indivíduo, enquanto sujeito, reconhece a sua função e sua importância na gestão colegiada, contribuindo de modo significativo.

Cabe a escola e as redes de ensino ampliarem os momentos de diálogo e escuta entre os atores envolvidos no ambiente escolar, criando espaços democráticos em que todos possam ser ouvidos e se sentirem participantes. A criação de grêmios estudantis, conselho de escola, associação de pais e mestres contribuem para uma visão de poder compartilhado, em que todas as partes da instituição se sentem representadas. Contudo, tais órgãos não podem ser utilizados apenas para cumprimentos legais ou burocráticos, precisam ser vivos, participativos e propositivos, objetivando a melhoria da qualidade do ensino e das relações estabelecidas na unidade escolar.

... o envolvimento da comunidade em aspectos curriculares e de organização das aulas, valorizando a representação de coletivos tradicionalmente marginalizados, fomenta a democracia e promove a partilha das responsabilidades com os estudantes sobre o seu futuro e a sua formação. Ressalta-se, ainda, a importância das relações de liderança em que a autoridade é compartilhada com a comunidade e com os professores, estabelecendo nas escolas as condições para desenvolver práticas que levem a uma instituição mais justa e democrática. A participação deve ser constituída como um direito objetivo e subjetivo, enraizado no “eu” íntimo de cada um e de todos para a formação de subjetividades democráticas (Araújo, Costa e Ponce, 2019, p.22).

A efetiva participação dos membros e contribuições precisam ser compartilhadas com toda a comunidade escolar, visando a promoção do trabalho realizado e do que se pretende construir; partindo do pressuposto de que o indivíduo respeita mais o que ele conhece, do que faz parte e sente inserido, compreendendo que a educação que lhe é de direito precisa da sua contribuição.

A escuta ativa e a resolução de conflitos pacífica contribuem para o bom desenvolvimento do clima escolar. Escutar ativamente requer paciência, atenção e empatia. Percebemos em muitos pais, professores e alunos a vontade de serem ouvidos sem pré-julgamentos, presunções ou agressividade. Em um mundo cada vez mais tecnológico, narcisista e sem tempo, o ato de dialogar tem sido uma raridade. O dito popular: é conversando que a gente se entende, se faz cada vez mais essencial para a criação de um ambiente escolar mais harmônico e saudável.

Segundo Freire (2003), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Deste modo, concebendo conhecimento como tudo que já foi criado e o que ainda será desenvolvido, a escola, enquanto ambiente criador das possibilidades, precisa exemplar, mostrar bons modelos de resolução de conflitos, de escuta ativa, de acolhimento, de relação dialógica e de promoção das potencialidades.

A equipe escolar: gestão, professores e funcionários precisam compreender a importância do seu fazer profissional, do modo como se comunicam e se relacionam com as pessoas no ambiente escolar, visto que refletem a postura da instituição e possibilitam a reprodução de seu comportamento positivo ou negativo. Agir com sabedoria, parcimônia e resiliência são atributos imprescindíveis para quem trabalha em uma escola na contemporaneidade. Obviamente, somente o trabalho da instituição não irá garantir o extermínio da violência, sendo essencial a participação da família e dos órgãos públicos para que os resultados sejam mais promissores.

Promover espaços de diálogo, compartilhamento de saberes, opiniões e sugestões precisa se tornar uma ação constante em uma escola que deseja promover e assegurar a democracia. A criação de grupos de APM (associação de pais e mestres), grêmio estudantil, conselho de escola e espaços colegiados seguindo as orientações previstas em lei pode representar um grande avanço para o desenvolvimento de uma unidade escolar mais plural, acolhedora, sensível, que acolhedora, que se progride de modo coletivo.

Obviamente, esses espaços colegiados não podem servir apenas para cumprimento de obrigações meramente burocráticas, legais, para recolhimento de assinaturas em atas, em reuniões escassas ou nulas. A vivacidade dos espaços colegiados se dá mediante a sua contínua atuação, encontros contínuos, ambiente acolhedor e participantes engajados pela promoção de uma escola democrática e profícua.

Uma grande alternativa para a criação de um ambiente escolar menos violento é a criação de assembleias de classe ou assembleias escolares: reuniões coletivas realizadas periodicamente pelos professores com a(s) turma(s) com o objetivo de dialogar com todos os envolvidos sobre questões do cotidiano escolar (estrutura física, social e comportamental de toda comunidade). O professor precisa assumir a postura de mediador para conduzir as discussões de modo imparcial e construtivo. Os estudantes, professores e equipe gestora podem propor temas relevantes para as assembleias com antecedência, sem citar os nomes de colegas, professores ou funcionários, preservando a identidade e integridade dos indivíduos. Durante as reuniões, todos os participantes necessitam interagir de modo organizado, respeitoso e cordial. São bem-vindas às discussões: críticas, sugestões e congratulações. Desse modo será possível a disseminação da Cultura de Paz, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 13.663, de 2018.

Despertar em toda comunidade escolar o sentimento de corresponsabilidade e pertencimento amplia as possibilidades de êxito no ambiente escolar. Ao passo que o indivíduo se reconhece como parte integrante da escola, ele passa a respeitar, cuidar, auxiliar, contribuir e assumir compromissos benéficos à instituição. Esse processo de identificação, aproximação, corresponsabilização e pertencimento dos atores escolares se dá mediante a sua participação no cotidiano escolar: aulas, eventos, reuniões, decisões, passeios e todas ações que possam envolver o coletivo.

No livro *Dimensões da Gestão Escolar e Suas Competências*, Lück (2009) afirma que cabe ao diretor escolar promover e articular todos os espaços colegiados, visando a melhoria do clima escolar, promovendo um ambiente democrático, ampliando a interação entre os pares e garantindo o direito à aprendizagem.

### **3 ASSEMBLEIAS DE CLASSE: APRENDENDO A LIDAR COM AS DIFERENÇAS E COM OS CONFLITOS NA ESCOLA**

A sociedade brasileira, fisicamente, é extremamente heterogênea, sendo impossível caracterizá-la de forma uníssona. Somente essa heterogeneidade de aparências já é o motivo de grandes conflitos entre os estudantes, devido à diversidade de tons de pele, formatos dos cabelos, orelhas, dentes, peso corporal, estatura. As diferenças apresentadas entre os estudantes, muitas vezes, resultam em ofensas verbais ou físicas, apelidos jocosos, bullying e baixa autoestima.

Aliado às características físicas, o fator comportamental influencia de modo preponderante o convívio entre os estudantes. Ser extrovertido, tímido, educado, comportado, agressivo, agitado, lento, paciente, indisciplinado, impaciente, em demasia, pode ser um alibi para discussões ou entraves entre os estudantes. Desde o tom de voz, até o modo de se portar, andar, mexer os cabelos, se sentar, possuir muitos ou poucos amigos pode gerar desentendimentos. A pluralidade comportamental se deve à criação recebida pela família, convívio com outros adultos, exposição a traumas ou apenas um ato individual, determinado pela própria personalidade.

O contexto social também influencia de forma significativa o ambiente escolar e a interação entre os pares. O acesso às vestimentas, aparelhos eletrônicos, viagens, cultura, lazer, moradia, alimentação, realçam a desigualdade social, principalmente, na rede pública de ensino. Muitos estudantes sentem-se inferiorizados pela condição econômica ou são excluídos por outros colegas pelo seu poder aquisitivo.

A diferença em relação ao desempenho cognitivo dos estudantes afeta as relações. Alunos com deficiência, neurodivergentes ou com dificuldade de aprendizagem em muitos momentos sentem-se isolados, são alvo de comentários indesejados por parte dos colegas, professores, funcionários e familiares que não compreendem que o processo de desenvolvimento ocorre de forma única e individual.

A diversidade cultural, regional, política e religiosa são características constituintes da pluralidade da identidade brasileira. Indivíduos que apresentam condutas ou arquétipos dissonantes tendem a sofrer perante os grupos hegemônicos nas escolas. Comumente, o sotaque, as vestimentas, as tradições regionais, a devoção ou a inexistência da fé, ampliam os conflitos entre os estudantes. O ambiente

escolar, que deveria ser laico, tende a privilegiar as religiões de origem cristã e demonizar as crenças de matriz africana ou as que se contrapõem aos preceitos bíblicos. Em muitas ocasiões, a crença religiosa se une à visão política das famílias, reverberando as opiniões dos adultos, criando um ambiente de oposição e rivalidade entre os discentes.

O conceito de diferença não pode ser utilizado como marcação, estigma, segmentação. A diferença é uma condição humana, que deve servir apenas como condição da pluralidade e diversidade, jamais servir como instrumento de exclusão ou segregação. Estar inserido em uma escola ou ambiente educacional não garante ao indivíduo todos os seus direitos, é preciso fazer parte da instituição, estabelecer relações plurais, que influenciem em seu desenvolvimento social, cognitivo e emocional.

Integração não significa inclusão: incluir é uma necessidade urgente, é preciso dirimir obstáculos, garantir a todos o direito de ir e vir, de ser livre para poder usufruir do bem comum, de tudo que já foi criado e produzido pela humanidade. É preciso garantir a acessibilidade, a equidade na educação, que ocorre em todos os lugares e, principalmente, na escola.

Humanizar as crianças, desde a tenra idade, para o desenvolvimento de suas relações pode ampliar as chances de sucesso no convívio social. Conceber que as diferenças são inerentes à heterogeneidade da humanidade, que elas servem para unir e não desagrupar, contribuem para o desenvolvimento da percepção e reconhecimento entre os indivíduos.

A escola deve incentivar a valorização das diferenças, promovendo a diversidade nacional, regional e individual. Neste sentido, as assembleias de classe tendem a oportunizar momentos de reflexão coletiva sobre como o respeito às disparidades podem contribuir para a melhoria das relações, haja vista que todos têm os mesmos direitos à participação e oportunidade para relatar como se sentem perante o grupo de forma direta ou contribuindo com as discussões dos assuntos propostos nas reuniões. Durante os encontros, os alunos são sensibilizados a exercerem o sentimento de empatia e compreender como o outro se sente perante o preconceito, a discriminação, exclusão, isolamento ou condição que o afete na sua relação com o coletivo.

### 3.1 Educação e valores

A construção de identidade dos indivíduos ocorre de forma complexa por contemplar vários fatores: ambiente social, criação, vivências, estrutura psicológica e constituição de valores. No livro *Educação e Valores: Pontos e Contrapontos*, Ulisses Ferreira de Araújo descreve brilhantemente como ocorre o processo de construção dos valores. Ancorado na visão de Piaget, apresenta a ideia de que os valores são tecidos de acordo com as ações advindas da interação que o sujeito estabelece com as pessoas e o mundo:

...os valores são construídos nas interações cotidianas. Com este princípio, o autor recusa tanto as teses aprioristas de que os valores são inatos quanto as teses empiristas de que eles são resultantes das pressões do meio social sobre as pessoas. Nessa concepção de um construtivismo radical, os valores nem estão predeterminados nem são simples internalizações (de fora pra dentro), mas resultantes das ações do sujeito sobre o mundo objetivo e subjetivo em que ele vive (Araújo, 2007, p.20).

Segundo o autor, o indivíduo constrói os seus valores baseados na projeção afetiva que realiza sobre si ou sobre os demais, mediante as interações construídas no ambiente escolar, familiar e em todos os espaços. Essas projeções podem ser positivas e tendem a adquirir maior significação mediante a exemplos presenciados no cotidiano: ver uma criança referindo-se a um idoso de forma carinhosa e afetiva, presenciar o pai ajudando a mãe nos afazeres domésticos, contrariando a visão machista, ver sua professora confortando um colega que está chorando, por exemplo.

As internalizações absorvidas sobre si mesmo constituem a autoestima do sujeito, fator imprescindível para o seu desenvolvimento humano por toda vida. O desenvolvimento das projeções afetivas positivas relaciona-se aos sentimentos de alegria, confiança, amor, carinho, respeito, admiração, solidariedade, ética etc.

É essa ideia de um sujeito ativo que permite entender o princípio de que os valores são resultantes de projeções afetivas feitas nas interações com o mundo, em oposição a ideia de simples internalização dos valores, sofrida por sujeitos "passivos", moldados pela sociedade, pela cultura e pelo meio que eles vivem. É a ação do sujeito (representada pelo princípio da projeção afetiva) que nos ajuda a entender por que duas pessoas vivendo em um "mesmo" ambiente podem construir valores tão diferentes uma da outra. Se o processo fosse de simples internalização a partir da sociedade e da cultura, teríamos maior homogeneidade nos valores das pessoas, o que não se constata na realidade (Araújo, 2007, p.20).

Concomitantemente, as projeções afetivas desenvolvidas podem contemplar sentimentos negativos, sendo chamados de contravalores. Também são constituídos a partir das inter-relações obtidas com objetos (casa, colégio, igreja), pessoas (pai, mãe, professores) ou relações (convivência com os irmãos, colegas). Assim como as projeções afetivas benéficas, as projeções negativas ganham ênfase pelos exemplos presenciados: ver a mãe sofrendo violência doméstica, sofrer bullying por parte dos colegas, assistir a um ato de injustiça (roubo, sequestro, agressão verbal/física, exemplificadamente). As projeções negativas relacionam-se aos sentimentos de ódio, raiva, vingança, desprezo, desconfiança, egoísmo, medo, agressividade.

Cada pessoa é composta por um sistema de valores, dentre eles os morais e não morais. Esse sistema abstruso possui valores centrais e periféricos, ambos personalíssimos. A importância dada a cada valor é única e pessoal, decorre de sua identidade, da intensidade e motivação afetiva que lhe é dedicada:

Essa ideia de que os valores morais podem ser centrais ou periféricos na representação que o sujeito tem de si é muito promissora para se compreender a relação entre os valores (como elementos pertencentes ao sistema afetivo) e a ação das pessoas.

Na tentativa de sintetizar essa discussão entendo que no processo de desenvolvimento psicológico, durante toda vida, à medida que nossos valores vão sendo construídos, eles se organizam em um sistema. Neste sistema de valores que cada sujeito constrói (e que no fundo constitui a base de representações de si), alguns deles se “posicionam” de forma mais central em nossa identidade e outros, de forma periférica (Araújo, 2007, p.24).

As percepções do que é honestidade, certo ou errado, justo ou injusto, advêm da localidade em que são armazenadas no sistema de valores do indivíduo, e seu grau de relevância. Para muitas pessoas roubar pode ser algo extremamente errado, para outras pode ser um ato de “sobrevivência” ou algo corriqueiro. Alguns podem ter uma atitude considerada errônea e se sentir culpados, outros nem refletir sobre a infração cometida.

O que determina esse “posicionamento” é a intensidade de carga afetiva vinculada a determinado valor (ou contravalor) construído. Logo nossos valores centrais são aqueles que, além de construídos com base na ação projetiva de sentimentos positivos, têm uma intensidade de sentimentos muito grande. Por outro lado, construímos alguns valores cuja intensidade de sentimentos é pequena e, por isso, estão “posicionados” na periferia de nossa identidade (Araújo, 2007, p.24).

As ações do sujeito mediante sua compreensão moral podem variar ou não de acordo com o contexto em que ocorrem, por exemplo: uma pessoa pode achar errado matar, exceto, quando for em legítima defesa. O mesmo indivíduo que considera errado roubar (à mão armada, com uso de violência) pode ter desvios de conduta em relação à sonegação de impostos, compra de produtos falsificados, desvio de verbas públicas e crimes de colarinho branco.

Essa “diversidade ética” retrata a realidade contemporânea em que sujeitos matam em nome da fé, iniciam guerras em favor da soberania nacional, deixam crianças morrerem à míngua por falta de alimentos, usurpam direitos, propriedades, ferem e ofendem classe minoritárias, defendem atos misóginos, machistas, homofóbicos e preconceituosos, atacam os educadores e instituições de ensino com base na concepção dos próprios valores morais.

A escola como ambiente do saber precisa propiciar espaços democráticos de diálogo entre os estudantes, promover: a reflexão, o respeito às diferenças, o autorrespeito, a afetividade, o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, a resolução de conflitos pacífica, a autonomia para a criação de cidadãos ativos perante o seu processo de desenvolvimento, humano, ético, psíquico e social.

Propostas educacionais coerentes com tais princípios devem buscar reorganizar os tempos, os espaços e as relações escolares por meio da inserção, no currículo e no entorno escolar, de conteúdos contextualizados na vida cotidiana de alunos relacionados com os sentimentos, as emoções e os valores éticos desejáveis em nossa cultura.

Assim o universo educacional em que os sujeitos vivem deve estar permeado por possibilidades de convivência cotidiana com valores éticos e instrumentos que facilitem relações interpessoais pautadas em valores vinculados à democracia, à cidadania e aos direitos humanos (Araújo, 2007, p.35).

Obviamente, somente os esforços realizados pela unidade escolar não garantem o pleno desenvolvimento das projeções afetivas e a construção de um sistema de valores do indivíduo de modo profícuo, por se tratar de um processo muito complexo, contínuo e repleto de variáveis. Entretanto, é indiscutível a provável influência positiva (ou negativa) que a escola pode exercer na construção do indivíduo:

...o fato de termos compreendido o processo de construção de valores como incertos e aleatórios deve significar que a escola pode buscar estratégias que aumentem a probabilidade de que determinados valores éticos sejam alvo de projeções afetivas positivas de seus alunos e possam constituir valores para eles. Ao entender que os valores são construídos com base nas projeções de

sentimentos positivos que os sujeitos fazem sobre objetos e / ou pessoas e / ou relações e / ou sobre si mesmos, devemos considerar que a escola preocupada com a educação em valores precisa assumir uma nova forma de organização curricular, das relações em seu interior e com a comunidade em seu entorno.

A escola representa o ambiente com maior possibilidade de interações da criança com a sociedade. Indivíduos com criações diversas, gostos, aspectos e opiniões divergentes. Nesse ambiente tão heterogêneo, promover a paz, preservar a democracia e zelar convívio ético dos estudantes é um exercício árduo e indispensável.

### **3.2 Revisão de literatura**

Os referenciais teóricos que fazem parte deste projeto enfatizam o desenvolvimento da cidadania, do senso crítico, da ética, dos valores, de ações que promovam, por meio do diálogo e da gestão democrática, a melhoria contínua das relações interpessoais no ambiente escolar. Após o resultado das buscas iniciais realizadas em plataformas acadêmica, foi feita uma revisão de literatura sobre o tema, reunindo-se um acervo que embasa o desenvolvimento deste trabalho. Obviamente, durante o percurso desta pesquisa, outros escritores e trabalhos compuseram o corpo do documento.

O livro *Assembléia Escolar: um caminho para a resolução de conflitos*, de Ulisses F. Araújo (2004), ganha destaque de sustentação à pesquisa devido à proximidade e relevância ao tema. A obra discute a importância da realização de assembleia de classe, sua estrutura, modo de implementação e as contribuições para a resolução de conflitos no ambiente escolar. O autor também discorre sobre o exercício da gestão democrática perante os desafios atuais enfrentados pelo setor educacional.

Referente ao embasamento metodológico, os livros: *Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos* e *Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes* de Ivana Maria Lopes de Melo são o cerne do modelo de pesquisa adotada, sua constituição e procedimentos. Os livros abordam, de modo didático e elucidativo, os requisitos que uma pesquisa construída coletivamente precisa conter, apresenta exemplos de pesquisas colaborativas já realizadas que contribuem para a assimilação das características do método.

O livro *Metodologia da Pesquisa-Ação* de Michel Thiollent detalha as etapas características e exigências desse modelo de pesquisa que exige a participação efetiva dos envolvidos com a intenção de agir sobre a realidade. A referida obra fundamenta as ações desenvolvidas ao longo do processo de construção desta pesquisa.

A revisão de literatura deste projeto foi realizada, entre 13 e 19 de março de 2022, com base nas pesquisas da BDTD - Biblioteca de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos Capes, Scielo, Publisher, Web of Science e Oasisbr – Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto. Utilizando as palavras-chave: assembleia de classe / assembleia de turma / educação / escola, juntamente com o operador booleano AND foram encontrados, inicialmente, 551 resultados.

Ao utilizar o operador booleano NOT precedendo a palavra-chave: Assembleia de Deus, reduziu-se o número de trabalhos para 145 arquivos. Após a realização da leitura de todos os resumos, foram excluídos da base de dados da revisão de literatura os estudos que citavam a assembleia de classe como recurso para o desenvolvimento de práticas pedagógicas com letramento e alfabetização, ou que apenas referenciavam as assembleias de classe como um mero exemplo de uma boa prática escolar.

Após análise, a revisão atual conta com 10 resultados; todos trabalhos e artigos selecionados apresentam o tema assembleia de classe como eixo central, corroborando para o desenvolvimento desta pesquisa.

**Quadro 1 - Dissertações e artigos levantados**

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>DATA</b>
Assembleias De Classe e a Autoética Pela Perspectiva De Edgar Morin	Tordin, Denise Cristina e Samuel Mendonça	Pro-Posições	2022
A assembleia de classe como recurso didático para a construção da argumentação moral na educação básica	Oliveira, Cristiane Santiago de	UFSCAR	2021
Retecendo voz e vez: o papel das assembleias de classe na mediação e na resolução de conflitos	Tordin, Denise Cristina	PUC_CAMP	2020
Assembleia De Classe Como Espaço Educativo De Convivência, Autonomia e Problematização Da Realidade	Stucchi, Mariza Pavan; Sousa, Fabiana Rodrigues	Quaestio (Sorocaba, Brazil),	2020
A prática das assembleias de classe em uma escola da rede marista e sua relevância na concepção da educação integral	Conter, Clarice da Silva	UNISINOS	2018
A assembleia de classe como prática possibilitadora da vivência democrática: uma	Mantovani, Claudia Kampus	PUC_SP	2017

experiência com alunos do Ensino Fundamental 2			
As práticas morais e a aprendizagem de valores e regras: experiência com assembleias em uma escola pública de ensino fundamental I	Vanni, Verônica Nogueira	UNOESTE	2017
Educação Para Vida Social Democrática: as Assembleias De Classe No Ensino Fundamental.	Vanni, Veronica Nogueira; Dias, Carmen Lucia	Colloquium Humanarum	2015
A Indisciplina Na Instituição Escolar: o Trabalho Com Assembleias De Classe No Desenvolvimento De Crianças Morais Autônomas	Dias, Carmen Lucia; Colombo, T. F. da S.	Educação (UFSM)	2013
A democratização das relações interpessoais na escola : um estudo sobre as assembleias de classe	Marcilio, Roberta Bailoni	UNICAMP	2004

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2023)

Tordin e Samuel (2022), no artigo **Assembleias De Classe e a Autoética Pela Perspectiva De Edgar Morin**, abordam a constituição de assembleias de classe na rede municipal de ensino de Campinas, São Paulo, visando compreender os benefícios éticos dessa prática na perspectiva do autor Edgar Morin. O estudo contribui para a reflexão da importância do conflito e da resolução de conflitos no ambiente escolar, ampliando o desenvolvimento social do indivíduo.

Em sua tese de mestrado: **A assembleia de classe como recurso didático para a construção da argumentação moral na educação básica**, Oliveira (2021), discute, investiga e analisa como a realização de assembleias podem contribuir para a aquisição da competência da argumentação em uma perspectiva moral, conteúdo presente no currículo escolar para alunos dos anos finais do ensino fundamental, com base na Teoria da Ação comunicativa de Jürgen Habermas e na educação dialógica e emancipatória de Paulo Freire.

Tordin (2020) na dissertação de mestrado: **Retecendo voz e vez: o papel das assembleias de classe na mediação e na resolução de conflitos**, discute a importância da educação democrática e da ética na educação básica de escolas municipais de Campinas. Referenciando Edgar Morin, o trabalho consiste em compreender em que medida as assembleias de classe auxiliam no processo de desenvolvimento da cidadania dos estudantes.

No artigo **Assembleia De Classe Como Espaço Educativo De Convivência, Autonomia e Problematização Da Realidade**, Stucchi e Sousa (2020) investigam como as assembleias de classe, realizadas no ensino fundamental, podem favorecer a diminuição da violência e a resolução de conflitos. Apresentam as assembleias como um espaço democrático voltado à reflexão da realidade por meio do diálogo e da escola atenta de todos os participantes.

Em **A prática das assembleias de classe em uma escola da rede marista e sua relevância na concepção da educação integral**, Conter (2018) analisa como a prática de assembleias de classe para alunos dos 7º anos da Rede Marista contribuem para a mediação de conflitos, o combate ao bullying e o autoritarismo. O estudo apresenta as prováveis contribuições da assembleia de classe: exercício da cidadania, educação em valores, desenvolvimento da empatia, autorregulação, criação de ambiente democrático, ampliação do diálogo e da escuta.

Na tese: **A assembleia de classe como prática possibilitadora da vivência democrática: uma experiência com alunos do Ensino Fundamental 2**, Mantovani (2017) analisou as influências da assembleia de classe em uma escola da rede particular de ensino, localizada na zona oeste do estado de São Paulo. Referenciando Michael Apple, Josep Maria Puig, Ulisses Ferreira de Araújo, Telma Vinha e Jean Piaget, a autora discute sobre a estrutura, características, importância e concepção

das assembleias, bem como suas contribuições para a regulação das relações interpessoais, mediante à reflexão, o diálogo, vivência do processo democrático.

Vanni (2017), em sua tese: **As práticas morais e a aprendizagem de valores e regras: experiência com assembleias em uma escola pública de ensino fundamental I**, problematiza a violência e o excesso de conflitos que permeiam o ambiente escolar. Objetivando sistematizar e fundamentar a prática das assembleias, esse estudo de caso foi realizado com alunos da educação infantil e ensino fundamental, no interior de São Paulo. De acordo com a autora, as assembleias auxiliam no protagonismo dos estudantes, na melhoria do clima escolar e no desenvolvimento moral dos estudantes.

No artigo **Educação Para Vida Social Democrática: as Assembleias De Classe No Ensino Fundamental**, Dias e Vanni (2015) discorrem sobre o processo de construção da autonomia dos alunos no ensino fundamental I, refletem sobre a educação democrática e sua importância para a formação da cidadania. Apontam a realização de assembleias de classe como um recurso para o respeito às diferenças, exercício das práticas morais e construção de cidadãos autônomos e conscientes.

Em **A Indisciplina Na Instituição Escolar: o Trabalho Com Assembleias De Classe No Desenvolvimento De Crianças Morais Autônomas**, Dias e Colombo (2013) procuram evidenciar as benesses da assembleia de classe para a diminuição da violência, indisciplina escolar e melhoria da relação professor/aluno, objetivando a construção de sujeitos moralmente autônomos, por meio de relações recíprocas, éticas e morais. Enfatizam o importante papel das assembleias como um espaço aberto a toda comunidade para o desenvolvimento da democracia e da cidadania.

Marcilio (2004), em sua dissertação de mestrado **A democratização das relações interpessoais na escola: um estudo sobre as assembleias de classe**, descreve, identifica e analisa as ações, intervenções e atitudes de uma docente durante a realização de assembleias de classe. Partindo do pressuposto de que as assembleias corroboram para as relações interpessoais empáticas, o estudo, orientado por Ulisses Ferreira de Araújo, aponta que a postura do professor é um fator preponderante para o real estabelecimento de um ambiente democrático e dialógico.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO: DA TEORIA À PRÁTICA

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa servem de base e são instrumentos imprescindíveis para a elucidação do problema central: Como a implementação de assembleias de classe nos anos iniciais do ensino fundamental contribui para o desenvolvimento da gestão democrática?

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal, localizada em uma cidade da região metropolitana de São Paulo, com 15 quilômetros de extensão e cerca de 165 mil habitantes, segundo o Censo realizado em 2022. Há mais de uma década, a cidade possui o maior IDH (índice de desenvolvimento humano) do país, devido à qualidade de vida, da educação, saúde, mobilidade urbana, desenvolvimento econômico e do saneamento básico. No campo educacional, obtém excelentes resultados no IDEB (índice de desenvolvimento da educação básica).

A escola participante do projeto está localizada em um bairro menos abastado do município, apesar de estar próximo à região central, enfrenta problemas com enchentes e muita desigualdade social. A instituição é a primeira escola da cidade, possui 103 anos e uma longa tradição na educação municipal.

Objetivando investigar com vastidão o tema proposto, a classificação da pesquisa tem a abordagem qualitativa, sendo norteada pelo contexto em que o problema está inserido, pelas percepções e atributos de seus partícipes:

Cada uma das divisões da ciência também possui um lado qualitativo em que a experiência pessoal, a intuição e o ceticismo trabalham juntos para ajudar a aperfeiçoar as teorias e os experimentos. Qualitativa significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e compreensão humana (Stake, 2011, p. 21).

De natureza aplicada, o projeto busca obter saberes singulares, visando a compreensão da influência e contribuições da realização das assembleias escolares no ambiente escolar em séries iniciais do ensino fundamental, pela ótica da gestão democrática. No livro *Pesquisa Em Educação: Abordagens Qualitativas*, André (1986) afirma que a pesquisa qualitativa tem a realidade do cotidiano como base para fonte de informações e o pesquisador como ferramenta para a investigação.

Quanto aos objetivos, foi predominantemente descritiva, haja vista que relatou todas as etapas do processo de pesquisa, de modo detalhado, minucioso, para que o leitor compreenda como se deu a construção de implementação de assembleias de classe nos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola pública da rede municipal de São Caetano do Sul.

Metodologicamente, para realizar o registro documental de proposta de implementação de estratégias de gestão democrática em escolas da rede municipal de São Caetano do Sul, primeiro objetivo específico desta investigação, adotou-se a pesquisa documental. Os documentos que foram objetos de análise: currículo municipal de São Caetano do Sul, regimento escolar das unidades de ensino, plano municipal de educação de São Caetano do Sul.

A pesquisa foi realizada de modo colaborativo com as turmas dos anos iniciais de uma escola pública de São Caetano do Sul, composta por dez salas, aproximadamente 278 alunos, dez professores, além dos membros da equipe gestora: diretor, assistente de direção, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Deste modo, foi possível atingir o segundo objetivo específico: desenvolver um projeto piloto de implementação de assembleia de classe nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul, por intermédio de uma pesquisa-ação.

Colaborar, segundo Ibiapina (2016), “significa pensar-agir para criar possibilidades de compartilhamento das ideias, percepções, representações e concepções, com o propósito de criar condições de questionar, negociar e reelaborar.” O trabalho desenvolvido fundamenta-se na inter-relação humana, na construção de conhecimento coletivo por meio da ação e reflexão, transforma professores em pesquisadores, gera reflexões distintas por meio do diálogo, valoriza o discordante para que transformações e aprimoramentos ocorram no projeto, e na evolução profissional e pessoal dos integrantes.

O movimento colaborativo constitui processo que envolve pensar-agir, agir-refletir dos agentes participantes em forma de espiral, cujo fato crucial são as necessidades existenciais e que, por meio das mediações da reflexão crítica, conflitos são gerados e em decorrência, necessidades externas e internas se confrontam e, nesse embate de forças convergentes e divergentes, possibilidades são geradas para o desenvolvimento pessoal e profissional tanto de professores quanto de pesquisadores (Ibiapina, 2016, p. 26).

O projeto piloto de implantação de assembleias de classe ocorreu no segundo semestre de 2023, dispondo de uma aula semanal de cinquenta minutos, na matriz curricular de cada turma participante da unidade escolar. A quantidade de professores participantes, periodicidade dos encontros, formato inicial das assembleias de classe foram definidos nos encontros iniciais, seguindo os princípios democráticos da pesquisa-ação e orientações presentes no livro de Ulisses Ferreira de Araújo. A decisão de participar do projeto ocorreu, espontaneamente, por parte do grupo docente, assim como o encaminhamento de novas ações em todo percurso.

Para Thiollent (2009), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Seguindo os referenciais teóricos, a construção e implementação das assembleias de classe foi realizada de forma gradativa e coletiva, levando em consideração o conhecimento e contribuições de todos os envolvidos.

O estudo foi conduzido em forma de espiral reflexiva contínua. Esse modelo desenvolvido pelo criador da pesquisa-ação, Kurt Lewin, em 1946, considera que o processo de desenvolvimento da pesquisa é contínuo, em um movimento dialético, reflexivo, de ir e vir, compreendendo: ação e observação; revisão do planejamento; ação e observação; reflexão; planejamento.

**Figura 1.** Processo de desenvolvimento da pesquisa-ação



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2023)

De acordo com a decisão do coletivo, foram realizados seis seminários com o grupo de professores e equipe gestora para delineamento da estrutura inicial do projeto, apresentação de resultados, compartilhamento de ideias, proposição de novas ações, alinhamento de estratégias, acompanhamento contínuo e decisões coletivas.

Os encontros realizados com o grupo foram filmados, gravados ou transcritos, assim como as atas dos seminários e das assembleias de classe. Todos os registros fazem parte do acervo que compõe a trajetória da pesquisa. Foram cumpridos, integralmente, os cuidados éticos em pesquisa com os seres humanos observados, de acordo com os termos da Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Todas as fotos dos alunos e os materiais disponibilizados, de cunho pedagógico, possuem autorização de imagem e de distribuição, realizada no ato da matrícula de cada estudante. A realização da pesquisa foi concedida pela secretaria municipal de educação, cuja autorização se encontra anexa ao término das referências.

Efetuamos uma análise de conteúdo minuciosa de todo material coletado, com a finalidade de desenvolver sínteses. O livro *Análise do conteúdo* de Maria Laura Puglisi Barbosa Franco norteou esta etapa do trabalho alicerçado no conceito teórico, nas características, nas áreas de análise de conteúdo, nas unidades de análise, na organização e categorização da análise, assim como sua contribuição para o engrandecimento da pesquisa.

Compondo o referencial teórico, o livro *Análise de Conteúdo* da escritora Laurence Bardin apresenta técnicas para análise quantitativa e qualitativa dos dados, unindo técnicas e métodos com a premissa de interpretar os dados coletados de modo rigoroso e fidedigno.

#### **4.1 Conhecendo a Estrutura**

As assembleias de classe podem ser definidas como reuniões coletivas semanais com regras estruturais bem definidas, que visam contribuir para o seu pleno desenvolvimento. Prioritariamente, precisam auxiliar na resolução dos conflitos escolares entre os alunos de cada turma, também auxiliam na melhoria do ambiente escolar, por contemplar sugestões e felicitações dos participantes.

Elas precisam ocorrer em círculos para que os alunos possam se ver, se autorregular, estabelecer contato visual, desenvolver o sistema atencional e auditivo. A disposição da turma, tanto no modo estrutural quanto relacionado ao engajamento contribui para o desenvolvimento do diálogo. É necessário que o professor crie um ambiente acolhedor em que os estudantes se sintam livres para expressar suas opiniões sobre os mais variados assuntos, principalmente os mais delicados.

Os encontros podem ser realizados nos mais variados lugares: sala de aula, quadra, auditório, pátio, horta, jardim, desde que os estudantes estejam confortáveis. Deve-se evitar locais com muito barulho, calor excessivo ou com muito estímulo visual, que possam comprometer a atenção dos alunos durante as rodas de conversa.

**Figura 2** – Realização de assembleia de classe em sala de aula



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

Seguindo os princípios democráticos, torna-se imprescindível que a participação do docente-mediador nas assembleias seja voluntária para que os resultados sejam positivos. Fere a essência das assembleias, agir de modo truculento e impositivo com alunos e professores, que não podem ser obrigados a participar. Exercer a democracia desde o início do projeto desperta o sentimento de pertencimento, respeito e engajamento em todos os envolvidos.

**Figura 3 – Realização de assembleia de classe na quadra escolar**



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

Nas assembleias, o professor desempenha a função de mediador. Contribui para estabelecer o bom desenvolvimento das discussões. Ele coordena a condução dos diálogos, viabiliza proposições, constrói e articula coletivamente reflexões e ações a serem desenvolvidas pelas turmas.

**Figura 4 – Realização de assembleia de classe no pátio escolar**



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

As regras precisam ser disseminadas às turmas, previamente, e de acordo com a faixa etária dos estudantes, precisam ser retomadas constantemente.

### **Quadro 2 – Regras elementares da assembleia de classe**

#### **10 REGRAS ESSENCIAS PARA A REALIZAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE CLASSE**

1. *Fazer parte da rotina semanal;*
2. *Ser realizada de forma democrática;*
3. *Ser realizada em círculos;*
4. *Criar um ambiente acolhedor e participativo;*
5. *Ter a participação dos alunos por meio de bilhetes ou escrita em cartazes com críticas, sugestões e felicitações, referentes ao ambiente escolar;*
6. *É proibido expor o nome dos alunos, professores e funcionários, exceto quando for uma felicitação;*
7. *Não permitir a utilização de palavras ofensivas para se expressar ou se referir aos colegas, professores e funcionários;*
8. *Respeitar a fala de cada participante;*
9. *Falar somente no momento em que a palavra lhe for concedida;*
10. *Ter duração de 50 minutos a uma hora.*

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2024)

A assembleia de classe precisa fazer parte da rotina semanal da turma, com horário pré-determinado, que necessita ser cumprido fielmente, dando confiabilidade à proposta, geralmente, tem a duração de cinquenta minutos a uma hora. Todo encontro pode ser registrado em ATA com o que foi discutido com a turma. Não existe necessidade de formalidade no registro, é importante que o aluno registre com suas palavras ou coletivamente, para que faça mais sentido a todos.

Nas salas em que os alunos ainda não são alfabéticos, o registro pode conter apenas palavras ou desenhos, ou ainda ser feito um texto coletivo da turma com o (a) docente. O registro servirá simplesmente para destacar o que foi discutido e conversado com o grupo, dar mais ênfase aos combinados estabelecidos, criar um percurso com a turma e possibilitar a retomada de diálogos anteriores. Precisa ser um documento com a cara do estudante. Sugere-se que haja uma pasta para armazenamento das ATAS, de fácil acesso para consultas.

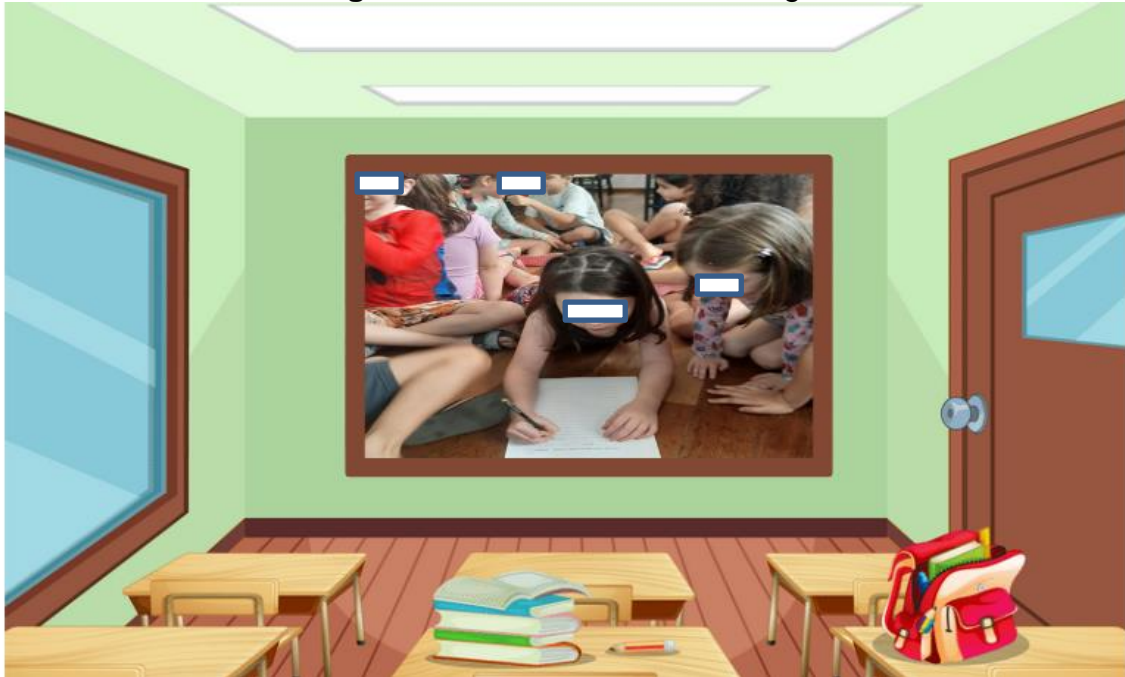
**Figura 5** – Alunos conhecendo o projeto



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

O professor, ao iniciar a assembleia, precisa solicitar, voluntariamente, quem pode auxiliar na abertura dos potes ou leitura das proposições feitas nos cartazes e quem pode fazer o registro da ATA. Em alguns protótipos de assembleia, a turma pode eleger um aluno para ser presidente da sessão e outro para secretário. Nessa pesquisa, a escolha para participação foi feita de forma espontânea e democrática, sem enfatizar cargos hierárquicos.

**Figura 6 – Alunos do 1º ano redigindo a ata**



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

Em seguida, após o sorteio do tema, precisará ordenar os alunos que querem discutir sobre determinado assunto. Os mais variados assuntos podem fazer parte das assembleias de classe sendo sugeridos por alunos, professores e funcionários. Seguindo os preceitos de nosso referencial teórico, são determinados três eixos de proposições: críticas, sugestões e felicitações.

**Figura 7 – Potes de proposições e ata**



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

Nesta pesquisa, tais eixos serão representados pelos termos: eu critico, eu sugiro e eu felicito. Os termos utilizados podem ser substituídos por outros mais atrativos ou atuais de acordo com a vontade da turma, como por exemplo: curti, não curti, que tal?

As proposições produzidas em forma de texto ou desenho (para alunos não alfabetizados) podem ser armazenados em potes, caixas, embalagens, desde que sejam colocadas, diariamente, à disposição dos estudantes em local de fácil acesso.

**Figura 8** – Alunos conhecendo os materiais da assembleia: potes proposições e ata



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

A vantagem da utilização dos potes é incentivar a participação do estudante que pode se sentir mais à vontade, por se sentir mais preservado, visto que sua letra, suas colocações não serão expostas aos demais colegas. Também é possível dispor as proposituras dos estudantes em cartazes de fácil acesso a todos. Contudo, é fundamental que haja supervisão do que está escrito para não haver exposição da identidade dos estudantes, professores e funcionários, palavras ofensivas, discriminatórias ou vexatórias.

No quadro abaixo, são elencadas algumas proposições mais sugeridas pelos estudantes durante a nossa pesquisa. Os assuntos sugeridos pelos alunos podem contemplar os diversos setores da escola, atividades escolares, grupo docente, funcionários, estrutura física, relacionamento interpessoal.

**Quadro 3 – Exemplos de assuntos discutidos**

EU CRITICO	EU SUGIRO	EU FELICITO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O barulho da sala de aula;</li> <li>• O Comportamento dos alunos na aula de arte;</li> <li>• Professores e alunos que gritam;</li> <li>• Brigas na hora do recreio;</li> <li>• Palavrões na sala de aula;</li> <li>• A sujeira na sala de aula.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumentar o tempo de intervalo;</li> <li>• Ter música na hora do recreio;</li> <li>• Realizar mais jogos <u>interclasses</u> na escola;</li> <li>• Trocar as fechaduras dos banheiros;</li> <li>• Comprar mais brinquedos para o parque.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A aula de ed. Física;</li> <li>• A merenda escolar;</li> <li>• A festa junina;</li> <li>• Aulas legais;</li> <li>• Os tios (inspetores) que fazem jogos divertidos no intervalo;</li> <li>• Aulas com computador.</li> </ul>



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024)

A escolha da ordem de abertura dos recipientes precisa ser realizada de forma democrática com os estudantes. Feita a escolha do assunto, de forma organizada e ética, o professor mediará as discussões dos estudantes. Precisa exercer autoridade sobre a turma na condução da atividade, entretanto, sendo exemplo de conduta, expressando-se com vocabulário adequado, em tom de voz correto, agindo de modo conciliador, sem fazer uso de indiretas, ironias, provocações ou incitações.

**Figura 9** – Realização de assembleia de classe no auditório escolar



Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

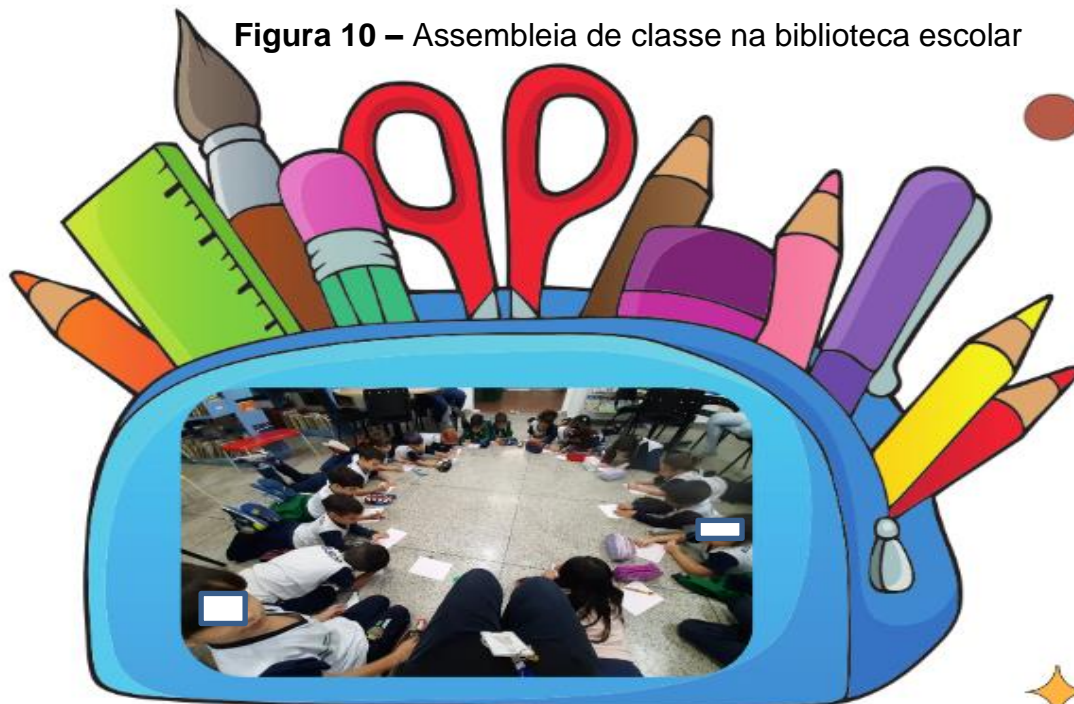
Será necessário interromper a assembleia sempre que algum aluno ou participante for interpelado, pois todos precisam prestar atenção em quem está em seu momento de fala. Jamais devem ser toleradas palavras de baixo-calão, ofensas, acusações, injúrias, difamação, haja vista, que assembleia visa contribuir para a melhoria do clima escolar e não ampliar os conflitos ou ser um motivo para desencadeá-los. Ao término das colocações, o professor pode fazer ponderações, sugestões, encaminhamentos e combinados para a resolução do assunto apresentado, que necessitam constar em ATA para retomada de acordos coletivos.

A postura docente é decisiva para o desenvolvimento, participação dos estudantes e resultados das assembleias. O professor precisa incentivar sempre a resolução de conflitos de forma pacífica, com base no diálogo, estimular a participação coletiva, agir com sabedoria e cautela para não constranger alunos e outros professores que podem ser citados durante a roda de conversa. Poderá fazer

uso de diversos materiais (fotos, vídeos, textos, jogos) para discutir temas importantes com os alunos como: respeito, honestidade, amizade, confiança, cultura de paz, etc. É preciso concluir as assembleias em um clima ameno, deixando explícito aos alunos qual é verdadeiro sentido dos encontros: melhorar o convívio entre eles por meio do diálogo, ampliando os espaços democráticos na escola.

É preciso evidenciar também que as assembleias não têm o objetivo de resolver os problemas de indisciplina nem de eliminar comportamentos considerados inadequados por colegas e professores, pois esse tipo de premissa gera falsas expectativas no grupo, quando descobre que as assembleias não são “mágicas”. Na fantasia de muitas pessoas, talvez por influências religiosas em nossa cultura, cultiva-se o desejo inconsciente de que é possível a constituição de um ambiente isento de conflitos na escola, em que não existam discórdias ou que as diferenças não se manifestem (Araújo, 2004, p.47).

É preciso compreender que a assembleia de classe não eliminará todos os problemas de uma turma isoladamente. Ela servirá para ampliar os espaços de diálogo, sensibilizar os estudantes, ampliar o poder de comunicação e interação dos envolvidos, contribuindo para a diminuição da violência física e verbal. Os discentes precisam ser motivados a compreender que as assembleias visam criticar as atitudes e não as pessoas.



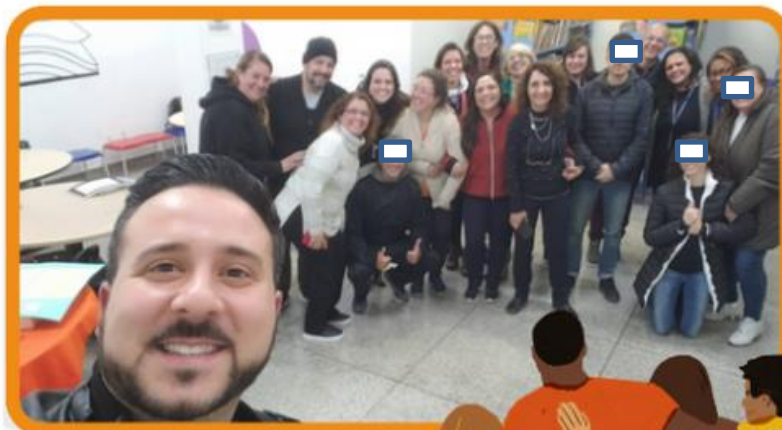
Fonte: Imagem coletada pelo pesquisador (2023)

Ao iniciar uma nova assembleia, é importante que o professor retome o que foi discutido na reunião anterior. Dialogue com a turma refletindo se houve mudanças positivas ou negativas em relação aos temas abordados, propondo novas ideias, promovendo a reflexão, o compartilhamento de ideias e opiniões. Também se faz necessário elencar prioridades entre os assuntos discutidos, sempre primando pela resolução de conflitos e convivência ética.

#### 4.2. Construindo laços

O contato inicial com os professores, coordenadora pedagógica, orientadora educacional da EMEF SENADOR FLAQUER ocorreu no dia 28 de agosto, na biblioteca da instituição, das 18h às 19h. Inicialmente, o pesquisador Tiago Luiz de Araujo juntamente com a orientadora deste trabalho, a prof. Dra Sanny Silva da Rosa, saudaram todos os presentes calorosamente, com entusiasmo e o objetivo de criar um ambiente acolhedor. Foi oferecido aos presentes um lanche coletivo, com a duração de dez minutos. Ao término do lanche, o pesquisador juntamente com a orientadora do projeto fez uma saudação inicial a todos os presentes, falaram sobre suas formações, formas de trabalho e expectativas em relação ao projeto.

**Figura 11** – Primeiro encontro presencial com o grupo de pesquisa



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

Participaram do encontro inicial dezessete profissionais da escola: doze professores polivalentes, a professora responsável pela educação inclusiva, um professor de ed. Física, um professor de biologia, a orientadora educacional e coordenadora pedagógica. O pesquisador produziu uma apresentação para conduzir a reunião, que foi reproduzida na lousa digital para acompanhamento de todos.

Foram apresentados dois vídeos: o primeiro retrata um colégio particular no Rio Grande do Sul que desenvolveu algumas reuniões de assembleia de classe, traz relatos de profissionais e estudantes sobre a experiência de participar de assembleias. O segundo vídeo apresenta o grande autor Ulisses Ferreira de Araújo falando sobre a estrutura e contribuições das assembleias de classe para os estudantes e o ambiente escolar. Os vídeos podem ser acessados pela leitura dos QR CODES que estão abaixo, é só direcionar a câmera de seu celular, clicar no link e assistir.

**Figura 12 – Vídeo de assembleia**



Fonte: Vídeo hospedado no youtube

**Figura 13 – Vídeo de Ulisses F. A.**



Fonte: Vídeo hospedado no youtube

Após assistirem aos vídeos, os participantes foram questionados se já haviam participado de assembleias de classe ou lido a respeito. A maioria dos presentes afirmou ter um conhecimento prévio, entretanto, nenhum havia feito parte de algum projeto similar. Tiago apresentou a estrutura do projeto para todos os presentes, versou sobre sua importância para a comunidade escolar local e suas possíveis

contribuições. Todos foram enfaticamente informados de que se tratava de um projeto piloto colaborativo, que seria desenvolvido com as características peculiares da escola e de todos os participantes. Informou que ao longo que cada um dos seis seminários (encontros coletivos para partilha de saberes e proposições para melhoria contínua do projeto) seriam discutidos todos assuntos que forem importantes ao grupo.

Explanou sobre a sua postura enquanto pesquisador no projeto, que jamais deveria ser abalada pela sua função de diretor da unidade escolar, evidenciou que todos participariam do projeto de forma consensual, inteiramente espontânea, partindo do pressuposto de que para a realização das assembleias deve haver democracia, liberdade de expressão, envolvimento, sentimento de empatia e confiança entre os pares, principalmente para com o pesquisador e a orientadora da pesquisa.

Os participantes foram informados de que todos os encontros seriam realizados fora do horário de trabalho, que receberiam certificação da USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul ao término do projeto de acordo com a sua efetiva participação nos seminários e assembleias de classe. Foi apresentada a quantidade de turmas participantes, a estrutura e regras essenciais da assembleia, cronograma, quantidade de seminários previstos (com datas prévias).

**Figura 14** – Orientadora do projeto dialogando com o grupo de pesquisa

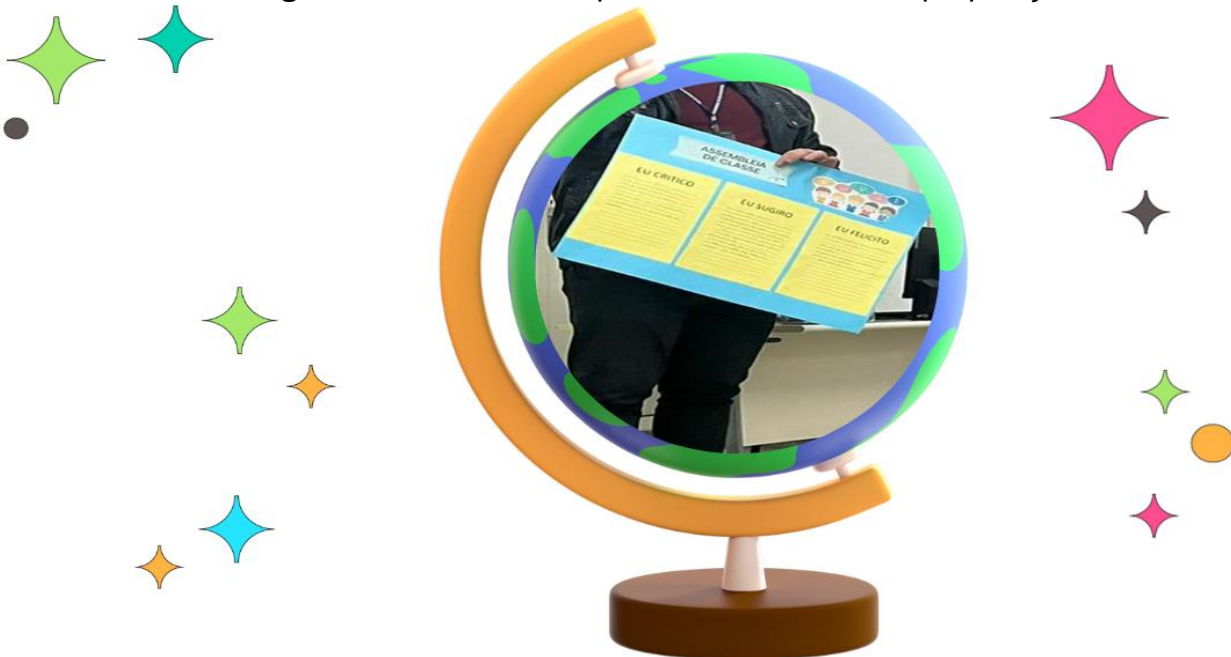


Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

Os professores e membros da equipe gestora foram convidados a participar de uma atividade representando a assembleia de classe. O pesquisador produziu um cartaz com os seguintes dizeres: eu critico, eu sugiro, eu felicito. Todos preencheram o cartaz levando em consideração sua percepção sobre a unidade escolar e a secretaria municipal de educação com críticas, sugestões e felicitações. Nesta atividade, foi possível observar a dinâmica estrutural de uma assembleia de classe: todos participantes em círculo para que todos possam se ver e se ouvir, mediador (professor) iniciando as discussões de forma coletiva, organizando o grupo e mantendo o respeito e a disciplina entre os pares. Foi enfatizado que não poderia haver a exposição de nenhum aluno, professor ou funcionário, que a discussão deveria ser feita sobre as atitudes e não sobre as pessoas, pois o objetivo não é criar um tribunal ou júri, mas sim um ambiente de diálogo reflexivo, efetivo e produtivo.

Após a realização da atividade, foi sugerido pelo grupo que ao invés de serem utilizados cartazes nas salas para as assembleias de classe seriam utilizados potes para cada descrição, em que seriam depositados bilhetes com sugestões de temas a serem abordados, visando preservar a identidade dos estudantes, aumentar a sensação de liberdade e fomentar a participação.

**Figura 15** – Ideia inicial para recolhimento das proposições estudantis



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

Ficou acordado entre os pares que as primeiras ações das duas primeiras assembleias deveriam ser: apresentar as regras aos alunos, os potes de sugestões, felicitações e críticas, bem como seu funcionamento, além da apresentação dos vídeos. Também ficou estipulado que os seminários ocorreriam duas vezes ao mês, de forma intercalada, de forma presencial ou remota. Os professores regentes das turmas ficaram responsáveis pela realização das assembleias, sendo assessorados pelo pesquisador, equipe gestora e demais professores.

Encerrando o encontro a prof. Dra. Sanny ratificou a importância da construção de um projeto piloto inédito com as características da unidade escolar, em que todos deveriam contribuir de forma democrática, ética e empática. Ao lado do pesquisador, fez o convite ao grupo. De modo uníssono, todos os presentes aceitaram participar do projeto de construção das assembleias de classe. O pesquisador ficou responsável por providenciar os materiais necessários para a primeira assembleia: uma pasta para cada sala contendo 12 folhas para registro das atas dos encontros e trinta potes, três por sala com os dizeres: eu critico, eu sugiro, eu felicito.

Seguindo as normas acadêmicas e a Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), todos os participantes receberam um termo de consentimento livre e esclarecido para autorizarem sua participação, sanaram dúvidas e ficaram com uma cópia do documento.

Neste primeiro encontro, buscamos estabelecer uma relação de confiança, respeito, liberdade e cooperação entre o grupo. Mais do que delimitar regras e procedimentos, foi preciso criar um clima harmônico, visando despertar o sentimento de pertencimento do grupo em relação ao projeto. Todos tiveram a oportunidade de se manifestar de forma natural, de ouvir, questionar e decidir, por livre e espontânea vontade, se participariam da pesquisa. Evidenciamos o quanto cada contribuição, seja com críticas, sugestões ou felicitações, seria imprescindível ao processo de criação e desenvolvimento de nossa pesquisa.

Em uma pesquisa-ação, todos os atores precisam compreender suas atribuições e objetivos, contudo, ainda mais importante é que haja engajamento profissional e comprometimento dos pares para que o projeto tenha êxito. Sem o comprometimento e o auxílio de todo grupo, as assembleias podem se tornam um

simples faz-de-conta, divergindo do real sentido que visa contribuir com a melhoria do clima escolar, mas que exige do professor e da equipe de apoio a vontade de fazer e realizar, de superar desafios, de se autoavaliar para ensinar, de adotar novas estratégias, traças novas rotas visando o objetivo comum: construir uma escola melhor para todos por meio da democracia.

Sentir-se se ouvido e acolhido é um aspecto crucial da pesquisa-ação, da assembleia de classe e do nosso projeto. Assim como queríamos que os alunos fossem ouvidos em cada encontro semanal e se sentissem confiantes para se expressar, oferecemos aos docentes em cada seminário nossa escuta ativa, nosso incentivo e apreço pelo que estavam desenvolvendo em prol da educação e da construção de espaços democráticos, de forma autoral, no espaço escolar.

### **4.3 Chegadas e partidas**

Após a realização do encontro inicial, duas professoras participantes procuraram o diretor na unidade escolar, pesquisador do projeto, para relatarem que não gostariam de participar da pesquisa. Ambas alegaram acreditar na proposta, contudo, não se sentiam preparadas para as demandas que poderiam surgir, devido à grande quantidade de atribuições que possuíam em sala de aula. As docentes afirmaram que contribuiriam de forma indireta, apoiando os professores e estudantes de suas turmas, entretanto, sem se comprometer diretamente com as ações da pesquisa. Também disseram que não se sentiriam à vontade em participar pois não conseguiriam se dedicar como gostariam.

O pesquisador ouviu atentamente as docentes e reafirmou a essência do processo democrático que envolve todo o projeto de pesquisa-ação desde sua concepção, em que todos os participantes têm liberdade irrestrita para deixar a pesquisa a qualquer momento. Evidenciou que sua postura de diretor jamais poderia sublimar a do pesquisador, e que as assembleias de classes não deveriam atrapalhar a rotina da unidade escolar, bem como afetar o desempenho dos profissionais de que nela participam. Lamentou a desistência das participantes, devido ao grande potencial que possuem, pelas contribuições que poderiam ofertar ao projeto e aos alunos. Agradeceu por ter sido comunicado com brevidade e ratificou que a participação de todos os membros deveria ocorrer de forma voluntária.

Segundo o autor que referencia essa pesquisa é preciso respeitar o tempo de cada indivíduo durante o processo de implementação das assembleias de classe. Obrigar professores que não querem ou não acreditam a realizarem as assembleias compromete o resultado do projeto. Pessoas que se sentem violadas em seus direitos tendem a não contribuir com as ações e projetos escolares:

O primeiro passo para que um projeto complexo como esse não se consolide no interior de da escola é dado quando se obrigam os docentes a fazer aquilo que não acreditam, ou que ainda não se sentem preparados. Quando as pessoas, são violentadas em seus princípios e suas crenças, de alguma maneira resistirão às mudanças que lhes são impostas. Tais resistências podem vir por meio dos jogos, fofocas de bastidores, tão comuns nos agrupamentos humanos (Araújo, 2004, p.41).

A participação dos docentes precisa ser voluntária para não violar o processo democrático que estrutura a assembleia desde a sua concepção. Não é concebível que um professor participe da assembleia de classe de forma arbitrária, porque seu descontentamento influenciará negativamente sua conduta perante os estudantes.

Os membros da pesquisa foram informados da desistência das professoras pelo pesquisador. Dois docentes que compunham a equipe de apoio foram convidados a realizar as assembleias nas turmas das professoras, semanalmente. Ambos aceitaram o desafio e se mostraram motivados a iniciar o projeto de pesquisa.

#### **4.4 Aprendendo juntos**

O segundo seminário ocorreu de forma remota via Google Meet. Iniciando o encontro, o pesquisador apresentou a pauta de reunião que versava sobre o contato inicial dos docentes com os alunos nas duas primeiras assembleias realizadas, as primeiras impressões, definição do dia da semana em que a assembleia aconteceria e cada turma, regras e combinados efetivados com as turmas, além do planejamento para as próximas ações.

Disse que o diálogo deveria ocorrer de forma espontânea, que cada participante poderia se manifestar quando se sentisse à vontade, que o encontro estava sendo filmado apenas para coleta de acervo para futura análise, que estavam entre colegas e pares que se respeitavam, que não havia certo ou errado, que o projeto seria construído coletivamente e gradativamente. Essa fala inicial teve o

objetivo de deixar o ambiente virtual da reunião mais harmônico e leve, para que troca de saberes ocorresse tranquilamente. Ficou acordado que os relatos precisariam ser concisos para que todos pudessem participar.

**Figura 16 – Reunião virtual**



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

A percepção geral do grupo foi muito positiva em relação ao projeto. Em cada relato, ficaram nítidas as peculiaridades de cada turma e principalmente de cada faixa etária, devido às formas heterogêneas de comunicação, compreensão e vivências. Os professores compartilharam as intervenções que realizaram em cada sala de aula de acordo com as ocorrências que foram acontecendo.

Os professores dos primeiros e segundos anos observaram que apenas dois encontros não foram suficientes para que os alunos compreendessem as regras, o vocabulário e a dinâmica das assembleias. Precisaram explicar minuciosamente o que significava felicitar, sugerir e criticar por meio de exemplos. Desenvolveram estratégias: para manter o foco atencional da turma durante a fala de algum colega;

para evitar a interrupção da fala dos pares; para aguardar a sua vez de fala. Um professor adotou a estratégia de que o aluno só poderia falar quando estivesse com a garrafinha de água do docente em mãos. Desse modo, os colegas prestavam atenção em quem se pronunciava no momento e evitava interrupções. Outros professores fizeram uso das pastas que continham as atas, os potes com críticas, sugestões e felicitações. Decidiram que seriam necessários mais dois encontros para a consolidação das regras.

A professora Sanny explanou que cada turma tem um ritmo próprio e características singulares que resultariam em assembleias com resultados e perfis individuais. Também enfatizou que o projeto estava aberto para ser remodelado por todos cotidianamente, desde que zelassem pelos princípios estruturais da pesquisa.

Uma das assembleias dos 3ºs anos contou com a presença da psicóloga escolar, que juntamente com a professora conduziu o encontro. Os alunos se mostraram animados e entusiasmados com a assembleia que ocorreu na quadra escolar. Por vezes, foi necessário chamar a atenção dos alunos para que ouvissem os colegas sem distração.

**Figura 17** – Assembleia de classe com a psicóloga escolar



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

Diferente das turmas menores em que todos querem falar e ao mesmo tempo, nas salas dos 4<sup>os</sup> e 5<sup>os</sup> anos, existe o excesso de timidez por parte de muitos alunos que tendem a não se expressar verbalmente por se sentirem inseguros perante os colegas. Também há uma tendência maior à exposição quando um colega se refere a outro, o que pode gerar conflitos ou constrangimentos, conforme ponderaram os professores. De forma pontual, sempre realizavam intervenções quando havia menção a algum estudante de forma pejorativa e incentivavam a participação de todos.

Já no segundo seminário, notamos que o grupo estava mais confiante para realizar a tomada de decisões em cada assembleia com seus estudantes, por compreenderem, mesmo que inconscientemente, que estão sendo sujeitos da ação, construtores de um espaço de diálogo que não tem um roteiro determinado; coautores de uma pesquisa-ação que não pretende padronizar modelos de resolução de conflitos, mas despertar em todos os envolvidos a compreensão de que o projeto é como uma teia: tecido por várias mãos, com indivíduos que possuem concepções de mundo distintas, aptos a decidirem os melhores encaminhamentos a cada situação que se apresentar, podendo sempre buscar auxílio do grupo.

É notório o processo de transformação que as assembleias afloram em seus participantes: professores, funcionários, alunos e equipe gestora. Em cada relato, percebemos uma visão mais sensível e humanizada para compartilhar vivências, dúvidas, sugestões ou discordâncias. O processo de mediação de assembleias exige do professor autoconfiança para manter a organização do grupo, da ordem de fala, da seguridade do respeito entre os pares, da preservação da imagem dos alunos e da comunidade escolar, sobretudo, requer que o docente faça ponderações pertinentes e intervenções às falas dos alunos, ou problemas que se apresentarem: discussões acaloradas, ofensas entre participantes ou até mesmo até mesmo agressão física.

O professor-mediador precisa agir de modo ilibado nas assembleias, pois sua conduta reflete a dos demais estudantes. Cabe a ele ser imparcial, manter o equilíbrio durante a condução, demonstrar empatia com a participação e as falas dos alunos, mesmo que sejam equivocadas ou repetidas. Em tempo algum, o professor poderá expor alunos, agir com desdém, praticar ou incentivar a violência verbal ou moral, afinal, as assembleias não podem se tornarem espaços disparadores de mais conflitos

e violência entre os alunos. Sua missão é incentivar os estudantes, por meio de sua postura, a resolverem seus conflitos - por meio do diálogo, do pedido e do aceite de desculpas, da autoavaliação, reflexão, exercício da empatia e consciência crítica -, a compartilharem opiniões, sugestões que possam melhorar a convivência da turma e a unidade escolar.

#### 4.5 Ampliando o diálogo, a participação e a criação

Nosso terceiro seminário foi realizado de modo presencial. Gradativamente, o grupo foi se mostrando mais participativo, espontâneo, aberto para ouvir, sugerir e contribuir com os pares, assim como é a primícia das assembleias, em que todos precisam se sentir confiantes para expressar suas ideias e opiniões perante o coletivo, sem o receio de sentirem julgados ou expostos.

O pesquisador iniciou o encontro retomando um combinado em relação ao dia da semana em que a assembleia de classe seria realizada. Ressaltou a importância do estabelecimento democrático de um dia específico dentro da rotina semanal para os estudantes se organizarem e valorizarem este momento.

**Figura 18** – Instituição da assembleia na rotina escolar semanal



Fonte: Imagens coletadas pelo autor (2023)

A assembleia de classe requer um planejamento prévio; todos precisam ter conhecimento prévio de quando ela ocorrerá, não pode ser improvisada ou retirada da rotina por ser considerada menos importante que outra atividade, como discorre Ulisses Ferreira de Araújo:

É bastante comum professores suspenderem suas assembleias de classe porque estão atrasados com o seu conteúdo de suas aulas, ou por necessidades na organização de projetos e festas escolares. Por sua vez a escola pode ser tentada a suspender as assembleias de escola por causa de uma festa ou suspender a assembleia docente em virtude do estressante ritmo de trabalho dos docentes em vésperas dos conselhos de classe. Temos de ter consciência de que cada vez que isso acontecer os responsáveis estarão agindo como ditadores, autoritários, que suspendem o espaço de participação popular. Embora os argumentos empregados tenham lá sua lógica social, isso não diminui o estrago que tais suspensões provocam na construção dos espaços democráticos dentro da escola (Araújo, 2004, p.52).

Em um segundo momento, todos os presentes foram convidados a expressar suas sensações, percepções, sugestões e a compartilhar vivências, ideias, críticas e sugestões em relação ao projeto. Empoderado e muito engajado, o grupo de professores e pesquisadores tem compreendido a liberdade que tem para criar, resolver conflitos e situações com os estudantes de modo dialógico, pois não existe um manual de resoluções único para todas as turmas. Cada sala possui características, problemas e formas diferentes de resolução, assim como cada assembleia de classe será inédita, com discussões e ocorrências distintas.

Devido ao ineditismo do projeto, muitos imprevistos ou demandas podem surgir nos encontros, sendo necessário que o professor se torne um mediador perspicaz, que saberá conduzir a situação de modo harmônico, refletindo sobre sua prática e buscando auxílio da equipe gestora e funcionários sempre que achar prudente.

A professora responsável pelo 4º ano A iniciou sua fala demonstrando entusiasmo com as suas impressões iniciais do projeto. Contou aos presentes um relato muito significativo a todos. Ela notou que a postura dos estudantes durante as duas primeiras assembleias de classe era divergente da conduta habitual da turma nas outras aulas: disciplinados, cordiais e organizados nas assembleias, em contrapartida, agitados, desorganizados e mais indisciplinados no restante do

período. Indagou a turma sobre a mudança discrepante de comportamento nestes momentos e ouviu algo tocante.

**Figura 19** – Alunos do 4º ano em assembleia de classe



Fonte: Imagens coletadas pelo autor (2023)

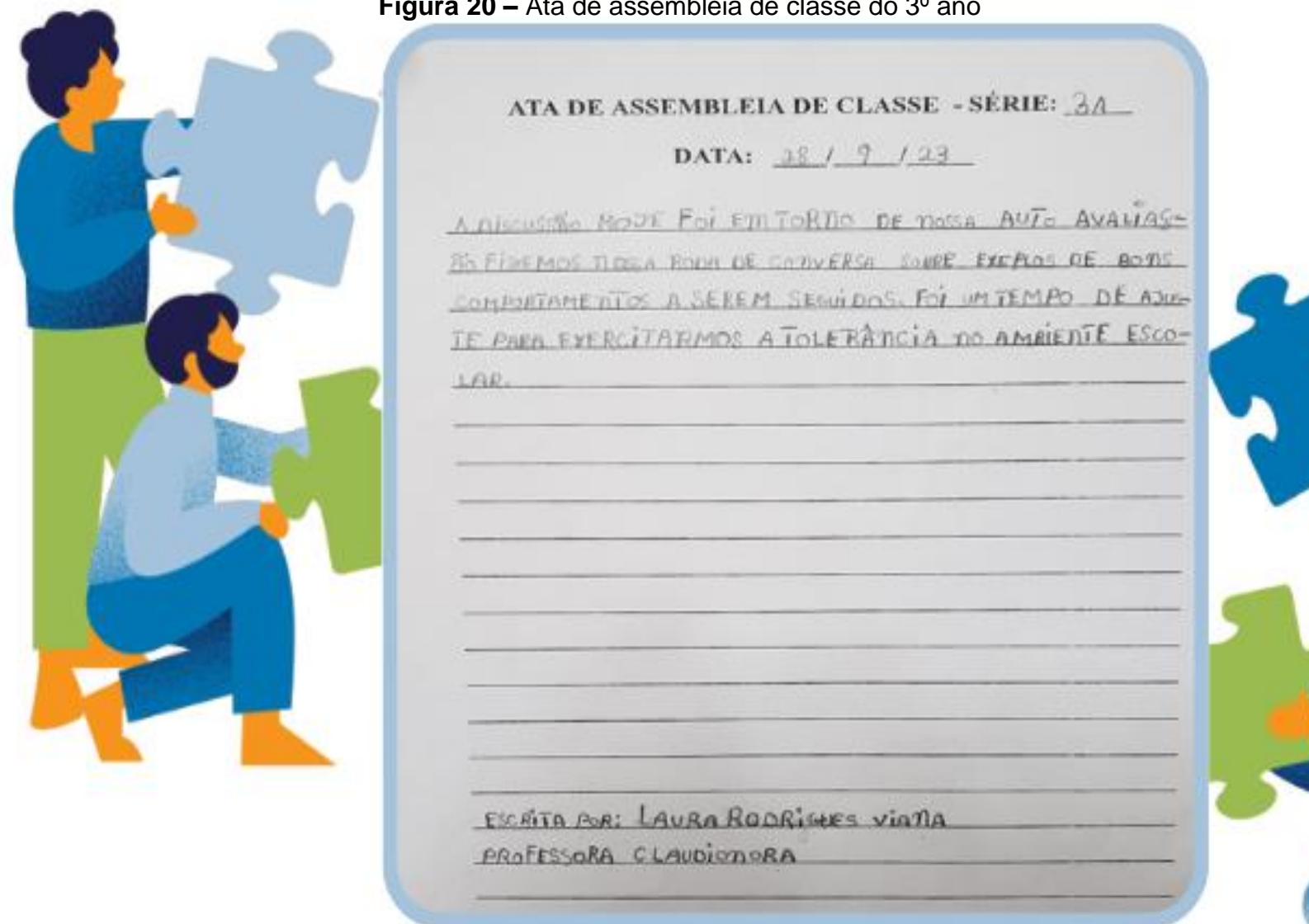
Um estudante levantou a mão e respondeu: *“Professora, durante a assembleia, nós conseguimos olhar um para o outro. Nas outras aulas, só conseguimos ver o pescoço dos amigos. Aqui estamos aprendendo ser gente”*. A professora continuou o diálogo questionando sobre o quanto a disposição das carteiras em fileiras, círculos ou grupos influencia na postura dos estudantes. Eles afirmaram que quando estão em círculos “um ajuda o outro a se comportar”, auxiliando no processo de autorregulação.

No artigo: *O Processo da Autorregulação no Desenvolvimento de Crianças*, Linhares e Martins (2015, p.1) afirmam que: “A autorregulação, por sua vez, consiste nos mecanismos usados pelo indivíduo para controlar suas reações emocionais e comportamentais frente a fontes de estimulação positiva ou negativa”. Na fala dos estudantes, fica evidente o quanto nosso comportamento é alterado perante a observação, apresentação e postura do outro. Aprendemos diariamente observando,

sendo advertidos ou aconselhados por outros indivíduos. Somos influenciados por exemplos positivos e negativos, que contribuem com nosso processo de autorregulação.

Observando a turma do 3º ano A, a professora percebeu que a classe é era demasiadamente crítica para relatar as transgressões e atitudes inadequadas dos colegas, e que o pote das críticas era o mais cheio de papéis. Decidiu propor uma atividade de autoavaliação em que todos foram convidados a refletir sobre suas atitudes, erros e acertos, qualidades e defeitos. Foram convidados a refletir sobre a empatia, principalmente no trato diário entre eles. Fazendo com que percebessem que é necessário tratar o outro como gostariam de ser tratados.

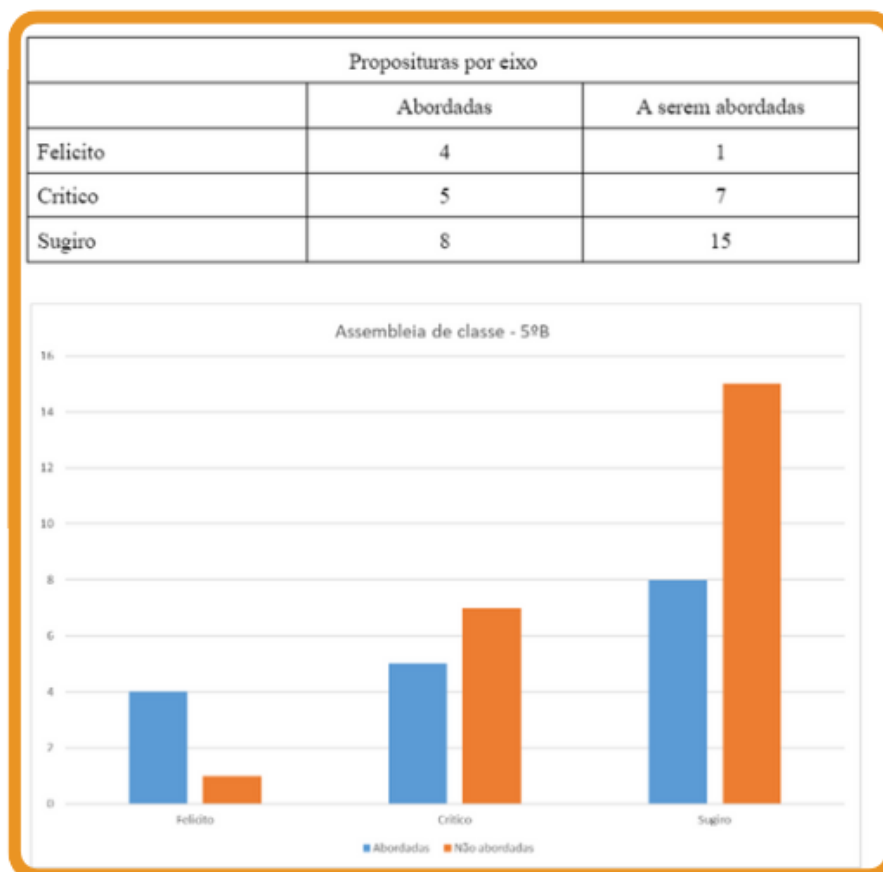
**Figura 20** – Ata de assembleia de classe do 3º ano



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

O docente responsável pela realização das assembleias no 5º ano B realizou um mapeamento das críticas, sugestões e felicitações contidas nos potes da turma, chegando a mesma conclusão que a sua colega. Os alunos tendem a produzir em maior quantidade sugestões e críticas do que felicitações.

**Quadro 4 –** Dados das proposições da assembleia de classe do 5º ano



**Fonte:** Elaborado por integrante do grupo de pesquisa (2023)

Ao unirmos as proposições abordadas (que já foram discutidas coletivamente) às que ainda não foram socializadas (a serem abordadas), notamos que as sugestões representam 57,5%, seguidas pelas críticas com 30%. As felicitações somam apenas 12%. Após realizar a observação dos dados, o professor estabeleceu um diálogo com a turma, ponderando que as críticas e sugestões são bem-vindas às discussões coletivas, desde que sejam realizadas de modo cordial, zelando pelo respeito mútuo. Também enfatizou a importância de valorizarem as boas condutas

dos colegas, da escola, dos professores, para não se restringirem aos aspectos negativos.

A professora do 2º ano B informou que os alunos ainda apresentam dificuldade de esperar os colegas falarem, interrompem a fala um dos outros ou utilizam seu momento de argumentação para relatos pessoais ocorridos na escola ou em casa.

**Figura 21** – Atividade colaborativa com alunos do 1º ano



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

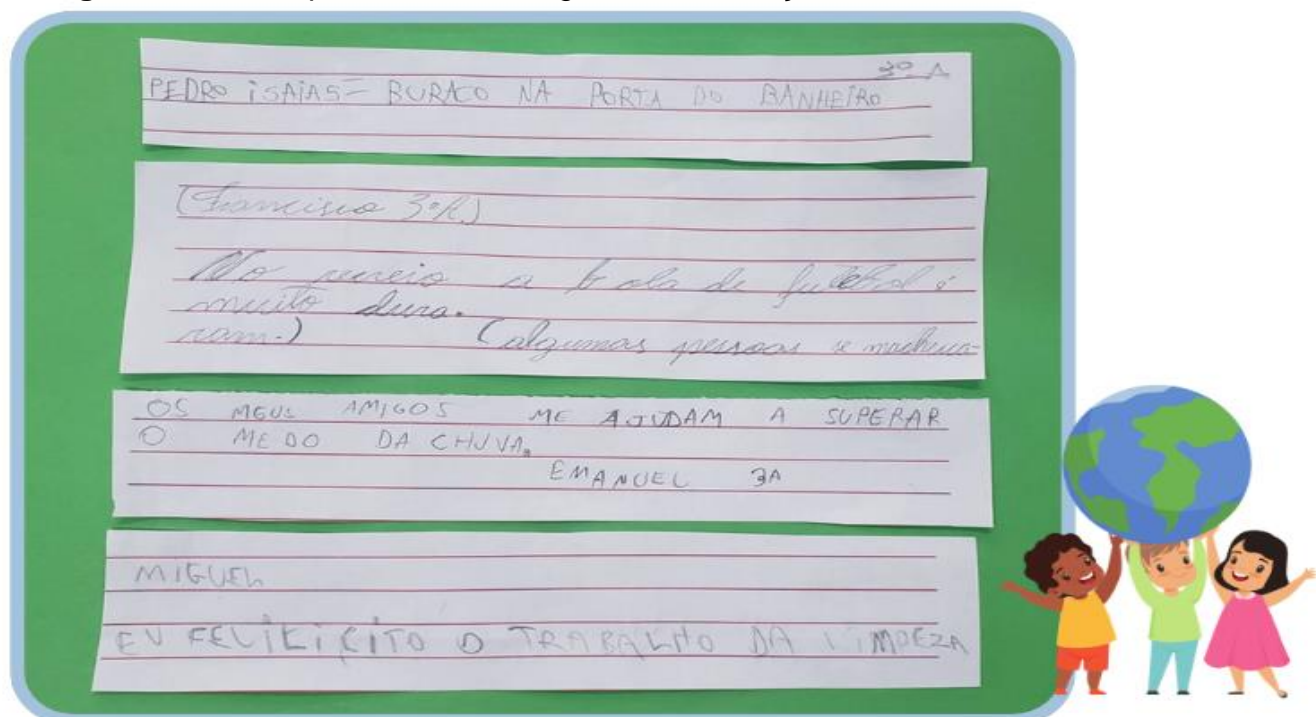
Dialogamos sobre ser essencial parar a assembleia quando algum colega é interrompido ou tem seu direito de fala prejudicado. Também evidenciamos mais uma vez como as turmas menores precisam de mais tempo para se apropriarem das regras e combinados. A professora também trouxe uma contribuição muito significativa para o projeto. Notando que muitos estudantes estão apresentando dificuldade para escrever os bilhetes por estarem na fase de alfabetização, promoveu a escrita de bilhetes de forma colaborativa, em que os alunos poderiam se ajudar. Esta ação contribuiu para o processo de letramento dos estudantes, interação social e cooperação.

A professora responsável pelo 1º ano A também realizou uma ação colaborativa com os alunos na assembleia de classe semanal. Em grupos, os

estudantes produziram um desenho coletivo de um ser humano em tamanho real. Cada discente ficou responsável por uma parte. Segundo ela a ação teve o objetivo de evidenciar de forma concreta a importância do trabalho em equipe, a comunicação (saber ouvir e falar), estar aberto para receber sugestões, críticas e intervenções, além de desenvolver habilidades sensoriais e motoras.

A docente responsável pelo 5º ano B afirmou que os alunos reclamaram da falta de cuidado de alguns alunos com a higiene do banheiro da escola. Disse que os alunos queriam a presença do diretor para determinar punições aos demais. A professora enfatizou aos alunos que mais do que sanções e punições, seria preciso sensibilizar os alunos a cuidarem e zelarem pelo patrimônio público. Decidiram coletivamente que fariam cartazes de conscientização para todos os alunos da escola. Outro aspecto levantado pela professora foi em relação ao horário de intervalo. Os alunos sugeriram que a quadra fosse dividida ao meio, para que mais modalidades esportivas fossem ministradas, ampliando a participação dos alunos. A orientadora educacional sugeriu que a professora convidasse o inspetor responsável pelo intervalo dos alunos para participar da próxima assembleia da turma.

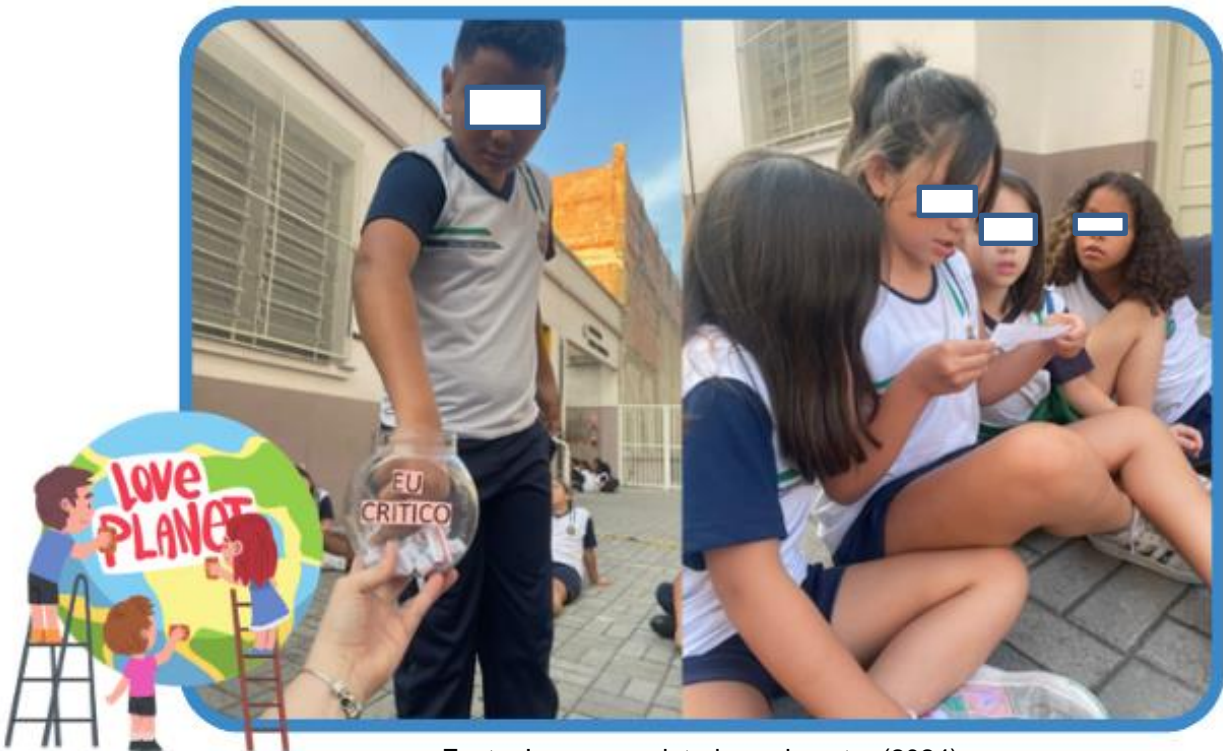
**Figura 22** – Exemplos de crítica, sugestão e felicitações do 3º ano



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2024)

A realização das assembleias de classe tende a aumentar as ações benéficas na escola, visto que há o engajamento dos alunos e professores com o objetivo de resolverem um problema comum ao grupo. Exemplificando, em assembleia realizada com alunos do 3º ano, a professora recebeu uma crítica em relação ao banheiro masculino. Os estudantes afirmaram que havia um pequeno buraco em todas as portas, que eles preenchiam com papel higiênico para não serem observados enquanto fazem suas necessidades. Falaram o quanto isso os incomodava por tirar a privacidade deles em um momento tão íntimo. Ao término da assembleia, a professora, juntamente com os alunos, registrou em ATA a crítica e se comprometeu a informar a direção escolar sobre a queixa. A direção escolar ficou surpresa com crítica dos alunos e foi averiguar as portas dos banheiros. Constatou que realmente todas as portas tinham um buraco, proveniente da retirada da fechadura antiga. Prontamente, o diretor solicitou a equipe de manutenção de que fizesse o reparo em todas as portas, agradeceu os alunos pela participação e se colocou à disposição para outras solicitações que se fizessem necessárias.

**Figura 23** – Alunos participando da assembleia de classe



Fonte: Imagens coletadas pelo autor (2024)

Neste exemplo, fica evidenciada a importância de ouvir todos os componentes de uma escola, principalmente seus protagonistas. Como os adultos não fazem uso do banheiro dos alunos, dificilmente, notariam o incômodo que um buraco nas portas de um banheiro poderia gerar. Para exercer a democracia, de fato, em uma escola é preciso criar espaços de participação popular, em que todos se sintam livres para compartilhar suas visões, queixas, propostas e que sejam escutados.

Também notamos como a gestão colaborativa pode contribuir para a melhoria do espaço escolar, desde que haja interlocução entre todos os membros da unidade escolar, neste caso específico: alunos, professora, direção escolar, funcionários.

#### **4.6 Reflexão-ação**

O quarto seminário ocorreu de modo virtual. Por já termos alcançado a metade do projeto, a orientadora e o pesquisador sugeriram uma pauta que envolvesse as questões que são apresentadas nas assembleias de classe. Cada participante deveria refletir sobre todo nosso percurso e apresentar uma crítica, uma sugestão e uma felicitação às assembleias de classe, corroborando com o processo de pesquisa-ação das assembleias que requer o diálogo contínuo com o grupo:

Por isso saliento a importância de que fazer assembleias pressupõe uma aprendizagem democrática para docentes e discentes. Aprender a ouvir, a controlar nossos impulsos autoritários, a deixar o outro falar e confiar no poder do grupo como agente de regulação coletiva, são alguns dos processos construídos por meio do espaço de diálogo e de participação propiciados nas assembleias. Retomando o início da discussão, esse aprendizado pode se dar na própria ação, durante as assembleias (Araújo, 2004, p. 40).

A maior parcela dos participantes apontou em sua crítica a falta de tempo como maior dificultador para a realização das assembleias de classe. Assim como os alunos fazem nas assembleias, muitos professores se ancoraram na opinião dos demais e repetiram os argumentos. Afirmaram que acham a iniciativa louvável e positiva para a unidade escolar bem como os estudantes, contudo, criticaram a alta demanda de atividades solicitadas pela secretaria de educação, principalmente as imprevistas.

Argumentaram que falta planejamento das ações promovidas pelo centro de formação dos profissionais da educação, que solicita o encaminhamento de sondagens, produções textuais dos estudantes, participação da unidade escolar em avaliações externas, sem que haja o tempo hábil para a organização do grupo, aparentando falta de planejamento por parte dos solicitantes. Também citaram as demandas solicitadas pela unidade escolar em eventos, projetos, atendimento aos pais e a preocupação em ministrar todo conteúdo do currículo municipal para as séries que lecionam.

Outro aspecto levantado pelo grupo se refere ao excesso de tarefas consideradas estritamente burocráticas (lançamento de dados em planilhas, preenchimento de diários, relatórios, planejamentos, provas) que comprometem a rotina e não têm resultados aparentes na aprendizagem dos estudantes.

Criticaram a cobrança e a supervalorização do rendimento das escolas em provas externas feita pela secretaria de educação, bem como o sistema de educação brasileiro, que privilegia os conhecimentos escritos em língua portuguesa e matemática, desvalorizando o desenvolvimento oral e argumentativo dos estudantes.

Tanto o pesquisador quanto a orientadora se solidarizaram com os argumentos dos professores e agradeceram por todo empenho, profissionalismo e dedicação do grupo. Enfatizaram que o objetivo do projeto visa justamente fazer com que os professores ganhem mais tempo produtivo com os alunos em sala de aula, já que visa a diminuição da indisciplina no ambiente escolar. A professora Sanny também solicitou que o grupo fizesse uma reflexão sobre como poderiam agir perante os problemas apresentados e possíveis soluções.

De acordo com uma pesquisa realizada pela OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, com 250 mil diretores e professores de 48 países, no Brasil, 1/3 do tempo de aula é perdido com questões administrativas ou indisciplina. O país também apresenta o dobro da média mundial em casos de violência, física e verbal. Segundo Kruse e Palhares (2023): "... poucos minutos durante as aulas representam dias perdidos no fim do ano. O Brasil é o terceiro país com o pior aproveitamento de tempo em sala de aula, à frente apenas da África do Sul e Arábia Saudita".

Dialogamos com os participantes do grupo que problemas de indisciplina tendem a aumentar quando não há diálogo entre os envolvidos e a mediação do professor. A realização da assembleia de classe buscar promover a escuta ativa dos estudantes, a concentração e a participação organizada do envolvidos. Obviamente, que os casos de indisciplina que afetam as escolas brasileiras têm muitos outros fatores envolvidos: falta de estrutura física básica, falta de motivação, ambiente familiar conflituoso, falta de autoridade do professor, falta de habilidade e recursos para lidar com alunos com deficiência e transtornos.

Dentre as sugestões, de forma unânime, o grupo sugeriu que as assembleias de classe fizessem parte da grade curricular no ano de 2024 e que pudessem contar com mais de 50 minutos (tempo disposto para uma aula no município). Afirmaram que a ampliação do tempo seria importante para permitir a participação de um número maior de alunos no encontro. Também gostariam de ter a presença de palestrantes e outros membros da unidade escolar nas assembleias, sempre de acordo com o tema que estiver sendo abordado e relevância para o encontro.

A professora do 4º ano B sugeriu que fosse compartilhado com o grupo a bibliografia que referencia o projeto de implementação de assembleia de classe, bem como outros textos e vídeos que contribuíssem para a condução das assembleias. O pesquisador de se comprometeu a disponibilizar um artigo científico de Ulisses Ferreira de Araújo no próximo encontro, para discussão coletiva posterior e conhecimento do grupo.

Outra docente sugeriu que seria interessante trabalhar com textos literários nas assembleias de classe que despertassem o interesse dos alunos e ampliassem as discussões, principalmente, com os alunos menores que tem dificuldade para expressar seus pensamentos oralmente. A professora compartilhou que fez a leitura do livro *A Assembleia dos Ratos* com os alunos do primeiro ano.

O livro narra uma assembleia de roedores que tinham medo de um gato. Na fábula, eles se reúnem para decidir o que fariam, como e quem realizaria as ações. A professora afirmou que após iniciar a assembleia de forma lúdica, as discussões foram mais ricas e produtivas.

**Figura 24** – Aluna do 1º ano mostrando o produto final da aula



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2024-2023)

**Figura 25** – Alunos do 1º ano mostrando suas criações



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

Após a realização da assembleia, os alunos produziram trabalhos manuais relacionados à história, interligando saberes, disciplinas e habilidades.

O livro utilizado pela professora está disponível no QR CODE, disponibilizado abaixo:

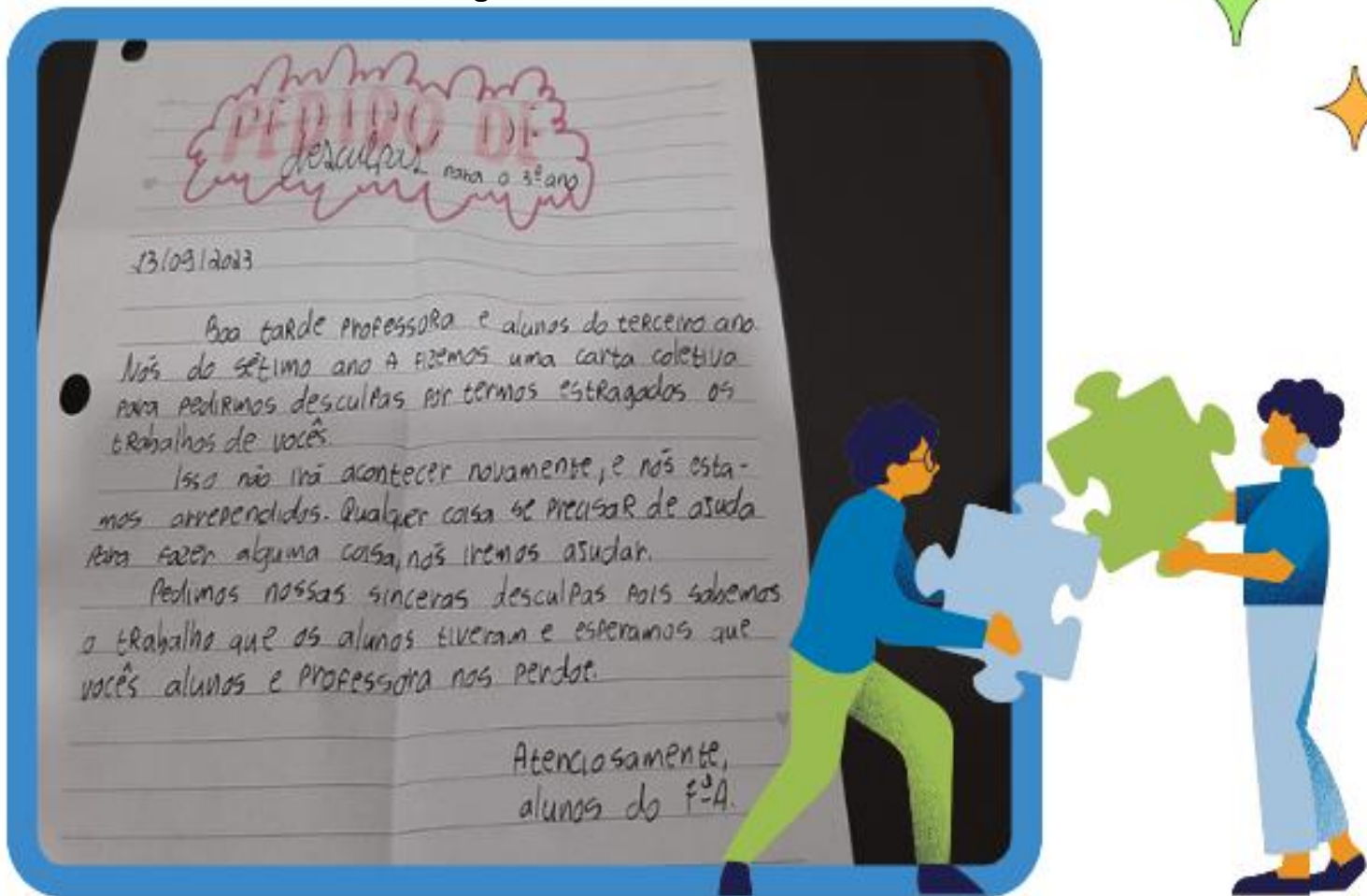
**Figura 26** – Livro *A Assembleia dos Ratos*



**Fonte:** Código produzido pelo autor (2024)

Entre as felicitações, a professora do 3º ano A apresentou duas cartas. A primeira foi recebida por sua turma dos alunos que estudam na mesma sala, no contraturno escolar, no 7º ano do ensino fundamental. Inicialmente, a professora, juntamente com a turma, em assembleia de classe, redigiu uma carta dirigida aos alunos mais velhos demonstrando tristeza por estarem danificando as atividades dos alunos menores que estão expostas na sala de aula. Em resposta, os alunos que estudam pela manhã redigiram a carta disposta abaixo:

Figura 27 – Carta dos alunos do 7º ano



Fonte: Imagem coletada pelo autor (2023)

A professora se mostrou extremamente surpresa e alegre com a carta recebida. Afirmou que após o recebimento da carta não houve qualquer queixa em relação à organização da sala, limpeza, conservação das atividades e do ambiente.

Já a segunda carta foi escrita pela turma do 3º ano A e direcionada ao setor de merenda escolar. Em assembleia de classe, após felicitarem a qualidade e sabor das refeições ofertadas na escola, os estudantes e a professora produziram uma linda carta, assinada por todos os alunos. Ao receberem a carta, as merendeiras da escola ficaram muito emocionadas e felizes. Solicitaram a equipe gestora que plastificasse a carta para ser afixada no refeitório escolar e assim foi feito.



Em contrapartida, o pesquisador, juntamente com a orientadora mediaram a reunião ouvindo atentamente cada colocação, ponderando, fazendo intervenções reflexivas e autorreflexivas. Mais do que respostas, notamos que o grupo buscava uma escuta ativa, sem julgamento ou repreensão. Após serem ouvidos em suas críticas, se tornaram mais abertos a compartilhar sugestões e boas práticas.

A importância do ato da escuta é comumente negligenciada, ou, quando aparece, sofre por uma concepção simplória, a partir da abordagem reducionista que leva a considerar dignas de atenção apenas a linguagem racionalmente orientada, a linearidade do raciocínio e a instrumentalidade da ação. Ao falarmos de escuta costuma-se pensar no simples processo de ouvir a fala de alguém; pouco encontramos tematizada a questão de escutar a si próprio em suas múltiplas e complexas manifestações expressivas (corpórea); de escutar aos outros além das palavras proferidas, nas dimensões emotivas, na linguagem corporal, na capacidade simbólica; de escutar aos organismos emergentes que são os grupos, organizações etc. (Moura; Giannella, 2017).

No cotidiano escolar, em muitas situações, as pessoas não buscam nos diálogos apenas uma solução para os seus dilemas. Elas querem poder expressar suas angústias, suas tristezas, ideias, alegrias, sonhos. Buscam compartilhar, ter alguém que escute atentamente suas colocações, sem desculpas da falta de tempo. Somente o fato de serem ouvidas, por vezes, não resolve a situação, mas gera um sentimento de acolhimento, empatia e apoio.

#### **4.7 Formando cidadãos**

No penúltimo encontro do grupo, os professores tiveram acesso a um artigo do grande referencial teórico dessa pesquisa, intitulado como *Resolução de Conflitos e Assembleias Escolares*. No texto o autor discorre sobre a importância do conflito para a formação estrutural do indivíduo que necessita desenvolver suas habilidades de comunicação, interação social, construir seus valores e referências éticas. Afirma que as escolas precisam incorporar aos seus currículos não apenas conteúdos meramente didáticos, mas também a resolução de conflitos do cotidiano escolar, compreendendo sua influência na construção humana do ser para formação de sua personalidade, cognição, estrutura mental, psicológica, social e emocional.

O artigo *Resolução de Conflitos e Assembleias Escolares* pode ser acessado pelo QR CODE abaixo:

**Figura 29** – Artigo de Ulisses F. A



**Fonte:** Imagem produzida pelo autor (2024)

No cenário atual educacional de nossa escola e do município, presenciamos professores e equipes gestoras determinados a cumprir conteúdos didáticos presentes nos currículos municipais, devido à preocupação com o desempenho dos estudantes em avaliações externas em âmbito nacional ou municipal. Sentem-se pressionados a lecionar conteúdos desconexos com a realidade do estudante, que não contemplam suas reais necessidades ou que não estabelecem conexão com outros aprendizados de forma interdisciplinar. Obviamente que ofertar um ensino pedagógico de qualidade é essencial, contudo, a educação precisa contemplar e enxergar o estudante como um ser em evolução, que necessita diariamente evoluir em todas suas dimensões, principalmente no aspecto emocional e relacional. É preciso compreender que os conteúdos sociais e emocionais também são extremamente pedagógicos e que influenciam de forma preponderante na construção desse cidadão em evolução.

**Figura 30** – Espaço inclusivo e de valorização às diferenças



**Fonte:** Imagem coletada pelo autor (2024)

Somos seres sociais cada vez mais isolados em plataformas eletrônicas, interagindo por meio de telas, celulares e redes sociais. Comumente, presenciamos alunos com dependência de equipamentos eletrônicos, com dificuldade extrema na comunicação verbal, nos relacionamentos com outras crianças ou adultos.

Hoje, a escola representa o espaço com maior potencial de interações sociais que o aluno pode estabelecer. É nela que ele interage com outros indivíduos (colegas, professores, funcionários), desenvolve habilidades, gasta energia correndo ou brincando, se alimenta, cria laços de afetividade, envolve-se em conflitos, ama, odeia, sorri, chora, fica triste, feliz, nervoso. A escola é uma peça fundamental para a construção do ser humano por abrigar pessoas com realidades distintas. Reúne seres divergentes que podem se complementar ou se repelir, de acordo com a criação que recebem dos pais, dos modelos de comportamento que presencia e das relações que estabelecem entre si.

Existe uma grande parcela de profissionais da educação e da sociedade resistente em afirmar que “a educação vem de casa”. Acreditam que a educação se divide em duas partes, uma contempla disciplinas (português, matemática, geografia, ciências, etc.) que trabalham aspectos pedagógicos e cognitivos. Já a outra abrange os aspectos comportamentais, emocionais, valores morais e éticos. Tendem a delegar a primeira parte à instituição escolar e a segunda, exclusivamente, à família. Como bem define o Art. 205 da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Portanto, é de suma importância a interação entre escola, estado e município objetivando o melhor desenvolvimento do indivíduo. Obviamente, não podemos confundir as funções atribuídas a cada segmento: escola, família e estado, tão pouco, delegar, exclusivamente, a educação pedagógica ou ética apenas um dos segmentos.

Após a discussão inicial sobre o artigo, os participantes presentes puderam relatar suas percepções sobre as últimas assembleias realizadas e compartilhar sugestões e boas práticas.

Dentre as colocações, houve um destaque para uma ação desenvolvida na assembleia de classe do 3º ano, em que uma inspetora de alunos foi convidada a participar das discussões coletivas. Em uma das reuniões, foi sugerida a inserção de novas modalidades esportivas durante o intervalo. Os estudantes perguntaram à professora por que a quadra era dividida na hora do recreio, com vôlei e futebol. Os meninos afirmavam que seria importante ter a quadra toda para jogarem livremente. Também sugeriram que o intervalo poderia durar 30 minutos.

A inspetora relatou aos estudantes que dividiam a quadra para que mais alunos pudessem participar das atividades em modalidades diversas. Também informou que o horário de intervalo é determinado pela secretaria de educação, que existe uma carga horária que a escola precisa cumprir. Também lembrou os estudantes que em datas comemorativas (baile de carnaval, dia das crianças, dia do sorvete) os intervalos são ampliados para que os alunos possam se divertir um pouco mais.

**Figura 31** – Participação de funcionária na assembleia



**Fonte:** Imagem coletada pelo autor (2024)

A professora relatou que a vivência foi muito rica para os alunos e a servidora, que se mostrou encantada com a postura dos alunos no momento da assembleia, pelo modo que se colocaram, pela educação, carinho e respeito com que foi conduzida a reunião.

Nós, professores, estamos tão acostumados com o poder institucionalizado pela sociedade, que nos dá o direito de decidir a vida dos nossos alunos e de nossas alunas – o que devem aprender, a maneira como devem sentar, o que é o certo e o que é errado -. que, pensar que podemos dialogar sobre tais fatos e dividir responsabilidades com eles e elas, que são os principais interessados no ato educativo, foge da instrumentalização tradicional que a sociedade, e a própria escola, propiciou-nos durante nossa formação (Araújo, 2004, p.39).

Para tornar a escola um ambiente mais democrático e educador é necessário realizar a interlocução entre todas as peças que compõem a grande engrenagem que move a instituição. Promover espaços de diálogo entre alunos, funcionários, professores e familiares de modo agregador, respeitoso e ético contribui para o fortalecimento das relações, para a transformação de postura, mudança de estratégias e ações, propiciando a construção coletiva de uma escola melhor.

#### 4.8 Juntos somos melhores

O último encontro do grupo ocorreu no auditório da unidade escolar. O clima era de despedida, sentimento de pertencimento, gratidão e emoção. O pesquisador iniciou a reunião agradecendo a todos os presentes por toda parceria, profissionalismo e envolvimento de todos ao longo do projeto, apresentou um vídeo sobre a trajetória do grupo com fotos, que pode ser acessado pelo QR CODE abaixo:

**Figura 32** – Vídeo de retrospectiva do projeto



**Fonte:** Código produzido pelo autor (2024)

Foi servido um breve lanche especial aos presentes em agradecimento à participação e envolvimento de todos. Conforme acordado no último encontro, na primeira parte do último seminário, com base na leitura do artigo de Ulisses Ferreira de Araújo, os participantes deveriam fazer uma discussão coletiva. Todos os presentes tiveram seu momento de fala para apresentar suas ideias e opiniões sobre o texto, além de poder compartilhar como foi o encerramento com os alunos.

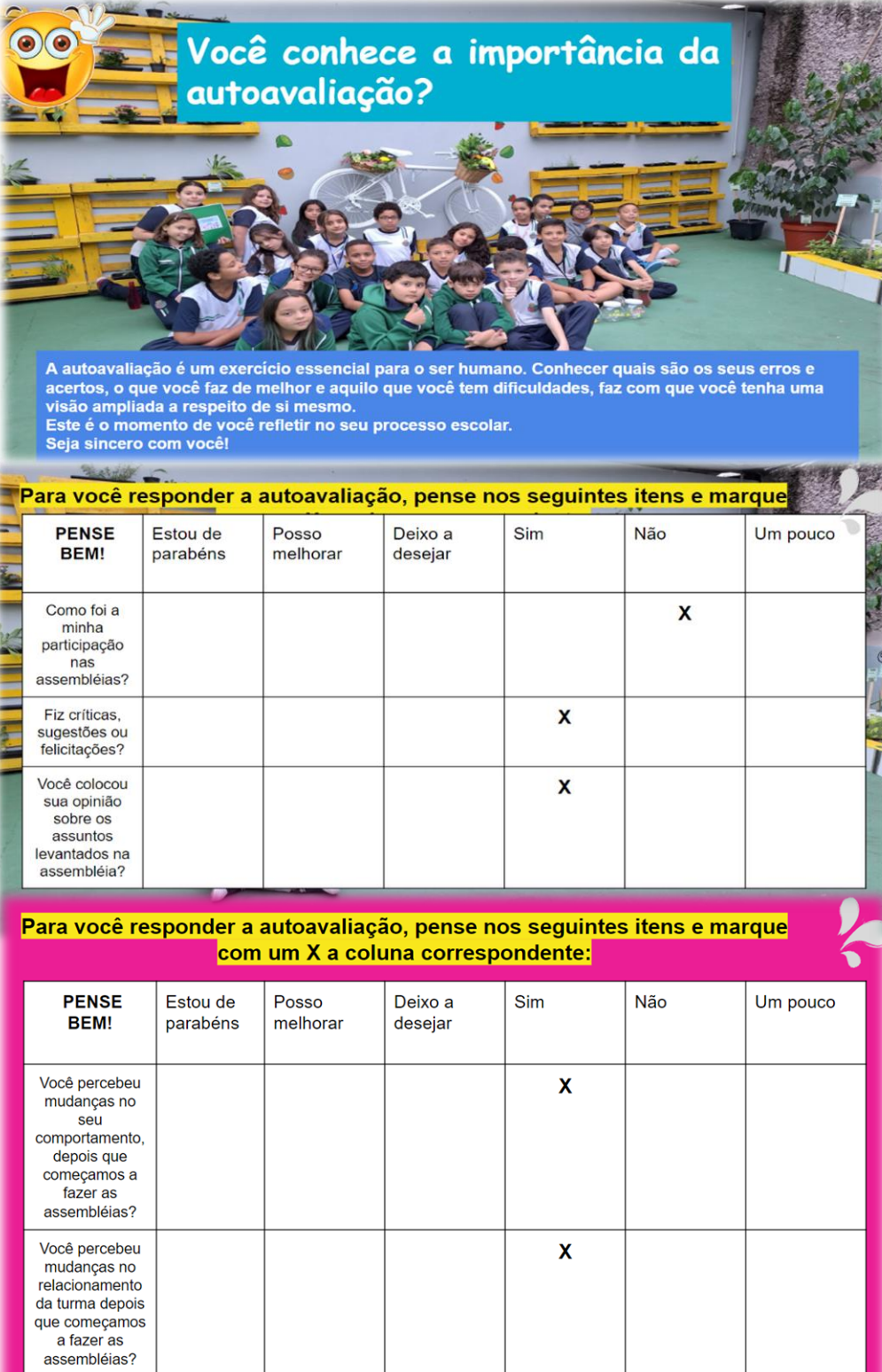
**Figura 33** – Último encontro do grupo de pesquisa



**Fonte:** Imagens coletadas pelo autor (2024)

Os professores relataram que durante o encerramento do projeto, os alunos pediram para que as assembleias continuassem a ser realizadas até o fim do ano letivo, sendo prontamente atendidos. Falaram sobre como foi “legal” conversarem e poderem resolver os problemas da sala. A docente responsável pelo 4º ano, de forma espontânea e inovadora, propôs uma autoavaliação para os estudantes do processo de realização de assembleias de classe.

**Figura 34** – Proposta de autoavaliação para alunos do 4º ano



**Você conhece a importância da autoavaliação?**

A autoavaliação é um exercício essencial para o ser humano. Conhecer quais são os seus erros e acertos, o que você faz de melhor e aquilo que você tem dificuldades, faz com que você tenha uma visão ampliada a respeito de si mesmo. Este é o momento de você refletir no seu processo escolar. Seja sincero com você!

**Para você responder a autoavaliação, pense nos seguintes itens e marque**

<b>PENSE BEM!</b>	Estou de parabéns	Posso melhorar	Deixo a desejar	Sim	Não	Um pouco
Como foi a minha participação nas assembléias?					X	
Fiz críticas, sugestões ou felicitações?				X		
Você colocou sua opinião sobre os assuntos levantados na assembléia?				X		

**Para você responder a autoavaliação, pense nos seguintes itens e marque com um X a coluna correspondente:**

<b>PENSE BEM!</b>	Estou de parabéns	Posso melhorar	Deixo a desejar	Sim	Não	Um pouco
Você percebeu mudanças no seu comportamento, depois que começamos a fazer as assembléias?				X		
Você percebeu mudanças no relacionamento da turma depois que começamos a fazer as assembléias?				X		

**Fonte:** Foto coletada pelo autor (2023) – apresentação elaborada por membro do grupo de pesquisa

Dentre os apontamentos relativos ao artigo, os docentes observaram que o artigo traz relatos positivos e negativos de alunos e professores em relação às assembleias de classe, que visa oportunizar a ampliação do diálogo, melhorar a convivência dos estudantes, viabilizar a resolução dos conflitos cotidianos, ampliar o respeito mútuo entre os participantes, valorizar a diversidade do modo de ser, agir e pensar, desenvolver sujeitos mais críticos, conscientes e autônomos que contribuem para a criação de relações mais saudáveis dentro e fora de sala de aula.

Ressaltaram a contribuição das assembleias para o desenvolvimento mental, interpessoal do estudante que tem a oportunidade de se expressar perante os seus colegas apresentando suas sugestões, críticas e felicitações, sentir-se parte do coletivo, compreendendo melhor seus direitos e deveres perante a sala de aula e a vida em sociedade.

Em seguida, analisamos a pesquisa desenvolvida pelo autor com alunos de uma escola comunitária de campinas, uma escola católica privada de São Paulo e uma pública de Minas Gerais, que apresentava uma tirinha de uma situação-problema, em que os alunos deveriam sugerir com o conflito poderia ser solucionado: de forma dialógica ou violenta. Observou-se que as escolas comunitárias tiveram um maior percentual de alunos que resolveriam a situação de modo mais dialógico, seguido pelas escolas privadas e as públicas, que obtiveram o pior resultado. A pesquisa também evidenciou, em resultados gerais, obtidos com a participação de 268 alunos, de 7 a 10 anos, que 74% dos estudantes resolveriam a situação de modo violento, contra 26% que buscaria o diálogo para resolver o conflito.

**Quadro 5** – Tabela presente no artigo de Ulisses F. A.

**Tabela 1** - Resolução de Conflitos e Assembleias Escolares

ESCOLA	SEXO	SOLUÇÃO				TOTAL
		DIALÓGO		NÃO-DIALÓGO		
		NUM	PORC	NUM	PORC	
Comunitária (Campinas)	MASC	10		35		45
	FEM	24		21		45
	<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>38%</b>	<b>56</b>	<b>62%</b>	<b>90</b>
Privada (SP)	MASC	10		28		38
	FEM	11		39		50
	<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>24%</b>	<b>67</b>	<b>76%</b>	<b>88</b>
Pública (Três corações)	MASC	07		37		44
	FEM	09		37		46
	<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>18%</b>	<b>74</b>	<b>82%</b>	<b>90</b>
<b>TOTAIS</b>		<b>71</b>	<b>26%</b>	<b>197</b>	<b>74%</b>	<b>268</b>

Fonte: Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [31]: 115 - 131, julho/dezembro 2008

Ao analisarmos os dados, é notório que mesmo após quinze anos da pesquisa realizada, ainda enfrentamos muita violência no ambiente escolar, que temos um longo caminho a percorrer em busca de uma escola mais segura, pacífica, empática, acolhedora, que preza pelo diálogo e o respeito entre os seres.

Ao término do compartilhamento de ideias referente ao nosso referencial teórico, cada participante teve a oportunidade de responder as perguntas: Como foi a experiência de coordenar A. C. (desafios e conquistas)? O que eu levo do projeto para minha prática profissional? O que mudou em mim?

Aberto o diálogo, houve grande ênfase sobre as modificações que a realização das assembleias despertou em cada membro do grupo de modo sensível. Sentindo-se à vontade para se expressar, como precisa ser em todo espaço democrático, os professores afirmaram que se sentiram receosos e preocupados no início do projeto, perguntavam a si mesmos se conseguiriam desenvolver as assembleias de modo produtivo e assertivo. Demonstravam preocupação sobre como seria a postura dos estudantes nos encontros, quais seriam as situações mais desafiadoras que poderiam enfrentar. Uma das participantes falou das dificuldades que enfrentou no início do projeto devido à preocupação em como conduzir as reuniões.

Reger as assembleias é um grande desafio pois exige do professor habilidades de mediação, maleabilidade para enfrentar imprevistos e tomar decisões:

A condução desse momento é um dos pontos mais críticos no espaço das assembleias e exige um nível de habilidade que só será possível de ser construído na prática cotidiana. Não se aprende a conduzir uma assembleia apenas por meio de livros e teorias. Tem de estar ali, sentindo os desafios de coordenar o uso da palavra por parte de vinte a quarenta pessoas, para se saber e aprender como fazê-lo. Como todo processo de aprendizagem, principalmente nos primeiros encontros, são imprescindíveis tempo, paciência e consciência do grupo para com o processo e para com a construção coletiva dos instrumentos que regularão o diálogo (Araújo, 2004, p.52).

Nossos professores-pesquisadores compreenderam ao longo da jornada que a cada encontro se sentiam mais aptos e seguros para desenvolver as reuniões com seus alunos, pois não há um padrão único de realização das assembleias, que adaptações e intervenções são necessárias a cada faixa etária, perfil da turma, conflitos existentes, características dos professores, etc. A cada encontro surgiam

novas ideias e possibilidades que não haviam sido programadas previamente. Ao dar espaço ao diálogo, a escuta ativa o relacionamento entre alunos, professor e a turma foi se tornando mais respeitoso e ético. Em cada contribuição ficou nítida, a transformação que o projeto proporcionou aos integrantes, até mesmo aos mais resistentes inicialmente.

Apresentamos algumas ricas contribuições dos participantes que discorreram sobre como se deu o processo de Coordenar as Assembleias de Classe, suas percepções emoções e como se sentiram durante a realização pesquisa:

*Foi uma experiência riquíssima que me fez olhar para minha prática pedagógica com um novo olhar. A princípio, foi extremamente desafiador colocar a proposta em prática pelo perfil agitado da sala, eles tiveram certa dificuldade em respeitar esse momento, algumas crianças faziam gracinhas tentando tirar o foco, outros acabavam se dispersando e alguns demoraram a de fato compreender a proposta. Porém ao longo das semanas, com a rotina de mantermos as assembleias e até mesmo com conversas que tínhamos em alguns momentos dentro da sala eles foram entendendo e tudo fez mais sentido. Acho importante ressaltar que nossos encontros e trocas de experiências também foram esclarecedores para mim, o que facilitou em novas tentativas e formas de conduzir a assembleia de classe. A maior conquista foi o envolvimento da turma, o amadurecimento que eles tiveram.*

No relato da orientadora educacional, percebemos o olhar da gestão educacional sobre as transformações advindas do projeto:

*Observei os alunos aplicando a experiência das assembleias. Inúmeras vezes, quando os alunos precisavam ir até a orientação educacional, relataram que os assuntos sobre respeito, empatia, bullying e etc., já haviam sido abordados nas conversas das assembleias de classe. Tais comentários surgiram por diferentes tipos de alunos. Eu aproveitava a situação e pedia para os próprios alunos resolverem o conflito e mediava a situação. O feedback dos alunos sobre as assembleias, foram extremamente pontuais e certos.*

Aqui podemos observar a importância do planejamento, da ação e reflexão para um novo replanejamento tão presentes na pesquisa-ação. Também notamos a evolução do profissional para solucionar problemas cotidianos, protagonismo para estabelecer novas rotas e estratégias:

*A grande experiência foi ter a oportunidade de agir, compreender, buscar alternativas, seguir, transformar, refletir, ajustar, dar novo significado nos desafios apresentados, considerar todos como agentes de evolução, com seus limites e habilidades. Pensar que todos nós evoluímos juntos, porém nossos créditos são subjetivos, isto é, pessoais. Cada sujeito tem sua*

*personalidade e requer nas relações interpessoais a responsabilidade de preservar o respeito, auxílio, afeto e harmonia com todos.*

Na próxima fala contemplamos a importância da escuta ativa por parte docente e discente:

*Foi uma vivência enriquecedora para mim, participar deste desafio. Acredito que é importante para os alunos e vai ao encontro das necessidades e anseios de todos nós. É importante dar esse espaço para eles, bem como é para mim escutá-los, fora do contexto formal de sala de aula.*

O professor iniciante necessita de auxílio em sua formação contínua, desde o seu ingresso na instituição. Fomentar a interação entre professores e alunos de modo ético é uma grande oportunidade para o desenvolvimento de respeito, confiança e coletividade:

*O fato de ser docente novato, na unidade de ensino, causou-me muitos anseios e medos no âmbito da aceitação pela turma de estudantes e a qualidade das interlocuções. Aos poucos notei que a assembleia, no seio de sua dinâmica, contribuiu para que desenvolvêssemos vivências ricas. O maior desafio na minha turma foi fazê-los compreender as regras da assembleia, o trabalho de escuta do colega foi um processo exaustivo e que ainda não foi finalizado, pois acredito que é um trabalho de médio a longo prazo.*

As assembleias de classe não têm a pretensão de acabar com os conflitos existentes na sala da aula, contudo, pode ampliar a participação dos estudantes, despertando o sentimento de confiança e autonomia:

*As crianças da minha turma são muito ansiosas e agitadas, tem uma necessidade enorme de serem ouvidas o tempo todo, a prática da escuta é um desafio e que necessita de tempo e paciência. As conquistas ao meu ver foram as pequenas realizações das crianças em cada assembleia, destaco um caso de uma aluna boa pedagogicamente e que apresenta médios e bons resultados escolares, porém muita tímida. Nos últimos encontros das assembleias, começou a colocar as suas ideias. Observei alterações relevantes, tornou-se menos introspectiva e suas notas aumentaram. As assembleias deram a ela um nível de confiança que dava voz a sua subjetividade, tanto no coletivo da sala de aula, e também na relação com sua irmã gêmea, pois sempre houve uma comparação familiar entre as duas, em que ela era sempre colocada como a menos capaz e insegura. Como professora sei das demandas necessárias (burocráticas, eventos, calendário escolar, entre outros) presentes em nossa realidade. Porém, existem muitas demandas “urgentes” e desnecessárias que acabam tomando nosso tempo em atividades e momentos que realmente importam dentro do contexto escolar. O projeto das Assembleias foi MUITO*

*significativo para mim e aos meus alunos, por isso defendo a ideia de termos um momento para isso, exclusivamente.*

A velocidade em que vivemos na contemporaneidade faz nos refletir sobre o que realmente tem importância e dá sentido à educação: primordialmente, as relações envoltas em ética, respeito e empatia.

*Desafios: otimizar o tempo de discussão, foi um grande desafio em função das demandas diárias do universo escolar. Conquistas: o princípio da conscientização dos nossos alunos. Viver num ambiente de harmonia e organização é uma das melhores coisas para todos.*

Solicitamos ao grupo que também compartilhasse suas percepções acerca das influências que a realização das assembleias causou em sua prática profissional. Por meio dos relatos, percebemos o comprometimento profissional dos docentes com o desenvolvimento dos estudantes e seu ofício:

*Compreendi claramente o quanto é importante ouvir nossos alunos e que não podemos subestimá-los. Por vezes “quebramos a cabeça” buscando alternativas para solucionar conflitos e diferentes situações que acontecem em nossa escola, quando a melhor alternativa é pedir para que os próprios alunos busquem soluções e nós como professores podemos mediar ao invés de chegar com alternativas prontas ou até mesmo de impor essas soluções. Assim ajudamos para que eles se tornem pessoas melhores, que saibam se posicionar diante das situações que aparecerem na vida, dentro e fora da escola.*

Quando um profissional da educação pode parar de estudar e aprender? Por meio dessa resposta podemos compreender que o caminho da aprendizagem é infundo, sempre aberto ao novo. Permitir-se experimentar novas práticas amplia as chances de sucesso e melhoria do ambiente profissional:

*Levo uma excelente vivência e a ideia de novos horizontes e possibilidades! Porque a prática de sala de aula, muitas vezes, é polvilhada de conflitos e questões que se chocam, como dificuldades de aprendizagem e/ou comportamento. A Assembleia de Classe é uma proposta para “estreitar” os laços com a turma, no sentido de nos igualarmos como humanos que somos... E, principalmente, amenizar conflitos. Ou quem sabe, auxiliar-nos a dialogar melhor em busca de mais afetividade e colaboração. Vejo que tal possibilidade nos traz ainda, flexibilidade para abordar temas transversais, abarcando ainda a possibilidade de utilizar textos variados (contos, fábulas, canções, poemas, etc.) como despertamento inicial, ou tão somente para ilustrar. Os desafios são diários. É no caminho da convivência que os desafios são superados. E o caminho para a não violência deve ser considerado em todas*

*as etapas desse desenvolvimento, com respeito, nos valores da solidariedade e da democracia.*

Para garantir o direito de aprendizagem de nossos estudantes é preciso oportunizar um ambiente mais democrático, em o ensino seja efetivado por meio do diálogo, da confiança e motivação:

*Tenho a certeza que tal atividade precisa ser levada para os anos seguintes, tornando-se uma prática com os estudantes. Os alunos precisam deste momento, de sentar em roda, falar, ouvir e ser ouvido. Quer seja por temas que eles mesmos abordam como necessário ou por temas que surjam em decorrência de algum conflito e/ou necessidade. A abordagem deve variar de acordo com a faixa etária e as necessidades específicas da classe. O importante é criar um ambiente em que os alunos se sintam ouvidos e capacitados a contribuir para o ambiente escolar.*

*Com esta experiência levo o fortalecimento da percepção da imprescindibilidade do ato da comunicação clara, limpa, ética e sensata, com vistas à construção da cultura da paz dentro e fora da escola.*

*Levo as assembleias de classe como prática pedagógica em minhas aulas, ao meu ver é um trabalho contínuo que colheremos os resultados lá na frente.*

Freire (1997) afirma que: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” Presenciamos as palavras de Paulo Freire em cada assembleia de classe, observando a evolução de professores e alunos, abertos a aprender uns com os outros de modo tão sublime e singelo ao mesmo tempo. A seguir, compartilhamos um pouco do que mudou no mais íntimo de cada integrante:

*Mudou a perspectiva; a prioridade, de certa forma. Mudou ainda a possibilidade de ser mais flexível, mais tolerante com as atitudes inadequadas dos alunos, pois passei a vê-los como são, de fato: crianças. Na classe essa visão fica, às vezes, embaçada pela complexidade de demandas e exigências. Mas ali, com eles, o tempo para um pouco. E só resta nós. De repente, parece que durante a Assembleia, tudo melhora: o comportamento, a coragem, a timidez cede. Por isso tudo acreditei e acredito na proposta de utilizar a Assembleia de Classe como exercício de cidadania, autoconhecimento e reflexão para a paz.*

*O saber ouvir é uma prática muito delicada e necessária. Enxergar a outra pessoa em suas dores, anseios, medos, desconfortos e até mesmo desajustes, em virtude das interações, é um saber/fazer necessário nos espaços tempos escolares. Levo comigo tal percepção.*

*Compreendi que tenho muito a ensinar e mais ainda a aprender. As crianças podem nos surpreender quando as ouvimos e direcionamos da maneira correta.*

Ao lecionarmos, precisamos compreender que sujeitos estamos formando: pessoas competitivas, individualistas, sem controle emocional, que resolvem seus

conflitos por meio da violência sistêmica ou pessoas que utilizam o diálogo para solucionar dificuldades de toda ordem. Em sala de aula são construídas diariamente as novas gerações. O olhar docente pode contribuir para a evolução dos “novos cidadãos”:

*Procurar ter um olhar mais atento aos detalhes, como o das crianças, que talvez todos nós, independentemente da idade, temos adormecido dentro de nós. Desacelerar quando possível e ser mais ouvinte dos alunos. Entender que os conflitos são geradores de possibilidades e discussões. Que não devemos apenas tentar apaziguar e calar, mas fazer com que as crianças reflitam sobre o ocorrido, sempre de forma autônoma para que tenha significado e relevância para eles.*

Como ensinar de uma forma que você não aprendeu e com modelos de professores que você não teve? Como se livrar dos padrões estabelecidos pela sociedade sobre o que é educação? Aqui ensinamos português, matemática... Educação vem de casa... Frases como essas ainda fazem parte da opinião de muitos educadores. Talvez uma possibilidade de resposta para essas indagações esteja presente nesta fala docente, sensível e, verdadeiramente, mais humana:

*Sinto que precisamos seguir nossa intuição para desenvolver os projetos, sentir e reconhecer os sentimentos. Tendo como base objetivos pré-definidos, boa intenção e determinação, tudo flui para agregar novos conhecimentos. Percebi a necessidade cada vez mais frequente e necessária dos alunos serem protagonistas do ensino/aprendizagem. Precisamos dar voz e vez aos alunos. Trabalhar com assembleias de classe pode ser uma forma eficaz de envolver os alunos na gestão e tomada de decisões relacionadas ao ambiente escolar. As assembleias de classe são uma oportunidade de desenvolver habilidades de liderança e responsabilidade nos alunos.*

Ao término do encontro, notamos nos semblantes dos presentes uma expressão de alívio, sensação de dever cumprido, orgulho, e contentamento pelo que foi realizado coletivamente. Por meio de agradecimentos, abraços e sorrisos, o que se viu foi o fortalecimento de uma equipe educacional, que, comprometida com a educação, aprendeu sobre: valores, gestão democrática, cidadania, ética, importância do diálogo para a resolução de conflitos com o grupo de pesquisa. Concomitantemente, ensinava aos seus alunos com base nos conhecimentos adquiridos empiricamente, transformando as palavras de Freire (1996) em realidade: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O término dessa dissertação se confunde com seu início, revelando o longo percurso que ainda percorreremos em busca do constante desenvolvimento pessoal e profissional que uma gestão qualificada e obstinada requer. As aprendizagens desenvolvidas neste projeto de pesquisa-ação trouxeram aos participantes a compreensão mais real do que a literatura pode oferecer: transformar em práticas cotidianas o que se concebe por meio da escrita e teoria. Pudemos acompanhar e vivenciar na prática os ensinamentos do trabalho inspirador de Ulisses Ferreira de Araújo que, mesmo escrito há mais de vinte anos, é tão atual, necessário e transformador.

Desenvolver ações e projetos relacionados à ética, às relações interpessoais, resolução de conflitos, gestão democrática, cidadania nas escolas é uma necessidade para educadores e gestores que compreendem o seu real papel de formadores e construtores de futuros agentes de mudança. Mais do que depósitos de conhecimentos científicos, precisamos desenvolver em nossos alunos, desde a tenra idade, a consciência crítica, a autonomia, a liberdade do pensamento, a compreensão de direitos e deveres, o autorrespeito, a tolerância, a resolução de conflitos internos e externos – infundáveis e inerentes ao ser humano em todas as etapas da vida.

Cumprindo o primeiro objetivo específico - realizar o registro documental de proposta de implementação de estratégias de gestão democrática em escolas da rede municipal de São Caetano do Sul - O rico acervo coletado nesta pesquisa revela a imensidão de possibilidades a serem estudadas, propostas em escolas e compartilhadas, em cento e vinte atas de registro das assembleias de classe, mais de quinhentas fotos e vídeos, seis horas de gravação dos seminários, instigantes relatos de experiência docente, atividades e textos. Transformar em palavras o que os olhos presenciaram, o que ouvimos de alunos e professores, e acima de tudo pudemos sentir em cada interação, diálogo, reflexão, discordância, construção de ideias, trabalho em equipe é uma tarefa hercúlea. Em cada material coletado, existe um potencial infinito de estudos para criação de artigos, ensaios, livros, porque carregam em si a sensibilidade que só é possível ser concebida quando se aflora de

forma espontânea, sincera e real, em um ambiente realmente democrático aberto ao compartilhamento de ideias e do que é importante para cada indivíduo.

Desde sua concepção, o cerne do objetivo geral dessa pesquisa - verificar quais são as contribuições advindas de um projeto piloto de implementação e institucionalização de assembleias de classe nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul - visa compreender as influências da implementação das assembleias de classe em uma instituição pública, prioritariamente, em seu corpo docente e gestor. Ao realizarmos um comparativo em relação à postura do coletivo em seu primeiro encontro e ao término da pesquisa, no sexto seminário, vislumbramos um grupo muito mais confiante, comprometido, engajado e orgulhoso do que construíram coletivamente. As apreensões iniciais em relação à falta de preparo, tempo e formação para a condução das assembleias foram substituídas por ideias inovadoras, sensibilidade no olhar cotidiano, melhor compreensão de sua função profissional e social enquanto docente.

Compreenderam que as assembleias precisam de regras estruturais para sustentar o ineditismo que cada encontro apresenta; por desencadear diálogos, análises de conflitos, embates, problemas e situações imprevistas e imprevisíveis que requerem a sua condução e mediação qualitativa. Vislumbraram na prática que não existem respostas prontas para um projeto que se faz em muitas mãos e ao mesmo tempo de modo individual, pessoal, autoral, que contempla as individualidades de cada turma e professor. Aprenderam a formular, reformular estratégias, ter uma escuta ativa e sensível para os seus alunos, assimilando o quanto as relações e problemas que contemplam uma sala de aula influenciam e contribuem para o processo de desenvolvimento cognitivo, psicossocial, emocional dos estudantes e do próprio educador.

Compreendendo que um professor não se faz apenas de palavras, discursos e teorias, mas de uma prática docente diária concisa de trabalho, os copesquisadores deste projeto espelharam em seus alunos o verdadeiro sentido do aprender por meio da admiração, do respeito, da contemplação de suas atitudes, sendo exemplos para autorregulação, reflexão e tomada de decisões. Ao efetivar o segundo objetivo específico da pesquisa - desenvolver, de forma colaborativa, um projeto piloto de implantação de assembleias de classe com professores dos anos iniciais do ensino

fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul – os docentes abriram uma janela que jamais será fechada para o exercício da docência em um ambiente que zela pela democracia, que amplia o espaço da participação coletiva, que promove o diálogo e a empatia em todas as relações, que não confunde autoridade com autoritarismo, que prima por transformar ao invés de deformar.

Presenciamos uma grande e espontânea assembleia de classe se estabelecendo em nosso projeto, gradativamente, enquanto nos encontrávamos presencialmente ou estabelecíamos contato pelo celular, compartilhávamos sugestões e vivências, fomos aprendendo juntos, dialogando, divergindo, convergindo em prol dos estudantes, de nossas práticas profissionais e até pessoais.

A essência do que queríamos ver nos encontros com os estudantes nasceu em nossos seminários inesquecíveis, sempre produtivos, em que professores se sentiam cada vez mais abertos a se expressar, dividir dúvidas, anseios, felicitações, indagações, insatisfações, sempre zelando pela forma de se comunicar.

Ancorados pela metodologia da pesquisa-ação colaborativa de Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina formamos um grupo unido e engajado, que absorveu os preceitos teóricos e os transformou em conhecimento empírico, de forma espontânea, natural e gradativa. O processo de formação de nossa equipe foi derivado da experiência e do desenvolvimento da prática. Os docentes ensinavam os alunos enquanto aprendiam com seus pares e à luz da literatura. De forma contínua, compreenderam como implementar ações de mudança em sua rotina de acordo com o contexto de suas turmas. Utilizaram as estruturas delimitadas para pesquisa-ação de Kurt Lewin, criando um grande espiral que tem início no planejamento (seminários), prosseguindo para a ação e observação (assembleias de classe), seguido da revisão do planejamento (seminários), voltando para a ação e observação (assembleia de classe), retomando o planejamento (assembleia de classe), em um processo cíclico em permanente movimento.

Os participantes ganharam confiança para se integrarem ativamente no processo de construção da pesquisa, atuando como protagonistas, sentindo-se estimulados a se desprenderem de receios comumente presentes nas relações de hierarquia, que permeiam os ambientes escolares. Justamente por ocorrer de forma voluntária e espontânea, a participação dos copesquisadores sublimou a hierarquia

de cargos entre diretor, pesquisadores, professores, orientadora, coordenadora, combatendo o sentimento de superioridade ou inferioridade durante os encontros e desenvolvimento da pesquisa.

Sentindo-se livres, falaram, ouviram, sugeriram, criticaram, elogiaram, refletiram, se emocionaram com relatos carregados de pureza, verdade e significados que extrapolam as estruturas físicas de uma escola e passam a reverberar em suas vidas e de seus estudantes. Em um dos inúmeros momentos em que fomos acometidos por forte emoção, uma professora relatou que durante uma assembleia de classe houve um conflito entre estudantes. Após a dissolução do imbróglio, uma das alunas envolvidas afirmou que seus pais costumavam ter “conversas muito altas” e questionou a mestre: “prô, por que a gente não consegue resolver os problemas dos adultos”?

A resposta à pergunta existencial da estudante é complexa, envolve muitos fatores e subjetividades que compõem cada indivíduo. A assembleia de classe isoladamente não conseguirá transpor barreiras em relação ao modo de ser e agir dos estudantes, nem responder essa questão, contudo, aliada a um ambiente democrático que une alunos, professores e funcionários na construção de relações interpessoais mais éticas, baseadas no respeito, na confiança, na sinceridade, na empatia e isonomia, contribui para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes, aptos a resolver os desafios que lhe serão impostos durante a vida.

Cumprindo a função do mestrado profissional que visa desenvolver pesquisas que colaborem com a educação básica nacional, este projeto atinge seu objetivo de integrar em seus resultados a melhoria na comunicação dos alunos, nas relações interpessoais dos estudantes, no clima escolar, na ampliação de espaços democráticos, na união e participação efetiva do corpo docente, na formação e qualificação profissional do grupo de pesquisa e no incentivo ao estudo acadêmico. Sua existência possibilitou o plantio de inúmeras sementes, no mais íntimo do ser de cada estudante e membro do grupo de pesquisa, que talvez não veremos germinar, nem tão pouco colher, mas que precisamos regar constantemente com o que temos de melhor. Talvez a missão das assembleias de classe seja essa: criar espaços para o plantio de sementes de palavras, que poderão se transformar em frutíferos sentimentos e atitudes, promovendo uma linda colheita para as próximas gerações.

Compartilhar o nosso pote de sementes compreende o terceiro objetivo específico da pesquisa - formular uma proposta de implementação de assembleia de classe como política pública curricular no município de São Caetano do Sul – fomentando a disseminação do produto educacional com diretrizes para implementação de assembleias de classe na rede municipal de ensino municipal de ensino, em território nacional e internacional.

Este trabalho não se encerra em si mesmo, pelo contrário, abre as portas do conhecimento para novos estudos mais aprofundados bibliograficamente, reflexões, possibilidades e compartilhamento de saberes. De modo singelo, buscou contribuir com a realidade de uma unidade escolar, promovendo o direito à liberdade de expressão, a valorização das diferenças e de boas práticas, compreendendo que não existe um caminho para a democracia, porque a democracia é o próprio caminho.

## 6 PRODUTO EDUCACIONAL

O terceiro objetivo específico desta pesquisa compreende: formular uma proposta de institucionalização de assembleia de classe como política pública curricular no município de São Caetano do Sul. Para execução deste objetivo serão produzidas como produto educacional diretrizes para Implementação de Assembleias de Classes, com textos, fotos, vídeos e materiais utilizados durante a pesquisa que possibilitem a difusão e disseminação desta prática pedagógica.

O produto educacional produzido será disponibilizado em formato digital, hospedado em endereço eletrônico a ser divulgado ao término da pesquisa, objetivando sua ampla divulgação no município em que foi realizado e demais localidades.

**Figura 35**– Estrutura do Produto



Fonte: Imagem produzida pelo autor (2024)

Destinado a professores, gestores e profissionais da educação, o material elaborado apresentará relatos dos colaboradores da pesquisa, sugestões e pontos de atenção para a implementação de assembleias de classe. Visa aproximar os leitores da prática desenvolvida de forma acolhedora e incentivadora, os motivando a desenvolver o projeto em suas escolas. Dotado de uma linguagem mais informal e, ao mesmo tempo didática, o produto trará reflexões e contribuições que a implementação das assembleias pode trazer ao cotidiano escolar.

Estruturalmente, contempla uma apresentação inicial dos pesquisadores bem como a temática que envolve a assembleia de classe, uma breve contextualização da educação contemporânea, seus desafios, possíveis intervenções para melhoria contínua do clima escolar e do desenvolvimento de escolas mais democráticas. Busca contextualizar o tema e situar o leitor “gestor” perante sua realidade.

Nas seções: *CONHECENDO AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE: QUANDO, COMO E POR QUÊ?* e *RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS NECESSÁRIOS* serão disponibilizados textos, fotos e vídeos que auxiliam o leitor a colocar em prática as assembleias de classe em sua escola, passo a passo, de forma bem descritiva e intuitiva.

A seção *MEDIAÇÃO/INTERVENÇÃO* discorre sobre a importância das regras para o desenvolvimento do projeto, da postura do professor-mediador, possíveis intervenções e sugestões para prováveis conflitos. Aborda o ineditismo que cada assembleia apresenta, por ser definida pelo contexto em que está inserida (social, territorial, estrutural).

A seguir, em *COMPARTILHANDO*, são apresentadas partes do acervo, pontos de atenção, sugestões e ideias, concebendo que o modelo de apresentação realizado na instituição de São Caetano do Sul pode e necessita ser adaptado ao cotidiano de cada unidade escolar, que não se trata de um molde fechado, mas sim um projeto em constante evolução, construído coletivamente por seus participantes.

O encerramento do produto apresenta os contatos do pesquisador para compartilhamento de materiais e auxílio na implementação de assembleias de classe, compreendendo o real sentido de um produto educacional: “Os recursos educativos têm se constituindo como um acervo elaborado pelos próprios profissionais e que

possibilita, à Educação Básica, um apoio diante de seus múltiplos desafios”, Zaidan, Reis & Kawasaki (2020).

A criação deste produto busca contribuir para o exercício gestão democrática, melhoria das relações escolares e aperfeiçoamento das práticas educacionais que beneficiem toda comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses, F. **Assembléia Escolar**: Um caminho para a resolução de conflitos: São Paulo, Moderna, 2004.

ARAÚJO, Ulisses, F., PUIG, Jose Maria; ARANTES, Valeria Amorim (org.). **Educação e valores**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. São Paulo. Nova Cultural: 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da democracia (uma defesa das regras do jogo)**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 171 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 13 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 10 de nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dados da Covid-19**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 de nov. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **90 anos da Justiça Eleitoral**: 12 eleições presidenciais já foram realizadas no Brasil desde 1945. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/90-anos-da-justica-eleitoral-12-eleicoes-presidenciais-ja-foram-realizadas-no-brasil-desde-1945>. Acesso em 23 março. 2024.

CONTER, Clarice da Silva. **A prática das assembleias de classe em uma escola da rede marista e sua implicação na concepção da educação integral.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7281>. Acesso em 09 de set. 2023.

DIAS, Carmem Lucia; COLOMBO, Terezinha Ferreira da Silva. **A indisciplina na instituição escolar: o trabalho com assembleias de classe no desenvolvimento de crianças morais autônomas.** Educação, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 361–374, 2013. DOI: 10.5902/198464445062. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/5062>. Acesso em: 9 set. 2023.

Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida. **G1 Mogi das Cruzes e Suzano.** São Paulo, 13 de março de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>. Acesso em: 12 nov. 2022.

DRABACH, Nadia Pedrotti. **A trajetória da administração da educação pública no Brasil e a construção da democracia.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 51, p. 42-53, junho, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/208945851-Revista-histedbr-on-line-a-trajetoria-da-administracao-da-educacao-publica-no-brasil-e-a-construcao-da-democracia.html>. Acesso em: 18 mar. 2023.

COSTA, T. A.; ARAÚJO, W.; PONCE, B. J. **Política de Currículo Participativa e Justiça Curricular: A experiência da Mobilização Sociopolítica do ADE (Arranjo de Desenvolvimento da Educação) da Chapada Diamantina (BA).** Revista Espaço do Currículo, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1–22, 2023. DOI: 10.15687/rec.v16i1.66115. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/66115>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo.** 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAUJO, Francisco Antonio. (Orgs.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes.** Teresina: EDUFPI, 2016.

KRUSE, Túlio & PALHARES, Isabela. **Professor brasileiro é um dos que mais sofrem com intimidação e bullying.** Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/educacao/docentes-brasileiros-perdem-mais-tempo-de-aula-e-lidam-mais-com-bullying-que-a-media-internacional/>. Acesso em 15 set. 2023.

LIMA, Idalice Ribeiro Silva & OLIVEIRA, Régia Cristina Oliveira. **A demolição da construção democrática da educação no Brasil sombrio**. Porto Alegre, Zouk, 2021, 524 págs.

LINHARES, Maria Beatriz Martins & MARTINS, Carolina Beatriz Savegnago. **O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HGWM5kyQb744C3YkT6YgKGp/?lang=pt#>

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p.11.

LUIZ, M. C. (Org.). **Mentoria de diretores escolares: orientações práticas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/mentoria-de-diretores-de-escolaorientacoes-praticas/>. Acesso em 01 de mai. 2024.

MANTOVANI, Claudia Kampus. **A assembleia de classe como prática possibilitadora da vivência democrática: uma experiência com alunos do Ensino Fundamental 2**. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19928>. Acesso em: 09 set. 2023.

MARCILIO, Roberta Bailoni. **A democratização das relações interpessoais na escola: um estudo sobre as assembleias de classe**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, 2005. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1599946>. Acesso em: 09 set. 2023.

MOURA, Maria Suzana de Souza; GIANNELLA, Valéria. **A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento**. **Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 9–24, 2017. DOI: 10.5216/teri.v6i1.40739. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/40739>. Acesso em: 5 maio. 2024.

OLIVEIRA, Cristiane Santiago de. **A assembleia de classe como recurso didático para a construção da argumentação moral na educação básica**. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15118>. Acesso em: 09 set. 2023.

OLIVEIRA, Fabiana, NOBRES, Juirana, LOPES, Viviane. **Ataque em escolas deixa três mortos e 13 feridos em Aracruz, no ES**, disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/11/25/ataques-em-duas-escolas-deixam-feridos-em-aracruz-norte-do-es.ghtml>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org> Acesso em: 8 ago. 2022.

PALHARES, Isabela, **Para 65,8% dos professores, alunos estão mais violentos após pandemia**, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/08/para-658-dos-professores-alunos-estao-mais-violentos-apos-pandemia.shtml>. Acesso em 14 mar.2022.

PALHARES, Isabela, **Ataques em escolas são resultado de política de ódio e incentivo às armas, diz educadora**, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/11/ataques-em-escolas-e-resultado-de-politica-de-odio-e-incentivo-as-armas-diz-educadora.shtml>. Acesso em: 11 mar.2022.

PUIG, Josep. **Democracia e participação escolar**. São Paulo: Moderna, 2000.

SASTRE, Genoveva. & MORENO, Montserrat. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional: gênero e transversalidade**. São Paulo: Moderna, 2002.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

STUCCHI, Mariza Pavan; SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **Assembleia de classe como espaço educativo de convivência, autonomia e problematização da realidade**. Quaestio - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 249–270, 2020. DOI: 10.22483/2177-5796.2020v22n1p249-270. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3555>. Acesso em: 9 set. 2023.

TORDIN, Denise Cristina. **Retecendo Voz E Vez: O Papel Das Assembleias De Classe Na Mediação E Na Resolução De Conflitos**. Dissertação (Mestrado em

Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15569>. Acesso em: 09 de set. 2023.

TORDIN, Denise Cristina; MENDONÇA, Samuel. **Assembleias de classe e a autoética pela perspectiva de Edgar Morin. Pro-Posições**, v. 33, p. e20210007, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0007>. Acesso em: 9 set. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

VANNI, Verônica Nogueira. **As práticas morais e a aprendizagem de valores e regras: experiência com assembleias em uma escola pública de ensino fundamental I**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2017. Disponível em: <http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/handle/jspui/1029>. Acesso em 09 de set. 2023.

**Violência nas escolas cresce e especialista alerta para reflexo da pandemia. G1 Tocantins e TV Anhanguera**. São Paulo, 31 de agosto de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2022/08/31/violencia-nas-escolas-cresce-e-especialista-alerta-para-reflexo-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2022.

ZAIDAN, S.; REIS, D. A. de F. R.; KAWASAKI, T., F **Produto educacional: desafio do mestrado profissional em educação**. RBPG, Brasília, v.16, n.35, 2020. <file:///C:/Users/EMEF-804/Downloads/24436828115,+SAMIRA+ZAIDAN.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2024.

## APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



### AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Daniela Harumi Hikawa, Diretora de Educação Integrada da Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul, **autorizo** que o projeto de pesquisa ASSEMBLEIAS DE CLASSE COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO DEMOCRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA NA REDE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, sob a responsabilidade do pesquisador Tiago Luiz de Araújo, com orientação da Profa. Dra. Sanny Silva da Rosa, seja desenvolvido na EMEF Senador Fláquer, devendo os dados da pesquisa serem coletados conforme descrição no projeto encaminhado.

Reitero que deverão ser obedecidas todas as disposições éticas de proteção da instituição escolar e dos participantes da pesquisa, assegurando a privacidade das pessoas citadas e/ou contatadas nos documentos institucionais, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não serão utilizadas as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando-se, portanto, as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS No 466/2012, e obedecendo às disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

São Caetano do Sul, 21 de agosto de 2023.



Daniela Harumi Hikawa  
Diretora de Educação Integrada

## **APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO**

### **Termo de consentimento livre e esclarecido**

#### **UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **ASSEMBLEIAS DE CLASSE COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO DEMOCRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA NA REDE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL**, sob responsabilidade do pesquisador Tiago Luiz de Araujo, mestrando da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), orientado pela Professora Dra. Sanny Silva da Rosa, objetivando verificar quais são as contribuições advindas de um projeto piloto de implementação e institucionalização de assembleias de classe nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul.

A abordagem utilizada no trabalho é qualitativa, sendo norteadada pelo contexto em que o problema está inserido, pelas percepções e atributos de seus participantes. De natureza aplicada, a tese busca de forma inédita, obter saberes singulares, visando a compreensão da influência da realização das assembleias escolares no cotidiano escolar, pela ótica da gestão democrática. Quanto aos objetivos, será exploratória, haja vista que se apropriará do assunto estudado, relatará a construção de novos conceitos e transformação de hipóteses iniciais.

Seguindo os referenciais teóricos, a construção e implementação das assembleias de classe será realizada de forma gradativa e coletiva, levando em consideração o conhecimento e contribuições de todos os envolvidos. Pretende-se realizar seis seminários com o grupo de professores e equipe gestora para delineamento da estrutura inicial do projeto, apresentação de resultados, compartilhamento de ideias, proposição de novas ações, alinhamento de estratégias, acompanhamento contínuo e decisões coletivas. Também serão realizadas doze assembleias de classe com estudantes, mediadas pelos participantes. A pesquisa será realizada de forma colaborativa por meio de uma pesquisa-ação.

Os encontros realizados com o grupo serão filmados e transcritos, assim como as atas dos seminários e das assembleias de classe. Todos os registros farão parte do acervo que irá compor a trajetória da pesquisa. Serão cumpridos, integralmente, os cuidados éticos em pesquisa com os seres humanos observados, de acordo com os termos da Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

A pesquisa visa: realizar o registro documental de proposta de implementação de estratégias de gestão democrática em escolas da rede municipal de São Caetano do Sul; desenvolver, de forma colaborativa, um projeto piloto de implantação de assembleias de classe com professores dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola municipal de São Caetano do Sul; formular uma proposta de institucionalização de assembleia de classe como política pública curricular no município de São Caetano do Sul.

A identidade dos participantes será mantida em absoluto sigilo, bem como os dados dos integrantes da pesquisa serão utilizados apenas para desenvolvimento do projeto. A participação do indivíduo na pesquisa não oferece qualquer risco a sua integridade física. Todos participantes terão direito a esclarecimento de dúvidas, liberdade para a desistência de sua participação a qualquer instante, sem qualquer dano. Caso ocorra algum dano ao sujeito em decorrência de sua participação na pesquisa, a responsabilidade será da instituição de ensino e dos pesquisadores. O pesquisador compromete-se a arcar com possíveis custos adicionais.

Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em congressos, publicados em revistas e eventos acadêmicos, sempre preservando o anonimato e sigilo dos dados de seus participantes, com o objetivo de contribuir com a educação.

Para esclarecimentos ou dúvidas, o participante precisa entrar em contato com o pesquisador responsável Tiago Luiz de Araujo pelo telefone: (11) 99371-8557 ou e-mail: [tiagoaraujo@scseduca.com.br](mailto:tiagoaraujo@scseduca.com.br), caso não se sinta atendido em suas solicitações, o participante poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), situado à Rua Santo Antônio, 50 – Centro, Campus Centro da USCS, São Caetano do Sul. Fone (11) 4239.3217 ou ainda através do e-mail: [cep.uscs@uscs.edu.br](mailto:cep.uscs@uscs.edu.br)

### **Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura de todas as informações presentes no termo de consentimento, aceito participar, de livre e espontânea vontade, desta pesquisa, ciente de que não receberei nenhuma remuneração ou ônus advindo da pesquisa. Autorizo a publicação e divulgação de toda colaboração por mim realizada neste trabalho, em congressos, eventos, trabalhos científicos, livros, excetuando-se todos os meus dados pessoais. Assino o presente termo, em duas vias, juntamente com o pesquisador. Uma via deste documento será entregue ao pesquisador e a outra ao participante.

São Caetano do Sul \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante  
(ou responsável)

### **IMPORTANTE:**

**Caso o participante seja menor de 18 anos, esse termo precisa ser assinado pelo responsável legal, juntamente com o termo de Assentimento.**

## APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM DOS ESTUDANTES

		<b>E.M.E.F. "Senador Flaquer"</b> <small>Autorização de funcionamento: Decreto Estadual nº 43.072, de 04/05/1998 e pela Lei Municipal nº 4.454 de 22/11/2005</small>		<div style="border: 1px solid orange; padding: 2px; display: inline-block;">2024</div>			
<b>AUTORIZAÇÕES: Educação Física/ Uso de Imagem/ Extra Classe</b>							
<b>Aluno(a):</b>				<b>Data de nascimento:</b> ___ / ___ / ___			
<b>Nome Social-</b> <small>Res. 12.115 de</small>				<b>RG:</b>			
Cidade de nascimento:			Estado:		UF		
Endereço:				Complemento:			
Bairro:		Cidade:		UF: SP	CEP:		
<b>DADOS DOS PAIS</b>							
Nome do Pai: _____				RG: _____			
E-MAIL: _____							
Nome da Mãe: _____				RG: _____			
EMAIL: _____							
Telefone Fixo: _____		Telefone 1: _____		Telefone 2: _____		Telefone 3: _____	
Nome: _____		Nome: _____		Nome: _____		Nome: _____	
<b>AUTORIZAÇÕES</b>							
Eu, _____				RG: _____			
responsável pelo(a) aluno(a)							
<b>PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA</b>							
<input type="checkbox"/> <b>Autorizo</b> a prática de Educação Física, conforme cópia da Resolução nº 40 de 04/02/1993, em meu poder.							
<input type="checkbox"/> <b>Autorizo com observações.</b> O(a) aluno(a) necessita de alguns cuidados durante as aulas práticas de Educação Física e Esportes.							
<input type="checkbox"/> <b>Autorizo com restrição.</b> O(a) aluno(a) recebeu as seguintes indicações ou restrições médicas: _____							
<b>USO DE IMAGEM EM PRODUÇÃO</b>							
<input type="checkbox"/> <b>Autorizo</b> a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e/ou a EMEF Senador Flaquer, o uso de direito de nome, imagens e trabalhos relativos à sua participação em campanhas institucionais e homenagens.  A cessão ora é feita para a livre utilização em qualquer tempo, autorizando conseqüentemente e universalmente, sua exibição em toda e qualquer exploração comercial, distribuição e exibição da obra audiovisual por todo e qualquer veículo, suplemento jornalístico, processo ou meio de comunicação de publicidade existente, ou que venham a ser criados notadamente. A autorização também é válida para divulgação e/ou publicidade em revistas, jornais, televisão, cinema e internet para exibição pública e domiciliar; reprodução no Brasil e no exterior, sem fins lucrativo. Para tanto, atesto ter contribuído voluntariamente para o banco de imagens desta Prefeitura e /ou Unidade Escolar, sem qualquer ônus para as mesmas.							
<input type="checkbox"/> <b>Não Autorizo.</b>							